

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

PPGS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“É subúrbio isto aqui”:**

Urbanidade e memória dos moradores do bairro de Ponta  
Grossa – Maceió – Alagoas.

**José de Oliveira Junior.**

**MACEIÓ  
2009.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO  
PPGS

**José de Oliveira Junior**

**“É subúrbio isto aqui”:**

Urbanidade e memória dos moradores do bairro de Ponta Grossa

– Maceió – Alagoas.

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

**Orientador: Prof. Dr. Walter Matias de Lima.**

Maceió  
2009.

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

O48e Oliveira Junior, José de.  
“É subúrbio isto aqui”: urbanidade e memória dos moradores do bairro de Ponta Grossa – Maceió – Alagoas / José de Oliveira Junior, 2009.  
152 f.: il.

Orientador: Walter Matias Lima.  
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2009.

Bibliografia: f. 142147.  
Anexos: f. 148-152.

1. Sociologia urbana. 2. Urbanização – Maceió (AL). 3. Bairro de Ponta Grossa (Maceió, AL) – Memória. I. Título.

CDU: 316.334.56(813.5)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS



Ata nº 25 da Sessão da Defesa de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas.

Aos dezesseis dias do mês de outubro de ano de dois mil e nove, foi instalada a Banca de Defesa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas, às 17:00 horas no mini-auditorio, localizado no Instituto de Ciências Sociais, a que se submeteu o(a) mestrando(a) José de Oliveira Júnior

(nacionalidade), Dissertação ligada a Linha de Pesquisa do PPGS com o seguinte título: "É submerso isto aqui?: Os banhos de de e memória dos moradores de Terra Grossa no rio."

apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre, conforme disposto no regulamento deste Programa, e tendo como Banca Examinadora, já referendada pelo Colegiado do Curso, os seguintes Professores Doutores:

1. Dr. Wilton Martins Lima
2. Dr. Cláudio Alves Rafael
3. Dona. Silvana Marques

sob Wilton Martins Lima presidência

do(a) Wilton Martins Lima.  
Analisando o trabalho, a Banca Examinadora atribui o conceito aprovado

Assinatura  
Wilton Martins Lima  
José de Oliveira Júnior  
16/10/2009

## AGRADECIMENTOS

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Instituto de Ciências Sociais.

A minha família, em especial minha avó **Maria José de Oliveira** que me deu afeto e condições de seguir a lida. As minhas tias e meus tios que sempre se preocuparam com minha educação e formação humana.

Aos amigos e amigas de conversas, caminhadas e baladas.

A FAPEAL pela concessão de bolsa, pois sem este auxílio não seria possível dedicação exclusiva para a pesquisa.

*“Todos estes que aí estão atravancando meu caminho, Eles passarão Eu passarinho”*  
(Mário Quintana).

## **DEDICATÓRIA**

Aos moradores do bairro de Ponta Grossa que me deram condições de realizar esta pesquisa e que contribuíram com suas preciosas informações e inquietações.

A minha amada e estimada avó, Maria José de Oliveira; meus tios e tias. Meu pai.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS, e do Instituto de Ciências Sociais – ICS/UFAL.

## **Resumo**

A cidade de Maceió situada no Estado de Alagoas possuía 25 espaços habitados considerados como bairro. No ano 2000 o número de bairros na cidade aumenta para 50. Com esta nova configuração os espaços habitados da cidade passaram a ser divididos em sete regiões administrativas. Cada localidade reúne um grupo de bairros de uma mesma região administrativa. Deste modo, Ponta Grossa é um dos mais antigos da cidade de Maceió que sofreu e vem sofrendo alterações significativas com os avanços da urbanização e o modo de ser da urbanidade verificada nos últimos tempos no mundo, no país e na capital. Ao longo do tempo habitado o número de moradores desta localidade vem crescendo expressivamente e, com isso, surgiu também às transformações das antigas formas de sociabilidade. Pesquisou-se a história e identidade sócio-espacial do bairro de Ponta Grossa, sendo o objetivo desta investigação a construção urbana da sociedade brasileira através da urbanização do bairro e a memória e história dos moradores desta localidade da cidade de Maceió.

**Palavras-chaves: Sociologia, Urbanização, Cidade, Memória e Pensamento Social.**

## **Abstract**

The city of Maceió situated in the State of Alagoas had 25 lived spaces considered like district. In the 2000 year the number of districts in the city increases for 50. With this new configuration the lived spaces of the city started to be divided in seven administrative regions. Each town joins a group of districts of the same administrative region. In this way, Ponta Grossa is one of the most ancient of the city of Maceió that suffered and it is suffering significant alterations with the advancements of the urbanization and the way of being of the courtesy checked in the last times in the world, in the country and in the capital. Along the time lived in the residents' number of this town it is growing expressively and, with that, it appeared also to the transformations of the ancient forms of sociability. There investigated the history and identity space-partner of the district of Ponta Grossa, being the objective of this investigation to urbane construction of the Brazilian society through the urbanization of the district and the memory and history of the residents of this town of the city of Maceió.

**Key-words:** Sociology, Urbanization, City, Memory and Social mind.

<b>SUMÁRIO</b>
----------------

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – Orientações teóricas na abordagem do urbano.....</b>	<b>29</b>
1.1. A cidade através da história e do pensamento sociológico.....	33
1.2. Urbanização e Urbanidade.....	38
1.3. A construção urbana no Brasil.....	45
1.4. A construção urbana da cidade de Maceió.....	52
<b>CAPÍTULO II – Memória e Identidade sócio-espacial.....</b>	<b>69</b>
2.1. O bairro na Memória.....	71
2.2. Memória e Identidades.....	87
2.3. O lugar na memória.....	90
2.4. Memória e Sociedade.....	94
<b>CAPÍTULO III – O Bairro: tempo e espaço habitado.....</b>	<b>104</b>
3.1. A cidade e a formação de seus bairros.....	107
3.2. O bairro de Ponta Grossa.....	112
3.3. Dados da entrevista estruturada (questionário).....	122
3.4. As ruas, um bairro.....	135
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>140</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>142</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>148</b>
<b>Anexo 1- Roteiro de pesquisa (entrevista).....</b>	<b>149</b>
<b>Anexo 2 - Questionário sobre o bairro de Ponta Grossa.....</b>	<b>150</b>

## ÍNDICE DE IMAGENS

Antiga matriz de Maceió.....	55
Catedral Metropolitana.....	55
Povoado da Boca de Maceió.....	56
Povoado da Boca de Maceió.....	56
Antiga boca de Maceió, agora urbanizada mostrando o Hotel Bella Vista no Centro da cidade.....	57
Ponte de embarque do Jaraguá.....	58
Portal de entrada para ponte de embarque do Jaraguá.....	58
Praça D. Pedro II.....	60
Matriz de Nossa Senhora Mãe do Povo em Jaraguá.....	61
Vista de Maceió do mar da avenida no final do século XIX.....	61
Praça Dois Leões.....	64
Praça Dois Leões vista de outro ângulo.....	65
Vista Panorâmica da cidade no começo do século XX.....	66
Praça Santo Antonio, porta de entrada para o bairro de Ponta Grossa para quem vem do Centro ou do Mercado.....	73
Avenida Silvestre Péricles de Góes Monteiro.....	74
Rua Santa Catarina.....	75
Rua José Correia de Melo, antiga Rua da Glória.....	76

Praça 11 de Junho.....	78
Rua Formosa.....	79
Praça Moleque Namorador.....	84
Imagens de Satélite da área urbana de Maceió com a demarcação dos cinquenta bairros.....	111
Maceió década de 40 mostrando um Zepelin.....	115
Moleque Namorador.....	117
Casa Tradicional dos moradores mais humildes.....	120
Praça Ciro Acioli.....	124
Praça Santa Teresa.....	125

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa da cidade de Maceió.....	68
Mapa do bairro de Ponta Grossa.....	112
Fotografia do Mapa dos bairros.....	122

## ÍNDICE DE DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO E GRÁFICOS

Distribuição da população por bairros 1996 – 2000.....	109
Gráfico – Distribuição dos entrevistados segundo gênero.....	126
Gráfico – Distribuição dos entrevistados segundo a naturalidade.....	126
Gráfico – Distribuição dos entrevistados em relação ao estado civil.....	127
Gráfico – Distribuição dos entrevistados em relação a residência.....	128
Gráfico – Distribuição dos entrevistados por renda per capita.....	128
Gráfico – Distribuição dos entrevistados em relação à quantidade de pessoas na família.....	129
Gráfico – Distribuição dos entrevistados em relação ao nível de escolaridade da família.....	130
Gráfico – Distribuição dos entrevistados sobre o tempo de residência no bairro.....	130
Gráfico – Classificação sobre morar no bairro.....	131
Gráfico – A visão dos entrevistados em relação aos políticos.....	132
Gráfico – Distribuição dos entrevistados em relação à religiosidade.....	132
Gráfico – Visão dos entrevistados sobre o sistema de transporte público.....	133

## Introdução

Sigo sentindo o cheiro das ruas. Cada uma delas por onde passa o ônibus, traz-me odores e me traz lembranças. [...] É subúrbio isto aqui. Bairro é melhor assim (JAMBO: 1998, p. 19).

A partir da epígrafe de Arnaldo JAMBO (1998), quando em cuja obra descrevia suas sensações e percepções a respeito do bairro do Poço, em Maceió, foi possível pensar o bairro de Ponta Grossa, também localizado na cidade a partir da história através das memórias. Sua abordagem sobre a história espacial e social se faz necessária porque estaremos descrevendo percepções, sentimentos, pontos de vista. Sendo o objeto desta investigação a construção urbana através do desenvolvimento da cidade, da urbanização e da memória e história dos moradores de uma localidade e comunidade. Deste modo, analisamos o surgimento do bairro de Ponta Grossa para que pudéssemos entender o que pensam seus moradores acerca do local. Quem são as pessoas que vivem no bairro. E o que pensam. Como vivem. Como vêem o lugar que habita. Pretendemos refletir a respeito da condição humana de sujeitos que constroem a sociedade e comunidade num mundo marcado pela diferença, exclusão, falta de respeito, à vida na cidade e a superação das dificuldades impostas pelo sistema capitalista no modo de gerir nossa conduta dentro da sociedade contemporânea complexa.

Para BAUMAN (2003), comunidade é sempre uma coisa boa. Produz uma sensação boa devido os significados que a palavra carrega. Comunidade é um lugar onde as pessoas em sua cotidianidade constroem suas identidades em relação ao local habitado formando uma rede de relações e interações. Estudar o local é importante para que possamos perceber de que maneira o processo de urbanização das cidades – e mais

especificamente da cidade de Maceió – vem se desenvolvendo e de que forma pensamos os espaços sociais e culturais populares no Brasil. Através da memória individual dos moradores do bairro buscar-se-á uma memória coletiva e social sobre a história do local e do global.

Subúrbio é uma palavra aportuguesada derivado do inglês *suburb* que significa sub-cidade. É um termo geralmente utilizado para designar as áreas circunscritas dos arredores da cidade ou povoação. No Brasil, nos grandes aglomerados, significa um bairro afastado do centro da cidade ligado por linha ferroviária.

No século XIII o medo da peste fez com que os sujeitos fugissem da cidade e procurassem lugares distantes e afastados para se proteger da enfermidade, deste modo, *o subúrbio moderno começou como uma espécie de enfermidade de isolamento rural*<sup>1</sup>. Em seu começo expressava um modo de vida nascente e novo. Nele, as atividades criadoras foram afastadas, mas não sufocadas e a vida deixou de ser um drama. Atualmente, subúrbio é sinônimo de periferia de uma cidade habitado por pessoas pobres.

Em países como Estados Unidos e Canadá subúrbio é um lugar localizado nos arredores da cidade metropolitana habitado por famílias de classe média e alta com diversos índices de qualidade de vida e segurança, sendo mais bem cuidado que outros espaços centrais da cidade. São áreas com baixa densidade populacional baseadas em tipologias arquitetônicas com casas unifamiliares e baixo aproveitamento dos terrenos. Nos países de língua inglesa o termo subúrbio designa ainda um estilo de vida monótono e consumista.

LEFEBVRE (1969, p. 24) diz que “[...] os subúrbios são urbanos... os subúrbios são desurbanizados”. A palavra subúrbio é associada a regiões periféricas de baixa renda em alguns países da América Latina e Europa. No entanto, subúrbios ou periferias são habitados por famílias de diversas situações econômicas. Existem espaços habitados que atraem o interesse de camadas mais ricas da população e neles são construídos residências. Segundo MUNFORD (1998), no princípio, os subúrbios eram comunidades pequenas e contidas em si mesmas que tiveram um efeito sobre o seu desenvolvimento e criaram uma nova consciência de algo que se havia perdido no crescimento acelerado das cidades: o senso de vizinhança.

---

<sup>1</sup> Informações obtidas da enciclopédia virtual <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sub%C3%BArbio>, consultado em 13 de abril de 2008, e de MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 1998 (p. 526).

Nesta dissertação os termos ou categorias, comunidade e subúrbio, são utilizados para que possamos ter uma idéia do significado social e cultural que carregam, não iremos nos deter nestas categorias, mas na questão da formação e desenvolvimento das cidades e dos bairros. De que maneira as cidades crescem e são pensadas pelos sujeitos, e com elas seus lugares habitados.

Pensar o bairro me faz lembrar as práticas e vivências do ser e do vir a ser numa sociedade e cultura contemporânea complexa. Por ser morador durante 32 anos e ter crescido nesta localidade da cidade pude, assim como tantos outros habitantes, construir uma memória e história a respeito do espaço e seu modo de ser e estar num mundo concreto.

Quando criança lembro as brincadeiras nas calçadas e ruas do bairro e sua adjacência. Desbravar e adentrar nos espaços do bairro e da cidade mostrou para mim o que é viver e estar num mundo de chão e pedras, de pé, coração e mente. Brincava de sonhos e fantasias, de polícia e ladrão, de esconder, de roda com todos os meninos e meninas de uma parte da Rua São Luiz; de queimado; de bicicleta coletiva (aonde íamos Eu, uma amiga e minhas primas) a passear pelas ruas; de casa imitando os adultos e querendo ser um; de cozinhado nos quintais dos amigos e amigas de infância.

Lembro do “terreiro”<sup>2</sup> do Seu Wilson (um senhor que organizava ao lado de sua casa grupos folclóricos regionais como: Guerreiro, Pastoril etc.) na Rua Prof. Luiz C. de S. Neto, antiga Bom Destino. Sempre ia assistir aos ensaios e apresentações, caminhando e conhecendo as ruas.

Tenho lembranças das festas juninas, pois nesta época algumas ruas realizavam quadrilhas e todos os moradores se envolviam com a decoração do espaço habitado<sup>3</sup>. Cada rua se enfeitava da melhor maneira possível criando e inovando. As palhas e troncos de coqueiro serviam para construção da palhoça; as palhas eram trançadas e isso dava um grande trabalho e cooperação entre todos. O envolvimento era geral. As palhoças lembravam as antigas casas dos moradores que primeiro habitaram este espaço. Com o tempo as quadrilhas pararam de acontecer no bairro devido à atitude de algumas pessoas que ameaçavam e colocavam fogo nas palhoças; por falta de incentivo da parte do poder público e falta de segurança. Nunca tivemos uma segurança

---

<sup>2</sup> Espaço de terra plano e largo onde eram apresentadas danças folclóricas regionais.

<sup>3</sup> Termo utilizado por Milton **SANTOS**, geógrafo, em seu livro “*Metamorfoses do espaço Habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*”. 2004.

pública qualificada. Lembro-me das cavalhadas. Essas são recordações de um tempo vivido e sentido.

Mas o bairro não era só fantasia, a realidade cotidiana estava e está ali. Deste modo, não consigo esquecer as faltas d'água e buracos nas calçadas de alguns moradores para obter este líquido precioso. Durante muitos anos o bairro enfrentou esse problema e transtorno. No entanto, não era o único problema, porém, particularmente este ficou gravado e significativo.

Lembro das ruas de chão batido, barro – como chamávamos –, brincávamos com areia e água suja imaginando alimentos deliciosos. As ruas começaram a ser asfaltadas e o bairro passou a receber algumas melhorias. De tempos em tempos algumas ruas recebiam desenvolvimento e tratamento.

A infra-estrutura foi fazendo parte do bairro na medida em que a cidade era pensada e tratada de acordo com a “lógica do capital”<sup>4</sup>. Alguns trabalhos sociais e culturais surgiram e foi sendo construída uma identidade sócio-espacial. Aqui é um lugar pobre e de classe média. Por isso, o meu objetivo foi realizar um estudo sistemático do bairro de Ponta Grossa.

Deste modo, o passado de Ponta Grossa, através da memória como metodologia de análise tornou-se um caminho possível para interpretar e entender de que maneira e como viveram e vivem hoje os moradores desta localidade da cidade, bem como um caminho para redescoberta dos processos de desenraizamento social e cultural, e para a redefinição dos projetos que articulam passado, presente e futuro.

As práticas e costumes sócio-culturais de antes existem como lugar presente na memória individual e na conservação de algumas formas de tradição. Mulheres, crianças, velhos não são classes, mas aspectos diversificados que existem entre as classes, pois o que define a classe social é sua posição ocupada pelos seres nas relações objetivas de trabalho. A memória na linguagem durkheimiana, segundo DAMATTA (1997), é uma categoria que pretende dar conta daquilo que uma sociedade e sua cultura pensa, e traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente.

Caminhar e ver são confundidos pela lembrança. O tempo de lembrar é o tempo de trabalhar. As pedras da cidade traduzem o esforço de cultura desenvolvida pelos seres humanos que trabalharam. As sociedades destroem os apoios da memória e substituem a lembrança pela história oficial comemorativa. Com a destruição dos

---

<sup>4</sup> Modo de falar, pois sabemos que o sistema capitalista não tem nenhuma lógica. Expropria e exclui os sujeitos que nada possui e enaltece os interesses dos dominantes.

suportes da memória a sociedade através de sua cultura de consumo bloqueou os caminhos do lembrar. Arrancou seus marcos e apagou seus rastros.

A memória não é oprimida apenas porque seus suportes materiais foram tirados e roubados, mas devido à história oficial que enaltece a vitória do vencedor e esmaga a tradição dos vencidos. Deste modo, as memórias pessoais e grupais são invadidas por outras histórias que roubam o sentido das primeiras, a transparência e a verdade. Lembrar, de acordo com BOSI (1994), não é reviver e sim refazer com a reflexão buscando uma compreensão do outrora a partir do agora. É sentimento do feito e do ido, um fazer lembrar.

O tempo da memória é social e cultural. O indivíduo lembra o que o grupo transmite e aquilo que vive e significa. Tempo e espaço existem nas lembranças. No entanto, estamos vivendo e sentindo o desencaixe desse espaço e tempo. Por isso, segundo ROCHA e ECKERT (2001, pp. 31- 2), “a matéria do tempo traduz em raios ondulatórios lembranças e reminiscências cujos feixes de ondas se transformam reciprocamente em matéria”. O concreto habita a memória porque está na lembrança vivida e sentida.

Reviver o tempo que passou é aprender e ver o que foi e como tem sido. A memória é um fragmento do evento e cotidianidade do que passou. Por isso, o sentido das identidades consiste nos arranjos e rearranjos dos pedaços e fragmentos do passado. Habitar e ser habitado pela cidade e pelo bairro.

Deste modo, a pesquisa tem um caráter interdisciplinar porque pensar a urbanidade da cidade e toda a riqueza social e cultural, bem como sua complexidade, requer múltiplos olhares e saberes.

Nas ciências sociais não se pode trabalhar com a cientificidade construída, pois a pesquisa social e cultural é tateante. O procedimento científico, conforme DESLANDES (1994) se deve a um saber adquirido, uma elaboração de uma norma e ao aperfeiçoamento de uma metodologia. Os objetos de cientistas sociais são históricos. Por isto, DEMO (1995, p. 89) diz que, “Todavia, é correto o horizonte da historicidade, que é o lócus próprio da dialética. Só é tratável dialeticamente o fenômeno tipicamente histórico”. Desta forma, isso quer dizer que as sociedades e culturas existem num determinado espaço habitado e suas configurações e formações são específicas.

O objeto de cientistas sociais possui consciência histórica, isto significa que não é só o investigador que dá sentido a seu trabalho, mas os seres humanos e suas ações objetivadas. Deste modo, MINAYO (1994, p. 14) afirma que,

[...] Na investigação social, a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo se estabelecem definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação.

Por tratar de um dinamismo do social e cultural da vida individual e coletiva e da riqueza de significados que a sociedade possui o objeto desta pesquisa é essencialmente qualitativo, com algumas características quantitativas. Conforme HAGUETTE (1992, p.63),

[...] os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser.

A pesquisa contou com documentação histórica escrita e fotográfica sobre a cidade de Maceió e o surgimento de alguns bairros a partir de levantamentos de dados realizados em bibliotecas e institutos de pesquisas, e de posse de uma câmera na mão. Alguns jornais foram consultados, porém, poucos dados foram encontrados sobre o bairro de Ponta Grossa. Desta forma, a documentação histórica foi complementada com dados agregados que permitiram a reconstituição do específico e do singular. Utilizamos a observação participante - anotando e fotografando -, história de vida e história oral, *surveys* por entrevistas e questionários.

A observação participante é um método desenvolvido inicialmente na antropologia com Malinowski e praticada por sociólogos na Escola de Chicago. Ela surge como uma técnica de coleta de dados onde o investigador em convívio com seu objeto ou sua população a ser estudada, observada, anota as impressões e percepções num caderno de notas. Para HAGUETTE (op. cit., p. 67),

[...] Enquanto a antropologia busca o “sentido das coisas” para melhor compreender o funcionamento de uma sociedade primitiva ou de um grupo humano, a sociologia – em sua vertente interacionista – fá-lo porque acredita que toda a organização societal está assentada nos “sentidos”, nas “definições” e nas “ações” que indivíduos e grupos elaboram ao longo do processo de “interação simbólica” do dia-a-dia.

A corrente interacionista se desenvolveu em associação com a psicologia social e com a orientação fenomenológica. Deste modo, inicialmente seus estudos foram

considerados ligados à psicologia social e não à sociologia. Porém, os estudos interacionistas contribuíram significativamente com resultados relevantes para a compreensão e explicação da ação humana, da sociedade e da cultura.

Não existe uma definição única para observação participante, mas sim diversos pontos de vistas sobre essa ferramenta de pesquisa. Para alguns pensadores a observação participante não é somente um instrumento de captação de dados, é um instrumento de mudança social. Para outros é um processo de interação entre teoria e métodos dirigidos pelo pesquisador na busca pelo conhecimento da perspectiva humana e da sociedade (HAGUETE: 1992; DESLANDES: 1994; FREIRE: 1987).

O que se espera de uma pesquisa empírica é que seja respeitada a natureza do objeto investigado. Por isso, a observação participante se faz necessária e de grande valia, pois o observador deve compartilhar nas atividades cotidianas de vida e sentimento das pessoas nas relações face a face. Com isso, HAGUETTE (op. cit., p. 76) dirá que,

A técnica surgiu da natureza do problema. Não fosse o surto de problemas sociais nos Estados Unidos nas décadas de 20 e 30 ou, talvez, melhor dizendo, o surto de conscientização de problemas – por parte não só dos cientistas sociais como, algumas vezes, por parte do próprio Estado – tais como delinquência juvenil, prostituição e crime, e outros, a técnica da Observação Participante não teria florescido e não teria causado o impacto que causou ao desvendar aspectos da estrutura social e de sua dinâmica, levando à reformulação e criação de novos conceitos para explicar a realidade social.

A observação participante é uma técnica de levantamento de dados e não tem uma direção específica. É o reconhecimento e registro da diversidade social e cultural através da fala e comportamentos humanos. Por isso, a história de vida e a história oral são auxiliares no processo de pesquisa, porque também proporcionam o encontro face a face entre pesquisador e pesquisados.

A história de vida, conforme HAGUETTE (op. cit.) geralmente é compreendida como um documento ou registro de dados. Atende deste modo mais aos propósitos do pesquisador que do autor preocupando-se com a fidelidade das experiências e interpretações. Mantêm o sociólogo orientado para as questões sociológicas que interessam para pesquisa, tenta confrontar a história contada com outros tipos de materiais.

Assim como a observação participante e a história de vida, a história oral vem para contribuir com a percepção dos comportamentos e atitudes e captar os sentidos da história através da memória. A história oral adquiriu recentemente o prestígio e status de técnica científica.

Possui uma complexidade maior que dificulta sua definição. Em linhas gerais tudo que é gravado e preservado pode ser considerado história oral. Discursos, conversas ou qualquer tipo de comunicação humana gravada, transcrita e preservada é utilizado como fonte para uso da comunidade científica. A história oral preocupa-se com o que é relevante e significativo para a sociedade e cultura. Quando dados oficiais não nos dão clareza e não dizem nada, as memórias devem ser consultadas na busca do sentido e do vivido.

A entrevista passa a ser uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação. A entrevista é uma comunicação bilateral. Desta forma, RICHARDSON (1999, pp. 189-90) coloca que,

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação de algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. [...] entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas.

Para a pesquisa quantitativa a entrevista tem reduzido uma escolha entre alternativas de respostas preestabelecidas a perguntas rigidamente formuladas. Quando se faz uma entrevista construída com perguntas e respostas previamente chama-se entrevista estruturada que também é conhecida como questionário. O questionário se faz necessário porque cumpre o papel de descrever as características e medir variáveis de um determinado grupo social e cultural.

Ao longo do tempo habitado os moradores de Ponta Grossa afirmam que a violência tem aumentado e torna-se uma preocupação. Não existe policiamento nas ruas do local. Não existe atenção e cuidados com a população. O que existe é uma preocupação dos moradores desta localidade em manter o lugar limpo e na medida do possível seguro. Por falta de projetos sociais e culturais e também, por falta de uma boa formação educacional, os jovens desta parte da cidade começam a trabalhar muito cedo para ajudar a família e largam à escola formal se entregando a malandragem, uso e abuso de entorpecentes, álcool, prostituição.

A memória nos leva até o acontecido através do relato das lembranças. Como propriedade de reter informações, ela (a memória) é um conjunto de funções psíquicas que faz com que o ser humano a procure para buscar informações passadas, ou por ele representadas como sendo passadas. Através de alguns textos, jornais e documentos esparsos, aqui e ali, e principalmente através das memórias de alguns moradores do bairro de Ponta Grossa foi possível a realização desta pesquisa.

Desta forma, pudemos colher algumas lembranças de moradores desta localidade da cidade de Maceió para que fosse possível uma visão de mundo daqueles que vivem e sentem a vida do local. As entrevistas foram realizadas de uma maneira aleatória buscando os sujeitos com idade acima de 40 anos evocando suas lembranças sobre o bairro e seu processo de desenvolvimento. No processo de busca dos entrevistados só foi possível realizá-las com mulheres, pois os homens abordados se recusaram a ser entrevistados. A pesquisa de campo teve início com caminhadas e observações onde em seguida a fotografia foi utilizada como recurso para captar imagens das pessoas e ruas. Após ter colhido algumas imagens foi elaborado um roteiro de entrevista e um questionário sobre o bairro<sup>5</sup>.

Nos questionários aplicados e nas entrevistas realizadas pode-se constatar através das falas de seus moradores o que os mesmos pensam do local. A maioria foi unânime em dizer que o bairro é um bom lugar para se morar. Nas entrevistas disseram que antigamente era possível deitar nas calçadas e não ser incomodados - algo que já não é possível nos dias atuais.

Assim como as entrevistas estruturadas e não-estruturadas são importantes para uma pesquisa a fotografia serve como recurso de campo, isto porque, um pensamento sem imagens não existe. Na década de 80 eclode a fotografia nos trabalhos de ciências humanas. O texto escrito e o visual aparecem juntos, posto que se complementem. A fotografia empreende um esforço analítico, dedutivo e comparativo. Serve para transmitir o que foi visto e o que se está vendo através do clique ou no momento do clique.

A sociologia e a antropologia visuais são sub-disciplinas acadêmicas que há muito tempo tornaram-se estabelecidas e deixaram de ser outsiders. A pesquisa visual passou a ter utilização acadêmica e aplicada. De acordo com PINK (2005, p. 66), “o trabalho de Margaret Mead com fotografia e filme, e seu esforço em promover o

---

<sup>5</sup> Ver **Anexo 01 e 02** – Roteiro de Pesquisa (Entrevista) e Questionário sobre o bairro de Ponta Grossa, no final do trabalho.

visual na pesquisa em ciência social tiveram um impacto duradouro no desenvolvimento da antropologia e da sociologia visuais”. Foi a partir dos trabalhos de Mead e Gregory Bateson que o visual tomou corpo e forma nos trabalhos acadêmicos.

Os problemas ligados ao visual despertaram um interesse crescente em ciências sociais juntamente com diversas outras dimensões sensoriais da vida cultural e social. Isto porque, é através da mediação dos sentidos e seus suportes que é possível a vida social. Por isso, a imagem passou a ser englobada como documento discursivo. E a fotografia passou a ter seu uso na pesquisa sociológica, surgindo dessa maneira, uma Sociologia sobre as imagens. Para MENESES (2005, p. 23), “[...] a imagem, além de signo, também age, executa o papel de ato social, produz efeitos”. Isto porque, nos traz lembranças e recordações de um tempo que passou e deixou suas marcas.

Imagens são matérias, objetos físicos que se tornam artefatos, não são simplesmente conteúdos vazios nem mesmo meras abstrações. A fotografia é uma tecnologia para exibição visual experimentada como significante. A imagem é um objeto tridimensional que pode nos dar diversas perspectivas de uma história individual e coletiva. LEITE (1988, p. 85) coloca que:

[...] Uma das condições de leitura da imagem seria conhecer, compreender ou ter vivido a situação ou as condições fotografadas, verificando-se que a análise detalhada do conteúdo elimina sua configuração global, que precisa ser recomposta. [...] não olhamos apenas uma foto; sempre olhamos para a relação entre nós e ela. Pensamos simultaneamente por conceitos e imagens. As imagens são sempre um elo no movimento do pensamento que liga as que as precedem às que as seguem.

O olhar apreende através da fotografia seus padrões significativos. Mesmo que as fotografias não tenham sido tiradas por quem viveu o que está no passado ou aquilo que aconteceu é possível observar as imagens pensando o presente e o futuro. Lembranças vividas podem ser perdidas pela memória através dos tempos. A fotografia enquanto um objeto físico guarda algumas lembranças vividas e capturadas numa foto, podendo ser revista diversas vezes por diversas pessoas.

A fotografia passou a ter uma utilização social, por isso, deve ser considerada da mesma maneira que outros documentos. No passado dentro de um texto servia como mera ilustração, nos dias atuais é utilizada como método e texto visual. Nessa pesquisa imagens fotográficas do passado são documentos encontrados em museus. Dessa forma, LEITE (op. cit., p. 86), diz que, “As reproduções que são feitas

têm a finalidade de recuperar o contraste e os pormenores apagados com o tempo”. Uma imagem mostra o passado através de um fragmento da realidade.

Fotografias nos proporcionam dimensões e relações que verbalizações não podem proporcionar. A câmera capta apenas um recorte da realidade sócio-cultural. A fotografia nos leva sempre a uma volta ao ponto de observação. Elas podem ser instrumento de pesquisa ou se confundir com o próprio objeto. Obriga-nos a ter uma percepção do mundo diferente dos outros métodos de investigação. Deste modo, GURAN (2002, p. 102) afirma que, “[...] uma fotografia é rica em informação na medida em que o leitor seja capaz de perceber as suas nuances de representação”. De que forma o que escrevemos se relaciona com os registros imagéticos.

A fotografia pode ter como objetivo destacar um aspecto de uma cena da realidade a partir da qual seja possível se desenvolver uma reflexão objetiva sobre determinado aspecto da vida em sociedade e do comportamento dos indivíduos. A matéria-prima de um fotógrafo e sua fotografia é a realidade que sempre esta em movimento. Para GURAN (op. cit., p. 104), “Fotografar é antes de tudo atribuir (ou reconhecer) valor a um aspecto determinado de uma cena”. Um fragmento da realidade torna-se significativo devido aquilo que se quer falar através das imagens.

A fotografia proporciona uma ampliação do olhar do pesquisador. A imagem pode ser tida como um alargamento do olhar no registro da realidade cultural e social. Imagens fotográficas de outras épocas constituem fontes insubstituíveis para reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (tanto individuais como coletivas). Fotografias revelam o mundo físico visível na sua exterioridade. De acordo com KOSSOY (2005, p. 43),

As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais.

Ao pesquisar imagens da cidade de Maceió no final do século XIX e início do século XX, e registrar imagens do bairro de Ponta Grossa na contemporaneidade foi possível perceber como a cidade e os bairros se desenvolveram e expandiram. Como o espaço habitado foi ocupado e como as pessoas o ocuparam. A fotografia será utilizada quando escrevermos sobre a construção urbana da cidade de Maceió, para que possamos perceber de que maneira a cidade se desenvolve, e quando abordamos o bairro de Ponta Grossa, utilizando algumas imagens das ruas desta localidade.

A fotografia surge para não mais esquecermos o quê, como e quem passou. Através dela podemos registrar sujeitos e eventos, bem como o desenvolvimento de um lugar e seus habitantes. Quando vemos uma fotografia somos levados a pensar num tempo e numa localidade. O jeito de ser e viver. A fotografia nos revela um tempo que deixou de ser e um tempo que é. A imagem nos faz perceber e constatar como tudo muda o tempo todo. Como deixamos de ser o que fomos e passamos a ser o que tem de ser: modernos, pós, retrógrados etc.

Imagens revelam o passado e como estamos a construir o presente. A cidade avança, o bairro se expande. Os sujeitos constroem e destroem. Mudam e permanecem. O tempo transforma o ser e o ser passa a transformar com o tempo.

Escrever com a luz é escrever com imagens o tempo que passou e o tempo que tem sido. Fotografias escolhidas devem transmitir com clareza o que está sendo evocado. Imagens analógicas e digitais são re(a)presentações de uma cópia do real. No final do século XIX a fotografia chega ao Brasil, com isso o olhar da realidade nacional passa a ser um olhar de triunfo, o olhar fotográfico passou a denominar o olhar social e cultural. A fotografia entre os brasileiros foi associada à lógica do progresso nos círculos dominantes e governamentais. O fotógrafo é um viajante que observa as modificações ao longo do tempo através do espaço habitado. Transforma o mundo em inúmeros fragmentos e as paisagens em esculturas de sal.

A presente dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos algumas orientações teóricas sobre o urbano e urbanidade. Através de uma trajetória histórica e sociológica dos tempos habitados buscamos o desenvolvimento das cidades e do modo de ser urbano dos sujeitos ao longo da história, desde a antiguidade ao contexto contemporâneo focalizando a cidade de Maceió, onde verificamos a dinâmica e crescimento populacional para percebermos de que maneira os bairros surgem e com eles seus habitantes. O intuito neste momento é escrever e discutir sobre o surgimento, expansão e crescimento das cidades e da urbanidade. De que forma o urbanismo através de seus sujeitos vai se estruturando e conquistando os espaços habitados.

Na antiguidade existiram cidades com 50 e 80 mil habitantes sempre em volta dos rios que lhe davam condições de sobrevivência e existência. As cidades surgem quando algumas sociedades e culturas passaram a ter condições de subsistência com a agricultura e a pecuária. Quando os alimentos se tornam suficientes para garantir

a manutenção da vida dos moradores rurais e urbanos. Nela desenvolveu-se o comércio e o artesanato, além de ter sido feita o lugar do poder.

Na Idade Média e a partir de seu sistema sócio-político-cultural e econômico o feudalismo passou a uma produção que tendia à auto-suficiência. No feudalismo as transformações provocaram mudanças entre o campo e a cidade. Os feudos produziam os alimentos que necessitavam a partir da agricultura e da pecuária além de desenvolver um artesanato rudimentar. Devido a isso o comércio foi reduzido e a cidade perdeu a importância econômica e cultural. O sistema feudalista era uma forma de servidão em que o senhor feudal proprietário de extensos lotes de terra arrendava uma parte para seus servos trabalhar para si e para o senhor. As cidades medievais eram fortes que protegiam castelos, igrejas e uma pequena população.

A partir do século XIII, o comércio passa a ter uma lenta retomada e cidades que faziam rotas comerciais gradativamente se reestruturam. Com o declínio do sistema feudal e a expropriação de terra e com o nascimento do sistema capitalista a fisionomia dos espaços muda e as cidades retomam seu lugar de centro econômico, político e cultural. É com o sistema capitalista e o desenvolvimento da indústria e das tecnologias que a urbanização ganha impulso. O capitalismo comercial passará a ter como norte fundamental a acumulação de bens e capital. A urbanização passará a fazer parte da lógica do sistema, pois o comércio, a indústria e o poder político desenvolverão as cidades.

Com o avanço do sistema capitalista e as viagens marítimas novas terras foram descobertas e exploradas. O Brasil faz parte dessas descobertas. Os portugueses ao nos colonizar habitam as áreas litorâneas com medo de invasões. Deste modo, as primeiras cidades a crescer são àquelas que ficam localizadas a beira-mar. No entanto, a lógica da dominação não era desenvolver, mas sim explorar e espoliar. É dessa forma que nossas cidades irão se formar. Com a independência do país passamos a nos desenvolver e urbanizar.

Esta urbanização passará a fazer parte de toda a nossa sociedade. Capitâneas e Vilas serão transformadas em aglomerados urbanos e populosos. Isto irá fazer parte também da realidade do povo que mora e habita a cidade de Maceió, no Estado de Alagoas. Aqui a cidade começa a crescer em meados do século XIX e se expandirá no século XX e posteriormente. Depois da Segunda Grande Guerra a cidade se desenvolverá e, com isso, os problemas de habitação e moradia se tornarão cada vez

mais preocupantes. O Estado não teve o controle das habitações e as pessoas invadiram e tomaram posse dos espaços que melhor lhe convinham.

No segundo capítulo, abordamos a memória e a identidade sócio-espacial, neste momento procuramos evidenciar os discursos sobre a memória e identidade, bem como as entrevistas realizadas com algumas moradoras do bairro para entender a construção subjetiva de um espaço habitado e a construção identitária sócio-espacial. O intuito foi descobrir de que maneira a cidade e o bairro habitam na memória, pois vivem em cada um de seus moradores e é parte de cada um que habita o meio. Buscamos evidências das discussões sobre o assunto na Psicologia Social, através das idéias de Henri Bergson (1979) e Ecléa Bosi (1994, 2003), e na Sociologia com a obra pioneira de Maurice Halbwachs (1990).

A abordagem subjetivista e o método introspectivo de Henri Bergson é referência no trabalho sobre temporalidade e memória. Para esse pensador de linhagem idealista as questões pertinentes ao sujeito e ao objeto, sua distinção e união, tem haver com o tempo e não com o espaço. Fazendo crítica a posição kantiana que nega o estudo da duração em detrimento do estudo do tempo e espaço como construção a priori, Bergson questiona a anterioridade lógica e cronológica de juízos sintéticos.

Para a metafísica bergsoniana o tempo real é o tempo vivido, por isto teoricamente existem duas formas de memória divergentes e independentes entre si: a forma de imagem-hábito (eu superficial) e imagem-lembrança (eu profundo). Bergson estava envolvido na antítese vida e matéria.

Para Maurice Halbwachs a análise será feita a partir da memória individual e coletiva, onde enfatizará a força dos diferentes pontos de referências que estruturam nossa memória e que insere na memória da coletividade a que pertencemos. Dirá que toda idéia social é uma lembrança da sociedade e sua cultura e o pensamento social é essencialmente memória. A memória individual foi utilizada como estratégia metodológica para buscarmos um entendimento a partir do que se pensa a respeito do bairro e da cidade.

Os elementos constitutivos da memória individual e coletiva são os eventos, a vivência cotidiana e os lugares, por isto, eventos, pessoas e lugares constituem memórias e escrevem histórias. A partir da memória é construído um sentimento de identidade e pertença. Isto se deve, de acordo com POLLAK (1992, pp. 100-12), porque a construção de identidades se dá a partir de uma unidade física, de uma continuidade dentro do tempo e de um sentimento de coerências.

No terceiro capítulo, abordamos o bairro através do tempo e seu espaço habitado para que possamos refletir a respeito das mudanças históricas, sociais e culturais ocorridas. Neste momento, o bairro de Ponta Grossa é pensado em sua dimensão global e local. A partir do tempo habitado pensamos a construção de seu espaço habitado. Como o bairro foi construído e pensado? A idéia é entender o espaço habitado, sua organização e arranjo sócio-cultural-espacial. Como a cidade cresce e aparece. Como surgem os bairros e onde fica, e como é o bairro de Ponta Grossa. Neste momento, a entrevista estruturada, ou questionário é apresentado e com ele seus resultados, como os moradores pensam e percebem o bairro e como pensamos a construção dos espaços habitados.

A cidade cresce e os bairros aparecem. Os sujeitos constroem e destroem. Mudam e permanecem. O Tempo transforma o Ser e o Ser passa a transformar o Tempo.

Por fim, teceremos considerações finais a respeito do tema exposto e discutido, posto que, através do exposto poderemos tirar alguns conhecimentos e entendimentos acerca de um espaço habitado da cidade de Maceió – o bairro de Ponta Grossa - e do modo de vida de sua população.

## **CAPÍTULO I – Orientações teóricas na abordagem do urbano**

Desde os primórdios do pensamento filosófico a Filosofia preocupou-se e preocupa-se com o problema do conhecimento na busca da verdade e do verdadeiro. Os filósofos entenderam que o pensamento humano parece seguir uma lei ou regra para conhecer o que não se conhece e o que se pretende conhecer: a realidade e os sujeitos. Com a Idade Moderna esse campo ampliado da filosofia entrou num processo de redução onde a realidade a ser conhecida passou a ser dividida e recortada despertando, com isso, estudos especializados e ocasionando a separação entre aquilo que é ciência e filosofia. Cada uma no seu tempo, as ciências foram conquistando autonomia e se desprenderam da árvore do saber filosófico. Ao se constituírem por um processo de especialização as ciências que surgem passaram a direcionar suas investigações para certos campos delimitados da realidade. Dessa forma, as ciências sociais construíram um cabedal teórico e metodológico a respeito do indivíduo e da sociedade e cultura que contribui para o desenvolvimento sócio-cultural-espacial. Os cientistas sociais preocupados com o desenvolvimento dos sujeitos em sua cotidianidade passaram a contribuir com governantes e sociedade civil.

A partir das leituras sobre a construção urbana e urbanismo, cidades e desenvolvimento, memória e história, local e global, pudemos ter uma visão do todo e das partes. Algumas histórias sobre o bairro foram encontradas em poucos livros de história de Alagoas e em algumas matérias de jornais da capital. Foi iniciada pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico e Biblioteca Pública Municipal no intuito de encontrar jornais e livros que tratem do bairro, poucas notícias existem e as encontradas foram dos bairros mais badalados da cidade, posto que na historiografia do Estado alguns bairros, principalmente os de baixa renda não despertam interesse geral, no que diz respeito à história bem como a memória; os bairros de baixa renda são vistos e tidos como lugares onde a violência tem aumentado, por isso, são objetos de estudos. Não se procura saber a origem, mas o que acontece nos dias atuais.

Dados sobre o bairro foram encontrados em alguns textos que tratam do carnaval, religião afro-brasileira, posto que no passado o mesmo contivesse um número considerável de terreiros e seu carnaval e festas juninas serem bastante animados. Nos

dias atuais constata-se que o local não possui tantos terreiros de religião afro, aumentando consideravelmente igrejas evangélicas pentecostais. Ter observado o bairro como pesquisador nos faz perceber sua estrutura e o modo como seus moradores ocupam esse espaço habitado da cidade.

A sociologia urbana investiga o meio urbano e os modos de vida e vivência das pessoas. A urbanização é um processo em que diversos sujeitos constituindo um espaço urbano habitado forma ao longo do tempo histórico e memorável populações e acabam por se concentrar em grandes e complexas comunidades que se torna cidade e passa a ser cortadas por ruas que se transformam em bairros. O processo de urbanização é longo, expande-se por volta do ano 3.000 a. C., quando a agricultura produz além da demanda e cresce nos primórdios da Revolução Industrial em fins do século XVIII. Desde este momento em diante a industrialização acelera seus passos e conquista novos espaços do globo terrestre. A população mundial de pessoas que vivem e habitam uma cidade, comunidade, de acordo com dados da ONU, aumentou de 3% no ano de 1800, subindo para 14% em 1900, e atingido 41% nos anos de 1975. A tendência é crescer cada vez mais. O que tem acontecido da década de 90 até hoje.

O Nordeste do Estado brasileiro é de características climáticas, humanas e culturais, diferenciadas entre si. Aqui existem até pequenas ilhas de riquezas num imenso mar de miséria.

O Nordeste é uma região de contrastes. Existem populações vivendo e habitando num estado de nomadismo, como também grupos sociais e culturais que atingiram as etapas mais avançadas da civilização moderna. As manifestações culturais como música, folclore, artesanato são riquíssimas. Aqui o fazer vai construindo um saber. Na sociedade capitalista aquilo que é popular esta associada ao fazer, por isso desprovido de saber.

A cidade de Maceió e a construção de suas ruas e bairros dão início a partir da criação de seu porto possibilitando a sua expansão. A cidade cresce e com ela seus espaços. Bairros surgem e a população aumenta ano após ano. Com sua expansão uma visão hierarquizada dos bairros e da sociedade permanece. O bairro de Ponta Grossa é considerado um lugar de pessoas pobres. Faz parte de um local de residências e comércio, prestígio social e cultural.

No mundo contemporâneo o sinônimo de comunidade é a última relíquia das utopias de uma boa sociedade de tempos de outrora. O termo comunidade,

conforme BAUMAN (2003) tornou-se um bom argumento de venda. Sempre uma coisa boa, confortável e aconchegante. Em uma boa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. É tudo aquilo que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes. No entanto, existe um preço a ser pago para se viver em comunidade, esse preço é pequeno e invisível enquanto for um sonho. Pagamos esse preço através de liberdade, autonomia, auto-afirmação e identidade.

O bairro de Ponta Grossa pode ser visto e dizer que se constitui uma comunidade porque seus moradores apesar de estarem sempre observando as vidas alheias e em alguns momentos acontecer conflitos estão sempre em contato e interação, permanece uma vizinhança. Estão sempre a se ajudar e a falar de si e dos outros. A partir das entrevistas realizadas e dos relatos dos moradores, o que veremos mais adiante no segundo capítulo, pudemos saber e ver de que maneira a identidade sócio-espacial foi e é construída. Enquanto em alguns lugares do planeta a comunidade entra em colapso e inventa a identidade, em Ponta Grossa a comunidade existe e as identidades são construídas e reconstruídas. Deste modo, o bairro aparece no contexto da cidade por ser popular e singular. Aqui as identidades são compartilhadas e comentadas. Fronteiras existem.

A cidade e os bairros crescem e tomam dimensões variadas, problemas surgem, demandas aparecem. A infra-estrutura em alguns bairros não contempla a lógica do capital que prega o bom funcionamento. O poder político não acompanhou e regularizou a expansão urbana, e devido a isso ainda temos complicações com saneamento básico, esgotamento sanitário, transportes, moradia, segurança.

O desenvolvimento e crescimento das cidades e a urbanização do planeta é um dos fenômenos mais notáveis na Idade Moderna. O mundo passou de uma sociedade rural para uma sociedade urbana. Profundas alterações aconteceram em praticamente todas as fases da vida social e cultural. Desta forma, buscou-se uma definição e conceito do que vem a ser cidade e urbanidade. Diversos cientistas em suas disciplinas incorporaram pontos de vistas em definições diferentes dos sujeitos urbanos e da cidade. Para LEFEBVRE (1969, op.cit., p. 13) “[...] A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”. Deste modo, pensar a história do local e a memória sócio-espacial nos leva a uma trajetória do tempo habitado.

A Sociologia surge na Europa Ocidental com o começo da sociedade moderna onde o processo de urbanização e industrialização se prolifera

vertiginosamente. Este processo de transformação ocorreu com idéias seculares, ou seja, não religiosas tais como: o de igualdade e liberdade universal. O que impulsionaram estas transformações foram a Revolução Francesa em 1789, a Revolução Industrial, a expropriação do campo aumentando a demografia das populações nas cidades e o sistema capitalista através de sua economia. A Revolução Industrial ocorreu no final do século XVIII, na Inglaterra, e se espalhou mundo afora durante os séculos seguintes. Estas Revoluções significaram a consolidação do sistema capitalista na sociedade mundial passando a existir uma hegemonia da produção do capital e do poder político da burguesia enquanto classe social, o que fazia com que fossem criadas novas necessidades na sociedade e conflitos entre as classes sociais que surgiam deste processo: a burguesia e o proletariado, para os marxistas; classes superiores e classes inferiores, para os funcionalistas e weberianos; grupos étnicos na conservação de suas fronteiras, para os antropólogos sociais.

Estas revoluções apontaram grandes questões para a humanidade, como por exemplo, as questões sociais e culturais que demandava um maior controle e organização, ou, como dizem os positivistas um progresso e uma ordem. Dentre os principais problemas sociais e culturais encontrados existia a superexploração da classe-que-vive-do-trabalho, conforme ANTUNES (1995), produto do processo de industrialização e que naquela época se encontrava desorganizada enquanto classe e submetida aos interesses da burguesia que emergia com toda força.

A ausência de uma planificação e estruturação nos recém surgidos centros urbanos agravavam os problemas sociais. Mortalidade Infantil e adulta, condições precárias de moradia e higiene, exploração intensa do trabalho infantil e feminino, dentre tantos outros aspectos. Estas situações acarretaram conflitos sociais e choques culturais, o que demandou a necessidade de um forte e estruturado aparato estatal para manter a “ordem e o progresso”<sup>6</sup>, deste modo, pesquisas e estudos sobre os trabalhadores e suas famílias, bem como as “fricções inter-étnicas”<sup>7</sup>, e a sociologia urbana, surgiram para pensar e agir sobre o social e cultural.

Pensadores como Augusto COMTE e Emile DURKHEIM estudaram na cidade, mas não a cidade em si. Os chamados socialistas como SAINT-SIMON,

---

<sup>6</sup> A utilização das palavras serve como um termo, conceito, de uma visão de mundo. Uma crítica ao positivismo.

<sup>7</sup> Este termo em nosso país, ou categoria surgiu nos anos 60 com o projeto de Estudo de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil, coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira, que tinha inspiração na noção de situação colonial pensada por Balandier, cujo foco era os estudos acerca de mudanças sócio-culturais. NOVAES, Sylvia Caiuby. *Jogos de Espelhos: imagens da representação de si através dos Outros*. 1993

PROUDHON e Karl MARX, contribuíram com a reflexão sociológica e radicalizaram a atitude crítica em relação à ordem vigente e subsequente. Os alemães Georg SIMMEL, Max WEBER e Walter BENJAMIN, estudaram a cidade centrando-se nos aspectos da cultura e da ideologia.

### **1.1. A cidade através da história e do pensamento sociológico**

As primeiras cidades conhecidas e reconhecidas de acordo com alguns historiadores e geógrafos foram Ur, Nipur, Uruk, Tebas, Heliópolis, Assur, Nínive e Babilônia, na Mesopotâmia. De acordo com os historiadores Ur chegou a ter 50 mil habitantes, e a Babilônia 80 mil. Ao longo do tempo diversas cidades foram erguidas e destruídas, preservadas e espoliadas. As primeiras cidades surgiram ao redor dos rios por causa das terras férteis e de irrigação na produção de alimentos. A cidade é construída provavelmente pela forma diferenciada de povoação por volta de 3000 a. C. O que distinguia uma população cidadina de outra população era o seu tamanho e a não participação nas tarefas agrícolas. Conforme CASTELLS (2006, p. 35),

[...] o estudo da história do processo de urbanização parece indicado para abordar a questão urbana, pois ele nos introduz no âmago da problemática do desenvolvimento das sociedades, e revela-nos, ao mesmo tempo, uma imprecisão conceitual ideologicamente determinada.

A partir desta colocação percebemos de que forma o processo de formação das cidades e seus bairros se encontram, na base da rede urbana, condicionando a organização social do espaço habitado. As cidades e seus sujeitos ao longo do tempo fazem aumentar sua taxa demográfica devido à expropriação dos cultivadores que viviam no campo. Quando se pensa em urbanização fala-se em evolução, às vezes como sendo um imperativo para classificar as etapas da história universal. Porém, cidades e regiões não são processos evolutivos e sim espaços construídos que desenvolve uma tipologia de sociabilidade.

Para CASTELLS (op.cit., p. 42) “[...] As cidades são a forma residencial adotada pelos membros da sociedade cuja presença direta nos locais de produção agrícola não era necessária”. Por isso, os sujeitos das cidades passaram a existir na base do excedente daquilo que era produzido pelo trabalho na terra. As cidades habitadas

pelos sujeitos tornaram-se centros religiosos, administrativos, políticos. Uma expressão espacial de uma complexidade de atividades.

As cidades existem na antiguidade devido algumas sociedades e culturas que passaram a ter condições e necessidades de produzir alimentos como excedentes e abastecer os moradores urbanos que se dedicaram a outras atividades profissionais. Na cidade foi desenvolvido e aperfeiçoado o comércio, o artesanato e o poder. As elites dirigentes de uma cultura e sociedade mais complexa viveram e vivem na cidade para controlar a situação e contornar situações de conflito e disputas de poder.

As cidades que mais cresceram foram às capitais dos Impérios e de um Estado Nacional. Dessa forma, o termo *capital* é derivado do latim caput, que significa “cabeça”. No entanto, na Idade Média o feudalismo, sistema de produção que visava à auto-suficiência, com seus feudos, produziam todos os alimentos que necessitavam e desenvolveram o artesanato. O comércio passou a reduzir e a cidade perdeu importância econômica porque deixou de ser o centro de trocas e produção artesanal. De acordo com WEBER (1999, vol. 02, p. 417),

A cidade-fortaleza, na primeira fase de seu desenvolvimento em direção a um complexo político especial, era ou abrigava um castelo deste tipo, ou apoiava-se nele, sendo o castelo a fortaleza de um rei ou senhor nobre ou de uma associação destes últimos, o qual ou os quais ali residiam ou mantinham uma guarnição de mercenários, vassallos ou servidores.

Na teoria sociológica de WEBER suas considerações sobre a cidade encontram-se num apêndice de sua tipologia da dominação, quando descreve o que seria a dominação não-legítima, ou tipologia das cidades. Para ele a cidade é uma localidade onde os habitantes, principalmente os comerciantes, se dispõem em retribuir à proteção pagando pelos serviços obrigatórios e tributos. A comunidade urbana seria uma associação estamental dotada de privilégios, principalmente no que concerne a escolha das autoridades orientada por um direito material ou processual. Para Weber a cidade é um lugar de disputas políticas. Um lugar onde a classe burguesa mantém seu status e poder em detrimento a vida em comum.

A categoria cidade nas idéias de WEBER tem uma característica puramente quantitativa, desta forma, é um povoado grande. E do ponto de vista sociológico e antropológico pode ser visto como um povoado, um assentamento com casas contíguas, representando um conjunto extenso, no entanto, não se sabe muito sobre o conhecimento pessoal mútuo dos habitantes e vizinhos. Não era a preocupação

de Weber pensar a organização das cidades através dos sujeitos, mas a cidade enquanto um mercado, uma esfera da economia.

Conforme WEBER (op. cit., p. 408) a cidade pode ser definida de diversas formas, porém, existe um elemento em comum em todas as definições: é um assentamento fechado de uma maneira relativa, um povoado, e não uma moradia isolada. Por isso, “... nas cidades (mas não apenas nestas) costumam as casas encontrarem-se muito perto uma da outra, hoje, em dia, em regra, geminadas”. É desta maneira que as cidades na Idade Média, numa Europa Feudal, vão se constituindo e urbanizando, condicionando os modos de estar nos espaços habitados.

Para WEBER (op. cit., p. 409), “[...] Se se tenta definir a cidade do ponto de vista puramente econômico, seria um povoado cujos habitantes, em sua grande maioria, não vivem do produto da agricultura, mas sim da indústria ou do comércio”. Dessa forma, uma cidade poderia ser pensada de duas bases: na existência de uma sede governamental e na atividade aquisitiva que proporcionasse satisfação aos moradores através da existência de um mercado. E assim as cidades transformam-se com o fim do feudalismo, em um lugar governamental e lucrativo.

A cidade pensada por WEBER é uma localidade de mercado na medida em que alimenta um mercado, atividade local como centro econômico de sua movimentação interna e, de certa forma externa. Uma cidade é um assentamento com mercado permanente. De uma forma ou de outra a cidade é dos consumidores, ou pode ser e vir a ser de produtores.

A cidade não é somente uma acumulação de moradias e sujeitos, mas também forma uma associação econômica capaz de demandar receitas e despesas. A categoria cidade pode e deve ser incluída em outras séries de conceitos, como por exemplo: o político, o jurídico, o ambiental e tantos outros, de acordo com as idéias weberianas.

No passado os egípcios e o Oriente Próximo construíram cidades fortalezas, sede de reis, de autoridades, com privilégios de mercado concedido pelos reis. Na Idade Média as cidades ocidentais conheceram senhores protetores e funcionários de algum senhor político. Por toda a parte a cidade era um povoado que se desenvolveu a partir da afluência de pessoas vindas de fora e mantidas, através das condições sanitárias das classes que não contavam com infra-estrutura básica em casas e moradias, com chegada de novos sujeitos expropriados do campo.

Ainda, de acordo com WEBER (op. cit., p. 427), “[...] Nas cidades do centro e do norte europeu surgiu o conhecido lema: ‘O ar da cidade faz livre’”. A cidade em todo o mundo é um lugar de afluência de forasteiros, de gente vinda de toda a parte e localidade. Os expropriados dos campos seguem rumo à cidade em busca de um ar que os torne livre. No entanto, o ar da cidade não liberta, aprisiona.

Para SIMMEL (1979) a cidade é uma formulação sistemática onde a importância está não no volume da produção, mas na intensificação dos estímulos e sentidos provocados nos sujeitos pelo ritmo de vida nervosa que a cidade apresenta; preocupa-se com os efeitos do processo de urbanização na vida dos sujeitos, deste modo interessa, para ele, as reações e sentidos dos sujeitos. Vai buscar nas explicações psicológicas informações para entender a sociedade e a vida dos sujeitos nesta. Descreve acerca da vida na metrópole e sobre a atratividade e permanência no local a partir da liberdade pessoal. Preocupa-se com a vida anímica do habitante da cidade grande frente ao habitante da cidade pequena.

As cidades são sociedades amplas, conforme SIMMEL. Deste modo, para ele, diversos problemas têm acometido a vida moderna, e o indivíduo passa a reivindicar maior autonomia e individualidade de existência em face das forças sociais esmagadoras, da herança histórica, cultura externa, técnica de vida.

O século XVIII, com suas idéias “libertárias e libertinas”<sup>8</sup>, conclamou para que o ser humano se libertasse de todas as amarras, do Estado e da religião, da moral, da economia. Exigiu a especialização funcional do ser humano e seu trabalho. A partir daí os sujeitos se tornam incomparáveis uns aos outros e cada um deles indispensáveis na medida mais alta possível. Isto porque, no capitalismo os seres humanos especializaram-se nas áreas que demandava com o crescimento e desenvolvimento das cidades e do mercado comercial, industrial, educacional.

Com o aumento de indivíduos nas cidades e as formações de grandes centros urbanos, as chamadas megalópoles, passam a exigir uma grande intensificação dos estímulos nervosos, afirma SIMMEL (op. cit.). Dessa maneira, passam a existir alterações bruscas e ininterruptas entre estímulos exteriores e interiores. O ser humano na metrópole procede a discriminações de consciência diferente da que a vida rural extrai. O habitante da cidade grande passa a criar um órgão protetor contra o

---

<sup>8</sup> Libertárias no que diz respeito às idéias de emancipação humana surgidas nesse período da história, e libertinas as concepções que não eram bem-vindas por se tratar de impropério, vide Marques de SADE, por exemplo, que fez do “sexo perverso” sua filosofia.

desenraizamento de seu meio exterior que o ameaça. Reage não com ânimo, mas com o entendimento, intensificando sua consciência.

Com BENJAMIN (1991, pp. 09, 30) surge uma categoria que é bastante ilustrativa para o entendimento dessa espécie de imigrante moderno, o boêmio, ou flâneur. A partir dos escritos de Marx, “Memórias do Agente Policial de La Hodde” publicado em 1850 na Nova Gazeta Renana onde é feita uma crítica aos conspiradores causais e de ocasiões, trabalhadores que só obedeciam às ordens do chefe, conspiradores profissionais, um tipo de político, surge em Marx o termo boêmio enquanto uma crítica irônica aos burocratas. Considerando sobre o poeta Charles Baudelaire, Benjamin tece sua crítica a respeito deste personagem e de sua condição mostrando-nos que, “Baudelaire sabia como se situava, em verdade, o literato: como *flâneur* ele se dirige à feira; pensa que é para olhar, mas, na verdade, já é para procurar um comprador”.

Segundo BENJAMIN (op. cit., p. 36), citando Georg Simmel, diz que as relações sociais dos seres humanos nas cidades que se desenvolvem provocam uma mudança no modo de ser e agir dos sujeitos devido uma notória preponderância da atividade visual sobre a auditiva. Isto porque, os sistemas de transportes que passam a ser demandado pelo aumento populacional para que as pessoas possam ir e vir de um canto a outro da cidade acarreta uma nova postura. Antes do crescimento dos meios de transportes, como bondes, ônibus, trens, as pessoas não passavam tanto tempo se olhando reciprocamente sem dirigir uma palavra umas às outras.

BENJAMIN (1991) diz que desde a Revolução Francesa passa a existir um forte controle do Estado sobre os sujeitos estrangulando em suas malhas a vida civil. Desse modo, a normatização da numeração dos imóveis, por exemplo, passa a ser um ponto fundamental para que os sujeitos tenham uma referência e procedência.

O capitalismo surgiu visando à busca de acumulação de capitais através do comércio e, desta forma, impulsionou o surgimento e soerguimento de muitos outros núcleos citadinos. Criou uma incipiente rede de cidades ao redor das rotas comerciais fazendo com que o sistema comandasse as vidas dos sujeitos e o mercado financeiro.

No entanto, a cidade encontra-se enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que nela habitam. A cidade possui uma organização moral bem como uma organização física. Ela oferece um mercado para os talentos de cada pessoa. Nela todas as vocações tende a assumir o caráter de uma profissão. Nas cidades as comunidades estão numa condição de crise constante. De acordo com BENJAMIN (op. cit., p. 51),

A multidão não é apenas o mais novo refúgio do proscrito; é também o mais novo entorpecente do abandono. O *flâneur* é um abandonado na multidão. Com isso, partilha a situação da mercadoria.

Isto porque, passa a conquistar a rua e essa passa a ser um lugar de refúgio, pois o herói passa a ser o verdadeiro objeto desta Idade Moderna onde para viver a modernidade se faz necessário uma constituição heróica. A modernidade revela uma fatalidade transformando o herói em um dândi. Dândi é o homem que se veste com extremo apuro, ou que se preocupa demais em vestir-se bem. Segundo BENJAMIN (op. cit., pp. 93), “O dândi é uma criação dos ingleses, que eram líderes do comércio mundial”. E, deste modo, estabeleceram ao mundo uma condição de vivência e existência baseado no sentido e estilo do ter. Transformaram o mundo da vida consumível, descartável e reciclável.

## **1.2. Urbanização e Urbanidade**

A urbanização é um processo pelo qual as populações acabam por se concentrar em grandes comunidades conhecidas por cidades que são essencialmente não-agrícolas, além de organizadas em torno da produção de serviços e bens de serviços. Ambientes urbanos produzem significados a partir da vida social, do urbanismo e da urbanidade. Desta maneira, viver nas cidades torna os sujeitos mais anônimos e suas relações mais formais e complexas. A cidade estimula e aliena porque é feita pelos sujeitos e para os sujeitos. O sujeito muda o local assim como o local transforma o sujeito.

No feudalismo houve uma descentralização de poder. O senhor feudal, proprietário de vastas terras, instituiu o regime de servidão e passou a viver da renda de sua terra concentrando o poder político em suas mãos. Desta maneira, ocorreu um refluxo no processo de desenvolvimento das cidades. As cidades medievais eram fortes construídos para proteger castelos e igrejas. Com o fim da Idade Média passa a existir um renascimento urbano a partir da expropriação e expulsão dos trabalhadores do campo que favorece a indústria das cidades, assim como o aumento das mesmas e o surgimento de novos aglomerados sociais.

As cidades no feudalismo deixaram de ser centros econômicos, políticos e culturais, dessa forma entraram em colapso. Com o desenvolvimento do comércio a cidade gradativamente foi se reestruturando. O renascimento comercial e urbano foi o

prelúdio de um novo sistema de produção que estava se instaurando em substituição ao feudalismo. O capitalismo provocou grandes rupturas políticas, sociais e culturais que tiveram repercussões nas cidades em desenvolvimento.

Durante os séculos XV e XVIII, a Europa tomou nova forma e um complexo de traços culturais passou a ser desenvolvido. A forma e o conteúdo da vida urbana foram radicalmente alterados devido à economia capitalista mercantilista que se instalava. Conforme MUMFORD (op. cit., p. 376),

Até o século XVII, todas essas modificações eram confusas e vacilantes, restringiam-se a uma minoria [...] No século XVII, o foco subitamente tornou-se nítido. Naquele ponto, a ordem medieval começou a se desfazer, graças à simples corrupção interior; e desde então a religião, o comércio e a política seguiram seus caminhos separados.

Com a desorganização social instalada na sociedade européia o poder ficou concentrado nas mãos dos militares, dos que controlavam as rotas do comércio e dos que acumularam grandes capitais. Por isso, MUMFORD (op. cit., p 377) diz que,

Produzir e exibir riqueza, tomar e aumentar o poder, tornaram-se imperativos universais; tinham sido desde muito tempo praticados, mas agora eram abertamente admitidos, como principais orientadores de uma sociedade inteira.

Com a mudança da economia de mercadorias para uma economia monetária o Estado aumentou significativamente seus recursos. Dessa forma, enquanto na cidade medieval as classes se amontoavam num mesmo espaço, com o desenvolvimento das cidades no sistema capitalista foram criadas largas avenidas onde passou a existir uma dissociação entre as classes e os espaços habitados.

Desta maneira, podemos perceber a urbanização como um traço que tem a marca das sociedades industriais contemporâneas. Por isso, cada elemento útil pode ser considerado sob dois aspectos: qualidade e quantidade. De acordo com Raymond LEDRUT (1971, p. 07), nos Estados Unidos no ano de 1790 apenas 5% da população vivia nas cidades e em 1960 essa proporção inversamente aumenta de maneira significativa passando para 70%.

No século XVII conforme LEDRUT (op. cit.) poucas cidades possuíam uma população de mais de 100.000 habitantes e eram elas: Paris, Veneza, Milão, Florença. No século XIX nenhuma cidade ultrapassava ou chegava a um milhão de

habitantes. No século XX, no ano de 1964 sabia-se que 105 cidades do mundo das quais 30 localizadas na Europa possuíam mais de um milhão de habitantes. Desta forma, os aglomerados vão se espalhando pelo mundo, mesmo nos países pouco industrializados.

Onde não existia industrialização existia comércio e agricultura. Cada território com seu espaço habitado tiveram sua expansão a partir das formas de uma estrutura histórica herdada, dada. Deste modo, a correlação entre urbanização e industrialização não é algo linear.

Os sujeitos que habitam uma sociedade e cidade concreta tem como prerrogativa responder de alguma forma a esse desafio chamado urbanização. As soluções para este problema envolvem a organização e o funcionamento do espaço social e cultural. O urbanismo é ciência e arte, técnica e política, poesia e filosofia, dessa forma, exige um conhecimento de ligações essenciais além de estruturas globais. De acordo com LEDRUT (op. cit., p. 08),

Os fenômenos afetos à distribuição e aos movimentos da população no espaço, bem como os que dizem respeito aos comportamentos e atitudes dos indivíduos que vivem num meio urbano, devem ser relacionados à vida da coletividade urbana em seu todo, à sua organização, a seu funcionamento e ao seu dinamismo coletivos. O objeto de um estudo sociológico das cidades é, na verdade, sua própria existência coletiva. Uma cidade não é apenas um amontoado de homens e de edifícios.

A cidade é uma aglomeração entre outras. É uma espécie de instituição. Dessa maneira, a vida social é criadora de formas e objetos porque a cidade é um lugar de vida intensa e produtiva onde os seres humanos criam e recriam a todo o momento.

Os comportamentos humanos são estímulos que recebem os sujeitos da individualidade urbana. A cidade é coletividade a partir do momento que controla, porque, a própria organização do espaço habitado vai depender do controle dos comportamentos. No entanto, a integração urbana é variável devido aos numerosos casos que a cidade deixa escapar ao seu controle. A cidade não consegue dominar os movimentos que nascem dela porque diversos processos e numerosos comportamentos são, em sua origem, inteiramente estranhos.

A vida de um sujeito que habita a cidade afeta a cada instante o aproveitamento do espaço urbano habitado porque a partir do momento que um sujeito aluga ou constrói uma determinada habitação, quando se dirige ao trabalho, tem os momentos de lazer, está vivendo e dessa forma à cidade também. A vida da coletividade

urbana é o conjunto de movimentos pelos quais os habitantes de uma cidade trabalham e consomem.

As cidades são tanto dados imediatos de suas materialidades quanto o impalpável dos sonhos e desejos de seus habitantes. Pensar sobre a cidade é pensar as diversas dimensões e atributos, tais como: geografia, literatura, sociologia, filosofia, arquitetura, política, medicina, educação... Por isso, que escrever a respeito da cidade e seus habitantes requer uma interdisciplinaridade de saberes e olhares.

A urbanização não está ligada apenas ao tamanho e densidade da população que habita um determinado local. Quando a cidade se separa da vila não é devido um simples crescimento da população que aumenta em extensão e densidade, mas porque passa a existir uma servidão dos trabalhadores. A lógica econômica capitalista foi gestada e parida através da lógica econômica feudal.

Com o início da Revolução Industrial a taxa de urbanização das cidades não passava de 2%. De acordo com dados do Relatório do desenvolvimento humano de 1995 publicado pela ONU a população que mora nas cidades atingiu 34% em 1960, e 44% em 1992, no ano 2000 eram 48%. Sendo a perspectiva para os anos subsequentes um aumento gradativo da população que vive e habita as cidades. Os dados nos fazem pensar no aumento populacional e de que maneira iremos construir os novos espaços a serem habitados.

O processo de urbanização está em pleno desenvolvimento em boa parte das cidades ao redor do mundo. Os países mais industrializados apresentam altas taxas de urbanização enquanto que ainda existem muitos países essencialmente rurais e desurbanizados. Todos os países industrializados estão sendo urbanizados. E essa urbanização acontece de uma maneira gradativa. As cidades passaram a se organizar e se estruturar porque os sujeitos de um lugar habitado passaram a exigir melhora na infra-estrutura urbana, bem como começaram a reivindicar oportunidades de trabalho e lazer.

Nos países onde a industrialização não existia o processo de urbanização se fez presente devido o comércio e a agricultura local, porém nem toda a cidade recebia atenção e cuidados, deste modo, não era difícil averiguar péssimas condições de vida dos habitantes menos afortunados. Nos países em vias de industrialização a urbanização se faz presente proporcionando e propiciando a uma determinada classe social a melhoria de vida para os que vivem nas cidades: os burgueses.

Escrever sobre a cidade e seu planejamento é falar sobre aqueles que intervieram nela como dirigentes, planejadores, especuladores. A cidade é um espaço de conflitos e conciliações, de alienação e luta de classes...

A cultura dominante de sociedades urbano-industrial expõe os sujeitos a mensagens de submissão e subordinação. Urbano é tudo o que ocorre no interior da cidade.

OLIVEN (1984) afirma que a cidade aumentou em dois períodos históricos distintos. O primeiro foi a partir do fim da Idade Média com o desenvolvimento do sistema capitalista; o segundo momento acontece no fim do século XVIII quando se dá a Revolução Industrial como sendo um modo de produção capitalista. Desta forma, as cidades foram os lugares onde a burguesia floresceu e a industrialização criou suas ferramentas.

Os escritos a respeito das cidades cresceram abundantemente, por isso, OLIVEN (op. cit.), diz que a categoria sociológica cidade pode ser agrupada em três perspectivas distintas: os que encaram a cidade de um ponto de vista como uma variável dependente, os que a encaram como uma variável contextual e os que a encaram como uma variável independente.

Para os que percebem a perspectiva da variável dependente o interesse são os fatores históricos e, por isso, estudam-na como sendo resultados de diversas causas econômicas, políticas e sociais. Para os autores desta perspectiva a cidade como variável dependente se dá devido um complexo entrelaçamento de fatores econômicos, políticos, militares, religiosos etc.. Estes pesquisadores vêem a cidade a partir da objetivação destas forças. Encontram-se situados nessa perspectiva, segundo OLIVEN (op. cit.), Weber e Marx, ambos irão caracterizar a cidade ocidental como um lugar de mercado.

Como pudemos perceber através das idéias de Weber a cidade é um lugar de mercado e poder político. É pré-condição para o sistema capitalista na medida em que se torna necessária para a existência do mesmo. As cidades passam a ser incorporadas a Estados nacionais, transformam-se numa comunidade relativamente autônoma.

Para MARX (1982, p. 404) uma economia urbana precisa de um processo prévio de divisão social do trabalho. Dizia ele que, “O fundamento de toda divisão do trabalho desenvolvida e processada através da troca de mercadorias é a separação entre a cidade e o campo”. Na Europa Ocidental da Idade Moderna, conforme OLIVEN (op. cit.), isto significou um novo padrão de exploração não mais baseado em estamentos,

mas através de classes sociais. Em Marx a cidade é um mercado na medida em que absorve a população exigida pelo aparelho produtivo e cria um exército de reserva solicitado pela burguesia capitalista.

Apesar de divergentes, Marx e Weber, analisaram a cidade partindo do concreto da história dos seres humanos. Cada um ao seu modo mostrou que na tradição ocidental a categoria cidade tem um ponto de convergência de diversos processos. Cidade e política surgiram no Ocidente como realidades inter-relacionadas. Desta forma, OLIVEN (op. cit., p. 18) diz que, “... *civitas* e *polis* são as raízes em distintos idiomas para expressar, ao mesmo tempo, um modo de habitar e uma forma de participar: civismo e política”. Era dessa perspectiva que a cidade era pensada por estes estudiosos.

A perspectiva da cidade como variável dependente, de acordo com OLIVEN (op. cit.), não significa que não exista nenhuma importância em processos sociais e culturais. As cidades precisam ser compreendidas historicamente de uma forma integral mais abrangente. Diversos fenômenos sociais produzem a vida urbana.

Deste modo, para os que pensam a perspectiva da cidade enquanto variável contextual a discussão perpassa sobre a vida urbana e os diversos fenômenos sociais. Com a produção capitalista o poder se desloca do campo para a cidade. A perspectiva da variável contextual preocupa-se com a origem e o desenvolvimento das cidades. Por isso, OLIVEN (op. cit., p. 19), diz que,

[...] as duas abordagens tratam de diferentes níveis de análise. A última está preocupada com explicações para a origem e desenvolvimento de cidades, enquanto que a primeira está interessada em estudar que influência cidades específicas podem ter na vida social de seus habitantes.

Ao perceber que cidades devem ser compreendidas historicamente como fazendo parte de sociedades abrangentes a discussão perpassa sobre a importância de viver em cidades específicas que pode provocar para os diversos fenômenos. A cidade por si só não explica tudo o que acontece. Os sujeitos que habitam uma cidade é que escrevem suas histórias nas memórias e nos espaços habitados.

A partir de outra perspectiva, oposta as duas primeiras, muitos autores estudaram a cidade como uma variável independente. Os que adotam essa visão percebem a cidade como sendo uma potência social e cultural capaz de produzir com

sua influência os mais diversos efeitos na vida social dos sujeitos e do espaço habitado. Nesta perspectiva trata-se bastante da cultura urbana e da ecologia humana.

Com o avanço da ciência os estudos sobre a cidade e seu modo de vida foram se expandindo e novos conceitos e teorias foram criados ou refutados a partir desses estudos que são tidos como clássicos.

Dessa forma, a Escola de Chicago surge para tentar responder a questões como: patologia social, sub-habitação, delinquência, marginalidade, choque cultural, problemas de planejamento urbano. Desta maneira, os estudos sobre o meio urbano estão intrinsecamente ligados a essa Escola que funcionava na Universidade de Chicago, criada em 1892, que desde o seu surgimento contava com o Departamento de Sociologia e Antropologia.

A Escola de Chicago é um marco no que diz respeito aos estudos urbanos. Sobretudo porque no fim da Guerra Civil Americana (1861 – 1865) muitos migrantes europeus e americanos, negros e brancos do Sul dos Estados Unidos, aumentaram significativamente e fez crescer vertiginosamente a cidade e sua população. De acordo com VELHO (2000, p. 16), “A maciça presença de migrantes introduz, entre outras variáveis, uma forte diversificação lingüístico-cultural expressa no próprio mapa da cidade, com bairros étnicos e guetos”. Esta constatação do autor esta baseada nas pesquisas que foram produzidas pelos pesquisadores da Escola de Chicago que se debruçaram acerca da realidade de uma cidade e de alguns bairros norte-americanos. A partir destes estudos e a produção de seus trabalhos pudemos perceber de que forma a cidade e o bairro de Ponta Grossa se diferencia em relação aos outros lugares existentes no mundo, e também de que forma algumas prerrogativas se tronam “semelhantes”<sup>9</sup>.

As fronteiras internas da cidade de Chicago fazem surgir uma forte segregação e a partir desta constatação os cientistas passam a pesquisar esta situação. A preocupação com a ecologia das populações, as relações com o ambiente e a lógica de seus deslocamentos passam a ser a visão significativamente orientada para uma organização social no/do espaço. A Escola de Chicago forneceu contribuições sobre o estudo e investigação da cidade e do bairro através de observação participante, coleta de dados, entrevistas, histórias de vida dentre outros mecanismos de investigação científica. Mesmo sendo criticada por muitos pesquisadores que discordam dos resultados e conceitos dessa Escola ela foi um marco nos estudos urbanos, isto é

---

<sup>9</sup> Semelhantes enquanto um modo de falar, uma expressão, pois sabemos que nossa realidade assim como outras são singulares e particulares.

inegável. Louis WIRTH e Robert Ezra PARK, são os dois mais significativos nomes dessa Escola. Estes estudiosos tratam a cidade enquanto uma categoria de investigação para o comportamento humano e seu modo de vida. São considerados funcionalistas, etnometodólogos e interacionistas simbólicos, assim como toda a Escola.

As idéias dos estudiosos da Escola de Chicago são ancoradas nas perspectivas de SIMMEL, a partir daí irão buscar diversas categorias para entender os modos de vida e urbanidade. Perceberão os efeitos em detrimento das causas. irão focalizar no psíquico, nos sujeitos, uma construção que também passa pelo sócio-econômico-espacial e cultural. Falam de sujeitos e se esquecem das estruturas e superestruturas.

### **1.3. A construção urbana no Brasil**

Para diversas nações conquistadoras a construção de cidades foi um meio decisivo de dominação. A dominação portuguesa, segundo HOLANDA (1995, p. 96) renunciou a implantar normas imperativas e absolutas todas as vezes que as conveniências aconselharam ceder, por isso, não se preocupou em construir, planejar ou fincar alicerces preferindo feitorizar a riqueza de uma forma fácil. Ao contrário da colonização portuguesa, os espanhóis que conquistaram a América do Sul tiveram uma preocupação mais acurada na conquista do território e na organização do espaço habitado. “Um zelo minucioso e previdente dirigiu a fundação das cidades espanholas na América”. Por isso, as cidades colonizadas pelos espanhóis se desenvolveram de outro modo diferente do nosso.

A construção e desenvolvimento da cidade nas Américas começaram sempre pela praça maior. Quando esse povoado ficava localizado na costa do mar a praça era construída no lugar onde acontecia o desembarque, ou seja, num porto. Quando em zona mediterrânea a praça surgia no centro da povoação, deste modo, segundo HOLANDA (op. cit., p 97),

A praça servia de base para o traçado das ruas: as quatro principais saíam do centro de cada face da praça. De cada ângulo saíam mais duas, havendo o cuidado de que os quatro ângulos olhassem para os quatro ventos. Nos lugares frios, as ruas deveriam ser largas; estreitas nos lugares quentes. No entanto, onde houvesse cavalos, o melhor seria que fossem largas.

É desta maneira que as cidades serão pensadas e construídas no Brasil. Deste modo, percebemos que a povoação partia claramente de um centro e se espalhava pelos territórios ocupando os espaços habitáveis. Os castelhanos diferentemente dos portugueses transformaram os países ocupados e colonizados em um prolongamento orgânico do seu. Enquanto a colonização portuguesa foi litorânea e tropical a espanhola aconteceu dentro das terras do interior e dos planaltos. Os espanhóis só ocuparam a parte litorânea quando existiam bons portos e se fossem indispensáveis para que se facilitasse a entrada, o comércio e a defesa da terra. Os portugueses criaram dificuldades para entrar terra adentro porque tinham receio de que, com isso se despovoasse a marinha.

Devido à medida de Portugal, da doação das capitânicas, dando liberdade para os donatários edificar junto do mar e dos rios quantas vilas quisessem não se pensou em conter a população e habitação no litoral. Essa influência litorânea persiste até os dias de hoje. A exploração litorânea praticada pelos portugueses foi facilitada devido ao fato de que essa costa era habitada por uma única família de indígenas e falavam um mesmo idioma. Quando não existia a família indígena de língua tupi os colonizadores interrompiam o processo para dar continuidade em seguida.

A Bahia foi o maior centro urbano da colônia no século XVIII, conforme RIBEIRO (1995, p. 193), seguida do Rio de Janeiro e João Pessoa, posteriormente surgem mais quatro cidades: São Luís, Cabo Frio, Belém e Olinda; com o decorrer dos anos surgem São Paulo, Mariana em Minas Gerais e Oeiras no Piauí, a partir daí a rede urbana cresce cobrindo todo o território brasileiro. As cidades cresceram e se ornaram no decorrer dos séculos, porém, de acordo com HOLANDA (op. cit., p. 110),

A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra “desleixo” [...].

É a partir daí, e com esse desleixo que as cidades brasileiras irão se desenvolver. Com a domesticação dos índios, a escravidão dos negros vindo da África e a imigração de europeus devido à crise de desemprego no mundo o país crescera. A abolição da escravatura faz com que as cidades do Rio de Janeiro e Bahia aumentem de núcleos africanos, criando um excedente populacional, ou seja, um exército de reserva

para servir ao capital e seus propósitos. A urbanização cresce e a residência do trabalhador do campo passa a ser cada vez mais a cidade, aonde vem em busca de melhores condições. Com isso, conforme RIBEIRO (op. cit., p. 194), o contingente urbanizado passa a duplicar-se, passando de 30,6 milhões, em 1920, para 70,9 milhões, em 1960.

Com esse deslocamento de massa de trabalhadores as cidades passam a ter um crescimento bastante significativo e desordenado devido um violento êxodo rural que provoca um contingente espantoso da população. A consequência dessa ocupação será uma miserabilização da população urbana e uma pressão acirrada na competição por empregos. Tivemos uma urbanização caótica, por isso, muitos serviços que deveriam ser oferecidos para um bom funcionamento de uma cidade não tiveram tanto respaldo.

O Brasil a partir desse contingente urbano alcança uma extraordinária vida cidadina fazendo com que se inaugure um novo modo de ser das metrópoles. Conforme DURHAM (1984, p. 20), no ano de 1970, pela primeira vez a população urbana brasileira excede a rural, de 93 milhões recenseados 53% residia nos aglomerados urbanos.

Hoje podemos afirmar que o Brasil é um país urbanizado, porém, esse processo de urbanização ainda se encontra em vias de desenvolvimento em algumas capitais e municípios. Com a expropriação do trabalhador do campo e seu deslocamento em sentido à cidade os índices de população urbana aumentam significativamente em todo o território nacional. Em seus primórdios o povoamento das cidades brasileiras teve início na faixa litorânea. A partir dos anos 60, essa configuração foi modificada na medida em que o território passou a ser desbravado e habitado pelos colonos e pessoas que praticavam atividades agropecuárias e exploração do território.

De acordo com SANTOS (2005) durante séculos o Brasil foi um país agrário, um país primordialmente agrícola. O recôncavo baiano e a Zona da Mata Nordestina iniciaram antes dos outros estados brasileiros um processo de urbanização. As cidades brasileiras em seu surgimento eram mais uma imposição do poder longínquo que uma necessidade.

SANTOS (op. cit., p. 20), pesquisando o começo da urbanização brasileira concorda com Nestor Goulart Reis Filho, que diz que, a urbanização no Brasil pode ser pensada a partir de três períodos: o primeiro correspondendo entre 1500 a 1720, onde o território começa a ser arrumado, surgindo cidades como Rio de Janeiro em 1567 e

Filipéia da Paraíba em 1585; o segundo período corresponde entre 1580 e 1640, onde a Espanha domina o território; o terceiro momento corresponde entre 1650 e 1720, quando são fundadas trinta e cinco vilas sendo duas delas elevada a cidade: Olinda e São Paulo.

Com o fim do processo de assentamento no território brasileiro a rede urbana contava com sessenta e três vilas e oito cidades.

A urbanização se desenvolve no Brasil com a concessão de terras para os colonos vindo de Portugal e, deste modo, surge à formação de vilas e a instalação de portos na sua colonização e a cidade passará a exercer um papel muito significativo, pois passa a ser a residência do fazendeiro e do senhor de engenho.

Com isso, o século XIX será considerado o momento em que o país atinge certa maturidade em seu processo de urbanização. Com a expansão da agricultura comercial e a exploração mineral é criada e gerada uma riqueza que faz surgir uma ampliação da vida, de relações, fazendo eclodir cidades litorâneas e no interior. Por isso, SANTOS (op. cit., p. 22) diz que, “A mecanização da produção (no caso da cana-de-açúcar) e do território (não apenas no caso da cana) vem trazer novo impulso e nova lógica ao processo”. O país começa a entrar nos trilhos da história universal e do processo capitalista gerando produtos e criando riquezas, por isso necessidades e demandas ocasionaram o desenvolvimento desordenado e desestruturado.

Com o fim do período colonial, diz SANTOS (op. cit., p. 22), cidades como São Luís do Maranhão, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, possuíam boa parte da população nacional contando com 2,85 milhões de habitantes. Na virada do século XVII para o século XVIII a cidade de Salvador mantinha em seu território 100 mil habitantes enquanto que nos Estados Unidos algumas cidades não passavam de 30 mil habitantes.

Ainda de acordo com SANTOS (op. cit., p. 23), no ano de 1872 apenas três capitais do território brasileiro continha mais de 100 mil habitantes, eram elas: Rio de Janeiro, com uma população de 272.927, Salvador, com 129.109 e Recife que já contava com 116.671. São Paulo nesse período possuía uma população inferior a essas capitais, contava apenas com 31.385 habitantes.

No ano de 1900 quatro cidades do nosso território já contava com mais de 100 mil habitantes: Rio de Janeiro com 691.565 habitantes, São Paulo com 239.820, Salvador com 205.813, Recife com 113.106 e Belém que tinha 96.560 mil habitantes.

Essas eram as capitais mais povoadas do nosso território, no entanto, outras capitais ao longo do tempo e com o desenvolvimento sócio-econômico-cultural, chegavam à cifra de 50 mil residentes nesse mesmo período: Porto Alegre com 73.674 habitantes, Niterói 53.433, Manaus 50.300, Curitiba 49.755 e Fortaleza 48.369.

No fim do século XIX, SANTOS (op. cit., p. 24) diz que, passamos a conhecer a aceleração do fenômeno urbano. No ano de 1900 as cidades e a urbanidade passavam de 1,2 milhões. Neste sentido, pode-se perceber que a população brasileira subira de 9,9 milhões de habitantes, para 14,3 milhões. Isto significa um crescimento de 40% em quinze anos.

Entre os anos de 1890 e 1920 a urbanização do país pouco se alterou, contudo entre o período de 1920 e 1940 esse processo e as taxas triplicam. Desta maneira, SANTOS (op. cit., p. 25), coloca que, “A população concentrada em cidades passa de 4, 552 milhões de pessoas em 1920 para 6.208.699 em 1940”. É um aumento mais que significativo, pois o território e seus espaços habitados desenvolvem-se de uma maneira desordenada e desorientada. Onde existia fauna e flora vira concreto.

A partir do ano de 1929 começa a surgir no país um processo de urbano-industrialização depois de concessões e trocas de favores. Essa formação de um modo de produção com caráter urbano-industrial capitalista está ligada no Brasil ao enfraquecimento da economia colonial e ao surgimento e desenvolvimento de uma economia de mercado. Conforme OLIVEN (op. cit., p. 61),

O Brasil se tornou independente de Portugal quando a economia de mineração do primeiro estava declinando e num período de transição para a cafeeicultura na região centro-sul.

Apesar de todo o desenvolvimento na virada de século XIX para o XX o Brasil ainda tinha uma imagem de país agrário e rural. O urbanismo para nós passa a ser uma condição de extrema modernidade no que concerne ao nosso avanço sócio-cultural-espacial. Foi no campo e a partir dele que nosso povo construiu seu modo de ser e agir. Nossa história é a de uma sociedade de lavradores e pastores.

Na República Velha (1889-1930), o país experimentou grandes transformações que tiveram dimensões bastante significativas, quando ocorre a República Nova que tem início a partir da década de 30. Desta forma, de acordo com OLIVEN (op. cit., p. 64),

[...] estas transformações foram a criação de uma indústria de substituição de bens não-duráveis, o crescimento das cidades que eram capitais de mercados regionais, a crise do café, a crise do sistema baseado em combinações políticas entre as oligarquias agrárias (a “política dos governadores”) e o surgimento de revoltas sociais e militares que começavam na década dos vinte e culminaram com a Revolução de 1930.

Na década de 30 os fatores políticos, econômicos e sociais fazem com que algumas transformações aconteçam tardiamente. Através do excedente criado pelas oligarquias agrárias iniciou-se um novo processo de industrialização mesmo que os privilégios tenham sido mantidos de uma forma alterada. Neste período é construído um aparelho de Estado mais centralizado e o poder se deslocou do âmbito regional para o nacional. No entanto, OLIVEN (op. cit., p. 65) diz que, “É claro que as massas urbanas foram eficientemente manipuladas através de políticas paternalistas que tinham como finalidade mantê-las dóceis e sob controle.

Conseguimos alcançar no terceiro terço do século XX a urbanização do território depois de longo período de urbanização social e territorialmente seletiva. Porém, RIBEIRO (op., cit., p. 201), afirma que,

A moderna industrialização brasileira teve o seu impulso inicial através de dois atos de guerra. Getúlio Vargas impôs aos aliados, como condição de dar seu apoio em tropas e matérias-primas, a construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda e a devolução das jazidas de ferro de Minas Gerais. Surgiram, assim, imediatamente após a guerra, dois dinamos da modernização no Brasil. Volta Redonda foi a matriz da indústria naval e automobilística e de toda a indústria mecânica. A Vale do Rio do Doce pôs nossas reservas minerais a serviço do Brasil, provendo delas o mercado mundial. [...] Além dessas empresas, o Estado criou várias outras com êxito menor, como a Fábrica Nacional de Motores e a Companhia Nacional de Alcalis.

A partir da década de 1940 até 1980, segundo SANTOS (op. cit., p. 31), a população brasileira passa a ter uma inversão quanto ao lugar de residência e origem. A taxa de urbanização nos anos 40 era de 26,35%, ao longo dos anos e de nosso desenvolvimento quando chegamos em 1980 à taxa de urbanização chegava a 68,86%. Entre esse período a população brasileira é triplicada, no entanto a população urbana aumenta vertiginosamente.

A transformação do Brasil em uma sociedade e cultura mais urbana acontece de diversas formas e processos. Entretanto, a urbanização aqui instalada apresenta um padrão diferenciado da industrialização. O crescimento de cidades menos

industrializadas apresenta ritmo quase tão intenso como o das cidades mais industrializadas. Com isto, OLIVEN (op. cit., p. 72), diz que “[...] A questão que precisa, então, ser formulada é se a sociedade urbano-industrial brasileira possibilita a integração à vida da cidade a toda a sua população urbana”. Isto não acontece, pois a sociedade urbano-industrial brasileira não possibilita a integração, mas a distinção. Viver na cidade é estar sempre em suspenso, em volta aos encontros e desencontros.

As grandes e médias cidades da capital brasileira passaram a oferecer algumas oportunidades devido às necessidades e demandas criadas pelo sistema capitalista representando para alguns uma melhoria relativa de condições de vida. Isto acontece devido estas cidades serem centros dinâmicos da economia. Com isto, nossa organização territorial e urbana passa a apontar profundas diferenças entre as regiões. Deste modo, a região Nordeste passa a aparecer como sendo uma região-problema, com a integração capitalista do mercado e território nacional, devido à má aplicação dos recursos públicos.

No Brasil, diz GROSTEIN (2001, pp. 01-2), os municípios do nosso território só começaram a receber uma melhor atenção na medida em que foram incorporados ao planejamento do Governo Federal,

O processo de urbanização brasileiro, na segunda metade do século XX, conduziu à formação de 12 regiões metropolitanas e 37 aglomerações urbanas não-metropolitanas, que concentram 47% da população do país. [...] As regiões metropolitanas, por contingências ou natureza das relações estabelecidas entre municípios que compõem, dependeriam de políticas integradas de desenvolvimento urbano e de ações articuladas, que seriam próprias de uma gestão compartilhada. Pela ausência histórica de procedimentos desse tipo, agravaram-se as inadequações no uso e ocupação do solo [...].

O padrão de urbanização nas cidades imprimiu algumas especificidades regionais. O modo predominante de fazer cidade apresenta componentes de insustentabilidade associados aos processos de expansão da área urbana e modernização dos espaços intra-urbanos; e proporcionam uma baixa qualidade de vida urbana a uma grande parcela da sociedade. Desta forma, GROSTEN (op. cit., p. 01), afirma que,

Em apenas quatro décadas entre 1950 e 1990 formaram-se 213 cidades com mais de um milhão de habitantes e em todas elas a expansão da área urbana assumiu características semelhantes, isto é, não resultou de determinações ou projetos articulados visando a extensão da cidade, mas ao contrário, prevaleceu a difusão do padrão periférico, condutor da urbanização do território metropolitano, perpetuando, assim, o

loteamento ilegal, a casa autoconstruída e os distantes conjuntos habitacionais populares de produção pública, com seus principais propulsores.

O Brasil é um produto do sistema capitalista através da expansão marítima portuguesa que precisava encontrar novas terras para explorar e espoliar. É fruto de uma mundialização e padronização de cultura e tradição. Os portugueses nunca se preocuparam em ocupar o espaço e habitá-lo, visavam o lucro e a expropriação. Com o fim da colonização instalada no país e com a República proclamada a constituição do Estado brasileiro seguirá a lógica implantada no mundo do capital. Nossa política e cultura serão pensadas em prol de uma elite agrícola cada vez mais ascendente. As memórias serão construídas e mantidas na preservação dos grandes feitos e dos grandes homens. Nossas cidades e os sujeitos que a constroem crescerão em busca de um mercado que se torna cada vez mais internacional e mundial e, deste modo, esquecem dos sujeitos jogando-os a própria sorte.

#### **1.4. A construção urbana da cidade de Maceió**

De acordo com Dirceu LINDOSO (2000), o Estado de Alagoas surge a partir de um projeto mundial de ocupação e conquista do mercantilismo da Europa nos séculos XVI e XVII. Com a colonização do Brasil instalou-se o processo de conquista e distribuição do território; no início Alagoas fazia parte do território de Pernambuco. Os pólos de colonização no extremo sul de Pernambuco eram Penedo (1570), o de Porto Calvo (1590) e o de Santa Luzia do Norte (1608) – Alagoas (1611).

Desde o início da colonização brasileira pelos portugueses, Alagoas possuía uma população indígena hostil dominada pelos Caetés<sup>10</sup> que de certo modo retardaram a sua conquista e exploração.

A velha capital de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul foi precursora no nosso processo de desenvolvimento e modo de ser, pensar, estar. Foi a partir do crescimento populacional e habitacional bem como das duas lagoas: Mundaú e Manguaba que os hábitos e costumes dos populares através de seus ritos culturais criou

---

<sup>10</sup> Os índios Caetés foram os primeiros habitantes da região que pertenciam à nação Tupi, eram excelentes pescadores e caçadores; também eram belicosos, traiçoeiros e antropófagos. Com o naufrágio da nau Nossa Senhora da Ajuda, na costa de Alagoas no ano de 1556 comeram o bispo Pero Fernandes Sardinha e outros naufragos. O governo português empreendeu uma caçada sanguinária a esta etnia, dizimando quase todos, os sobreviventes foram escravizados. Informação obtida no site <http://www.museudouna.com.br/curiosidade.htm>, consultado em 08 de setembro de 2009.

Maceió. A cidade de Alagoas mergulha na cultura lagunar enquanto que a de Maceió passa a dominar o litoral.

O documento mais antigo que nos dá notícia da existência da cidade de Maceió data de 1611. É uma escritura de doação assinada por Diogo Soares da Cunha (alcaide-mor de Santa Maria Madalena) em favor de Manuel Antônio Duro que possuía uma casa de telha na praia de Pajussara. Conforme COSTA (1981, p. 03), essa escritura de doação data de 25 de novembro de 1611 e indica que antes da invasão holandesa em 1609 existia em Pajussara uma habitação definitiva e que também outro sujeito ali se estabelecera obrigando o novo sesmeiro a demarcar os sítios.

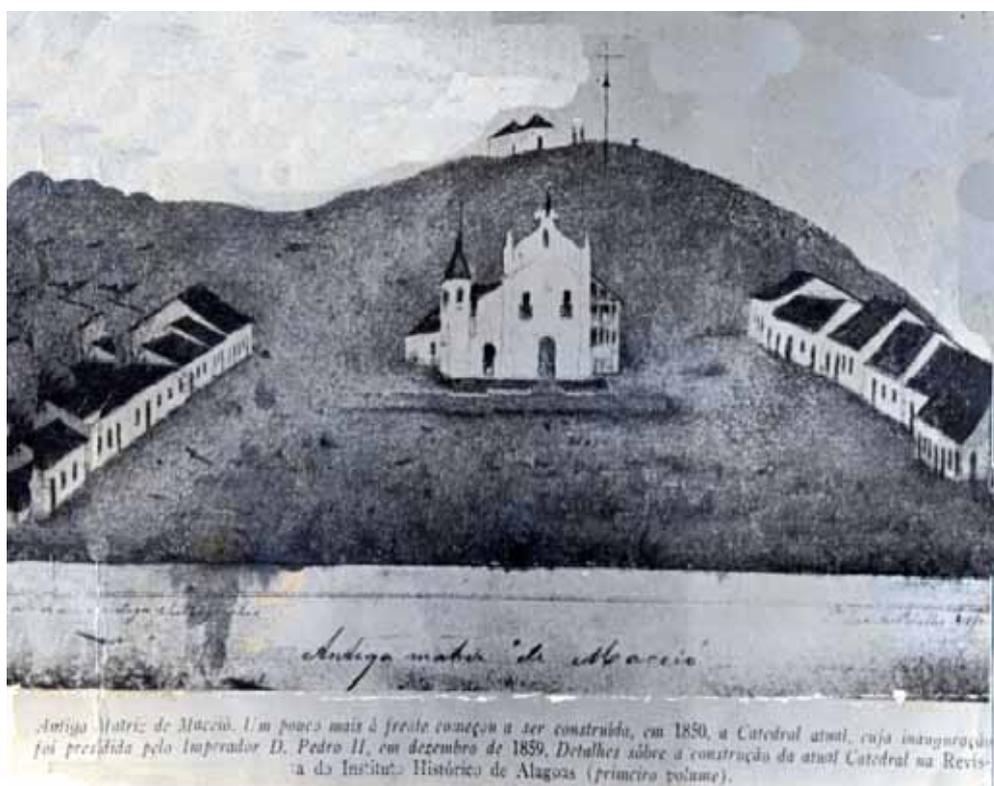
Antes da doação a Manuel Duro em 1611 na enseada de Pajussara já existia um proprietário, como foi dito. Por isso, a sesmaria de Manuel Duro foi transferida ao capitão Apolinário Fernandes Padilha que era antigo proprietário de terras em Maceió. Ao longo do tempo, diz COSTA (op. cit., p. 06), "... D. Pedro II, em 1673, ordenou ao governador geral, Visconde de Barbacena, fizesse fortificar o pôrto de Jaraguá e povoar a comarca das Alagoas com ilhéus dos Açores". Com a vinda dos ilhéus dos Açores e dos escravos trazidos da África e dos índios domesticados a cidade ganha população e com ela a necessidade de criação de infra-estrutura com a construção de moradias, condições sanitárias, dentre outras demandas.

Segundo alguns historiadores, como PINTO (1979) e BARROS (1991), a opinião defendida é de que Maceió teve origem através de um engenho de açúcar que possivelmente tenha sido fundado por alguns habitantes de Santa Luzia do Norte, as margens do riacho Maçai-ó-k ou Massayó (o que tapa o alagadiço) que banhava a cidade. De acordo com PINTO (op. cit., p. 47), "O engenho era edificado na sesmaria de Manoel Antonio Duro, que tendo oitocentos braços de costas e fundos, estendia-se até encontrar o rio Mundaú". E segundo BARROS (op. cit.), essa verdade que se prega deve-se a tradição oral, pois não existe nenhum registro desse engenho.

Muitos pesquisadores chegaram a afirmar que a cidade teria sido originada de um engenho chamado Massayó, como foi dito. Este engenho só moeu por duas vezes, pois se encontrava fincado em local indevido para o cultivo da cana-de-açúcar, por isso parou de funcionar.

Segundo COSTA (op. cit., p. 10), do mesmo engenho foi encontrado vestígios no ano de 1850, no entanto, o nome do seu fundador não se sabe por que não existe nenhum registro. Sabe-se apenas que outros sesmeiros se estabeleceram nessas

terras; um deles chamado Apolinário Fernandes Padilha construiu no ano de 1762 o patrimônio de Nossa Senhora dos Prazeres. Essa capela é bastante antiga, porém antes desta existiu a capela de São Gonçalo que pertenceu ao padre Antônio Ferreira da Costa que doou em 1787 para seu afilhado. A capela existiu até o ano de 1850, como sendo a matriz, posteriormente foi demolida. Logo abaixo mostramos uma imagem da antiga capela de São Gonçalo, primeira igreja de Maceió, e em seguida temos uma imagem da catedral metropolitana de Maceió que foi inaugurada no ano de 1850.



Antiga matriz de Maceió (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som - MISA).



Catedral Metropolitana (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som - MISA).

Da demolição da capela de São Gonçalo surgiu a atual catedral metropolitana da cidade que pertencia ao proprietário do engenho. Era costume construir uma ermida ao lado dos engenhos. Deste modo, COSTA (op. cit., p. 12) diz que,

O engenho ficava ao sopé da montanha, ao *descambar da ladeira*, com a ermida de São Gonçalo sobranceira. A seguir, a falda do monte à margem do riacho, o pântano adjacente, a restinga onde o riacho deságua, mais tarde conquistada por aterros sucessivos e pela ação do próprio riacho, área antiga conhecida como *Bôca de Maceió*, sobre a qual foram construídas as ruas atuais [...].



Povoado da Boca de Maceió (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som - MISA).



Povoado da Boca de Maceió (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som - MISA).

O povoado teve como seu primeiro padroeiro São Gonçalo. A partir da sesmaria de Manuel Antônio Duro, que se dividia e desenvolvia, pequenas propriedades rurais surgiram e aos poucos foram se transformando em propriedades urbanas com as construções das vias públicas e dos prédios. A expansão do povoamento e a subdivisão de suas terras vão tornando o lugar habitável e os bairros vão sendo construídos para atender uma demanda que surge. Com o aumento da produção e exportação da cana-de-açúcar os senhores aristocráticos migram para a cidade em busca do ar que os liberta.

Com o fim da colonização portuguesa a povoação de Maceió encontrava-se com um grande centro comercial de alguma importância. Por isso, a produção da cana-de-açúcar e os produtos vindos do exterior e dos outros Estados brasileiros saindo e chegando pelo mar propiciou o desenvolvimento comercial do local. A fisionomia rural do lugar gradativamente toma o aspecto e vida movimentada. Deste modo, o comércio fazia a prosperidade do local criando consigo uma classe dominante na comunidade próspera. A partir desta prosperidade alguns hotéis surgem na cidade para hospedar os visitantes, por isto, logo em seguida mostramos a imagem do Hotel Bella Vista, um dos primeiros da cidade.



Antiga Boca de Maceió, agora mais urbanizada, mostrando o Hotel Bella Vista no Centro da cidade (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som – MISA).

Os comerciantes tornaram-se com o fim da colonização os senhores do território, donos da riqueza que pertencera à aristocracia rural.

A cidade de Maceió, entretanto, passa a se originar de um pequeno povoado de pescadores no porto de Jaraguá. Desta maneira, a cidade começa a desenvolver-se a partir do final do século XVIII e no alvorecer do século XIX, através do processo de colonização aqui instalado e depois da colonização com a República em Alagoas a cidade passa a se desenvolver e crescer como diversas capitais do Estado brasileiro. Abaixo mostramos imagens da ponte de embarque do porto de Jaraguá e sua porta de entrada, a partir delas observamos de que forma a cidade cresce e desenvolve.



Ponte de embarque do Jaraguá, ponto de partida para o processo de urbanização da cidade devido o embarque e desembarque de produtos e pessoas vindos de toda parte do país e do mundo (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som – MISA).



Portal de entrada para ponte de embarque do Jaraguá.

Com a produção de açúcar, algodão, fumo, cereal, madeiras para a construção civil e naval, farinha de mandioca, couros, produtos que vinham do centro em direção ao litoral nos carros de bois guiados por escravos de confiança, o comércio do povoado comprava ou recebia em consignação. A partir de então Maceió começa a fazer jus aos privilégios de vila e a Mesa do Desembargador do Paço, de acordo com ALTAVILA (1975, p. 59),

A 5 de dezembro de 1815, por alvará de D. João VI, a povoação de Maceió foi desmembrada da antiga vila de Alagoas e ampliada com sete boas léguas na costa, o que lhe dava a importância de começar a ser dominadora do litoral e de ir trazendo a colonização da região da mata para a região da praia.

Em meados do século XVIII Maceió ainda era um modesto povoado pertencente à jurisdição de Alagoas. Maceió, conforme COSTA (1932) fica ao Norte o município de São Luiz do Quitunde; ao Sul e a Leste o atlântico; a Oeste o município de Santa Luzia do Norte; Sudeste o de Alagoas. A cidade foi elevada à vila pelo alvará de 05 de dezembro de 1815 sendo oficialmente investido das prerrogativas municipais em 1817.

No século XIX, a cidade de Maceió gozava de certa prosperidade devido o seu desenvolvimento de acordo com a “lógica do capital”. Começa a apresentar algumas ruas em seu entorno com infra-estrutura nascente. Conforme COSTA (op. cit, p. 28),

O pátio da Capela, depois largo do Pelourinho, praça da Matriz e, por fim, praça D. Pedro II, era o centro social, o coração da vila, primazia que lhe vinha, por direito de nascimento, do antigo engenho de açúcar a que substituíra. No largo, no sobrado destinado à câmara, se aboletaria o ouvidor. No largo teria lugar, pois, o grande acontecimento inaugural da vila.

A atual praça D. Pedro II é o núcleo fundamental da cidade, era conhecida como Largo do Pelourinho, e o pelourinho era símbolo da vila que já existia desde antes de 1841. Dessa forma, a cidade povoa-se pelos arredores do morro. E entre a lagoa e o riacho de Maceió (atualmente o Riacho Salgadinho) existia uma área quase deserta. COSTA (op. cit., p. 30), diz que, “Meia dúzia de casebres cobertos de palhas e uma estiva sobre a lagoa estabeleciam certa ligação entre essa área despovoada e o centro da vila. Era a Bôca de Maceió todo esse deserto paludoso”. A cidade começa como um pequeno povoado, habitado no morro onde surge a igreja de São Gonçalo, e posteriormente a Catedral Metropolitana de Maceió. Na imagem abaixo da Praça D. Pedro II temos o lugar de fundação da cidade, a partir daqui Maceió cresce e aparece.



Praça D. Pedro II (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som – MISA).

Foi o brejo, o pântano, o mangue que a expansão urbana conquistou e aterrou. E no ano de 1850 pela picareta de José Bento foi encontrada a fornalha do engenho inicial do povoado, de acordo com COSTA (1981).

O governador Melo e Póvoas, mandou levantar uma planta do território delimitando os espaços de ruas para o desenvolvimento da cidade. Ainda segundo COSTA (op. cit., p. 34),

Melo e Póvoas traçou o plano magnífico de uma cidade, que não invejaria as melhores de agora, rasgando avenidas, que começaram no mar e terminaram na lagoa. Pena foi que a incúria municipal do tempo e as administrações compadrescas que acompanharam o desenvolvimento da cidade tivessem posto à margem o plano do primeiro governador da capitania. Depois de 1841 a planta perdeu-se.

O bairro da Cambona foi o início de uma zona suburbana no rumo da lagoa Mundaú. O bairro de Jaraguá começava a surgir e nele foi erguida a igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo. Posteriormente a 1840, as construções ganham espaço e surgem prédios com estilo Greco-Romano. Cresce Maceió. Mostramos em seguida imagens da igreja Nossa Senhora Mãe do Povo, e uma visão da cidade vista do mar da praia da avenida.



Matriz de Nossa Senhora Mãe do Povo em Jaraguá (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som – MISA).



Vista de Maceió do mar da avenida no final do século XIX (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som – MISA).

A pequena vila de Maceió no ano de 1859 possuía 26.531 habitantes. Ao longo do tempo habitado a população foi aumentando e os espaços do território passaram a ter novos bairros ocupados pelos sujeitos que aqui fizeram sua morada.

COSTA (op. cit., p. 186)), afirma que o município de Maceió no ano de 1870 compreendia a freguesia de Maceió, Jaraguá e Pioca, possuindo uma população de 28.630, sendo 4.822 de escravos.

A partir de 1872 até a proclamação da República segundo COSTA (op. cit., p. 192) não foram realizados mais recenseamentos. No entanto, ao ser instalada a República procurou-se saber o número de habitantes do país estabelecendo em sua Constituição a obrigatoriedade de uma contagem da população a cada dez anos. Com isso, o primeiro censo decenal mostra-nos que o município de Maceió possuía 31.498 habitantes. O segundo censo foi realizado no ano de 1900 e mostrou que o município possuía 36.542 habitantes.

No ano de 1910 não foi realizado o terceiro censo senão em 1920. Deste modo, COSTA (op. cit., 192) afirma que, “A população da capital, inclusive os distritos de Meirim e Pioca, foi de 74.166 habitantes, que ocupavam 15.800 casas”. A partir desses dados estatísticos em relação à quantidade de sujeitos habitante no território da cidade de Maceió percebemos como a cidade vai populacionalmente aumentando e com ela seus espaços habitados. Deste modo, também percebemos que apesar de ter tido um plano inicial feito pelo governador Melo e Póvoas a cidade e suas ruas foram surgindo aos poucos através dos caminhos e trilhas abertos pelos carros de bois que não andavam em linha reta, pelas patas dos cavalos e jumentos, bem como pelos pés das pessoas.

Com isto, primeiramente foi sendo ocupada a parte baixa onde existia uma área de restinga. Segundo DUARTE (1982-1983) a cidade de Maceió foi edificada em três planos distintos: o primeiro corresponde à faixa litorânea, no passado chuvoso e pantanoso; o segundo central, ou de pouca elevação, representando o arcabouço da velha cidade colonial e em terceiro a faixa do planalto do Jacutinga, Tabuleiro dos Martins e Gruta de Lourdes. A cidade poderia ser dividida entre: Baixa, Média e Alta.

No período de 50 anos a população do município de Maceió teve um aumento de 45.338 habitantes. E no ano de 1938 a população da cidade era estimada em 143.895 habitantes. Esses números só crescem ao longo do desenvolvimento sócio-econômico-cultural do município.

No ano de 1927 de acordo com DIEGUES JUNIOR (1981, p. 201) o prefeito da cidade, Moreira Lima, coloca em linha reta a velha Rua do Açougue que era conhecida como 1º de março, provocando um reboiço na vida urbana. Foram derrubados os velhos quarteirões de taipa existente na área central da cidade e os moradores foram expulsos para a periferia, para os bairros mais afastados e sem infra-

estrutura. Em seu lugar foram construídas casas modernas. Assim como ocorre a modificação dessa rua, outras também passaram a ser modificadas. Neste ponto, lembramos de um fragmento dos escritos de LEFEBVRE (op. cit., p. 20) que diz que,

[...] O barão Haussmann[...] [...] substituiu as ruas tortuosas mas vivas por longas avenidas, os bairros sórdidos mas animados por bairros aburguesados. Se ele abre **boulevards**, se arranja espaços vazios, não é pela beleza das perspectivas. É para “pentear Paris com as metralhadoras” (Benjamin Péret).

Deste modo, percebemos de que maneira os espaços habitados são construídos. G. E. Haussman foi prefeito de Paris, em 1859, colocou abaixo edifícios, expulsou milhares de sujeitos de seus lugares, destruiu bairros inteiros. Em nome do capital, projetos de lei abriram caminhos para a franquia de toda a cidade abarcando a totalidade dos habitantes.

Os bairros e arrabaldes da cidade de Maceió passam a ser renovados e construídos. Bairros como Jaraguá, Poço, Farol, Trapiche da Barra, Levada, Bebedouro, que são os mais antigos são investidos de ruas novas, palacetes, casas, praças com estatuas de animais, homens lutando com bichos, figuras do Olimpo, deuses mitológicos, tudo isso a partir da década de trinta em diante. Desse modo, as praças nesse período passam a ter maior importância e significado tirando as pessoas de casas e levando-as as ruas para freqüentar os novos espaços públicos que surgem. Desta maneira, DIEGUES JUNIOR (op. cit., p. 202) diz que,

[...] o contato com a rua não é privativo dos moleques, dos negros, dos vagabundos, das mulheres perdidas. As famílias já procuram as ruas, já vão às praças, já assistem os festejos públicos.

Com a democracia política a partir da República alcançamos de certa forma uma democracia social. A rua passa a ser uma atração, mas não seria um lugar de mistura de classes e sim de segregação, disputa de classes. Os hábitos das cadeiras nas calçadas que se torna símbolo do contato mais íntimo da família com a rua e com o que nela se passa e com quem passa foi um comportamento surgido com a urbanização da cidade. DIEGUES JUNIOR (op. cit., pp. 202-03) diz que,

[...] os homens vestidos de pijama, espichados em cadeiras preguiçosas, as senhoras de chinelos sem meias, recostadas em cômodas cadeiras de balanço, as crianças sentadas na beira da calçada ou brincando de roda, de calçadinha de ouro, de cabra-cega. A rua vai mudando a fisionomia,

perdendo aquele ar de coisa feia com que ainda nos dias do período imperial era tratada pelas famílias. Com essa aproximação com a rua, a frequência à praça – uma oportunidade de contato coletivo para amostra de vestidos, de chapéus, de sapatos, tão ainda ao gosto da cidade – torna-se mais assídua.

As praças na cidade transformam-se no cenário do passeio, dos encontros, conversas, namoros, passarela de moda e estilo. Nelas, a partir da década de 20 e 30, aconteciam concertos que eram freqüentados de início por pessoas mais requintadas da sociedade, em seguida, foram recebendo também pessoas simples e de toda a sociedade. Outro fator de aproximação com a rua, e não com a elite social e cultural local, eram as festas religiosas de elevada concorrência. Deste modo, mostramos imagens da Praça Dois Leões em Jaraguá de dois ângulos, para que possamos ver o que se escreve.



Praça Dois Leões (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som – MISA).



Praça Dois Leões vista de outro ângulo.

Festas que tinham uma mistura de sagrado e profano. As festas de natal na cidade eram bastante concorridas e constituíam a diversão máxima da sociedade maceioense. Assim como as festas religiosas e de fim de ano, o carnaval da cidade era bastante animado com seus desfiles de corso, combates de serpentinas e confetes, além do uso de máscaras.

Com o aumento demográfico da população da cidade e a construção de espaços privados destinados a diversão da burguesia as praças deixam de ser freqüentadas pela elite local passando a ser ocupada pelos populares e transeuntes. Apresentações culturais produzidas, por e para a elite do local, deixam de acontecer nos espaços públicos destinados para o passeio e encontro. Esses espaços de lazer e entretenimento transformam-se num lugar de sociabilidade daqueles que não possuem capital para estar nos lugares privatizados e elitizados. Os espaços públicos serão os palcos do folclore produzido pelos populares em busca de diversão e lazer. Desta maneira, SILVA (2005, p. 301) diz que, “[...] A memória é fragmentada. O sentido da identidade consiste nos arranjos e rearranjos constantes dos pedaços, dos fragmentos de acontecimentos passados”. O passado condiciona o presente impondo um modo de ser, estar, pensar, sentir. Lugares provocam sentidos porque produzem sentido.

Bailes foram surgindo e abrindo novos espaços elitizados. A cidade ganha um teatro e grupos dramáticos. Salas de cinemas que se instalam no período

de 1890 a 1900. No ano de 1912, Maceió já tinha o cinema falante como ficou conhecido os filmes falados no cinema. Foi criada a Biblioteca Pública Municipal no ano de 1938 que contava com a direção de Aurélio Buarque de Holanda. Dentre tantas outras atratividades para uma vida urbana que se propagava...

No ano de 1938 mais 231 casas eram erguidas na cidade, isso depois de ter surgido diversas outras nos anos anteriores, como por exemplo: 1936, 399 casas e 1937, 361 casas. O local contava com dois bairros tidos como sendo principais: o centro urbano conhecido como Maceió e Jaraguá. Entretanto conforme DIEGUES JUNIOR (op. cit., p. 216),

De mais interesse, sob o ponto-de-vista turístico, pelo menos, são a Levada e o Trapiche da Barra. Não porque haja no primeiro o Mercado Público, um grupo escolar, o Cinema Ideal, a Feira do Passarinho; nem porque haja no segundo o Quartel do 20º B. C., o Cemitério Velho, o do Cajú, o Asilo dos Doidos, o Hospital de Isolamento. Mas sim pela influência das águas da lagoa. A Manguaba banha em cheio a Levada e o canal que vai levá-la ao contacto com a Mundaú passa pelo Trapiche da Barra.

As vegetações de anos atrás vão dando lugar a paisagem de ruas e avenidas que surgem na cidade. Desse modo, no ano de 1950 a população da cidade chega a 120.980 habitantes. Dez anos depois os dados censitários revelam que a cidade passa a ter 170.134 habitantes. Mostramos uma imagem panorâmica da cidade vista do bairro do Poço.



Vista Panorâmica da cidade no começo do século XX (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som – MISA).

Com uma área de 508 km<sup>2</sup>, conforme nos mostram dados da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra<sup>11</sup>, a cidade apresentou uma progressão de sua densidade demográfica bastante relevante. No ano de 1950 a população de Maceió era de 238,1 hab./km<sup>2</sup>. Na década seguinte, ou seja, nos anos 60, aumenta para 334,9 hab./Km<sup>2</sup>, nos anos 70 atinge-se 519,0 hab./km<sup>2</sup>, no entanto, a tendência seria o aumento dessa proporção fazendo com que no final de 1985 a estimativa chegasse a ter uma elevação para 1.056,1 hbs/ km<sup>2</sup>

Nos anos de 1980 a população de Maceió era de 392.254 habitantes. Nos anos de 1990 essa população aumenta significativamente passando para 583.343, de acordo com dados do IBGE.

A partir de novos estudos feitos de acordo com alguns dados do IBGE referente ao ano de 2004 a área da cidade de Maceió corresponde a 511 km<sup>2</sup> e sua situação geográfica corresponde à seguinte: micro região de Maceió; possui limites com Rio Largo, Satuba, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco, Marechal Deodoro, Paripuera, Messias e Flexeiras. Tem uma população total de 2.822.621 habitantes, sendo a população urbana da cidade de Maceió correspondente a 1.919.739. Com os dados preliminares do IBGE através do resultado do último censo de 2007 a cidade hoje possui 2.183.014 habitantes na área urbana. Deste modo percebemos de que forma a população aumenta e com ela os problemas de moradia, saneamento básico, transportes, trabalho, renda etc..

A cidade de Maceió ao longo dos últimos 20 anos tem sido palco de uma crescente concentração demográfica de acordo com alguns dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos anos 80, como a capital que mais cresceu nos últimos tempos no Brasil.

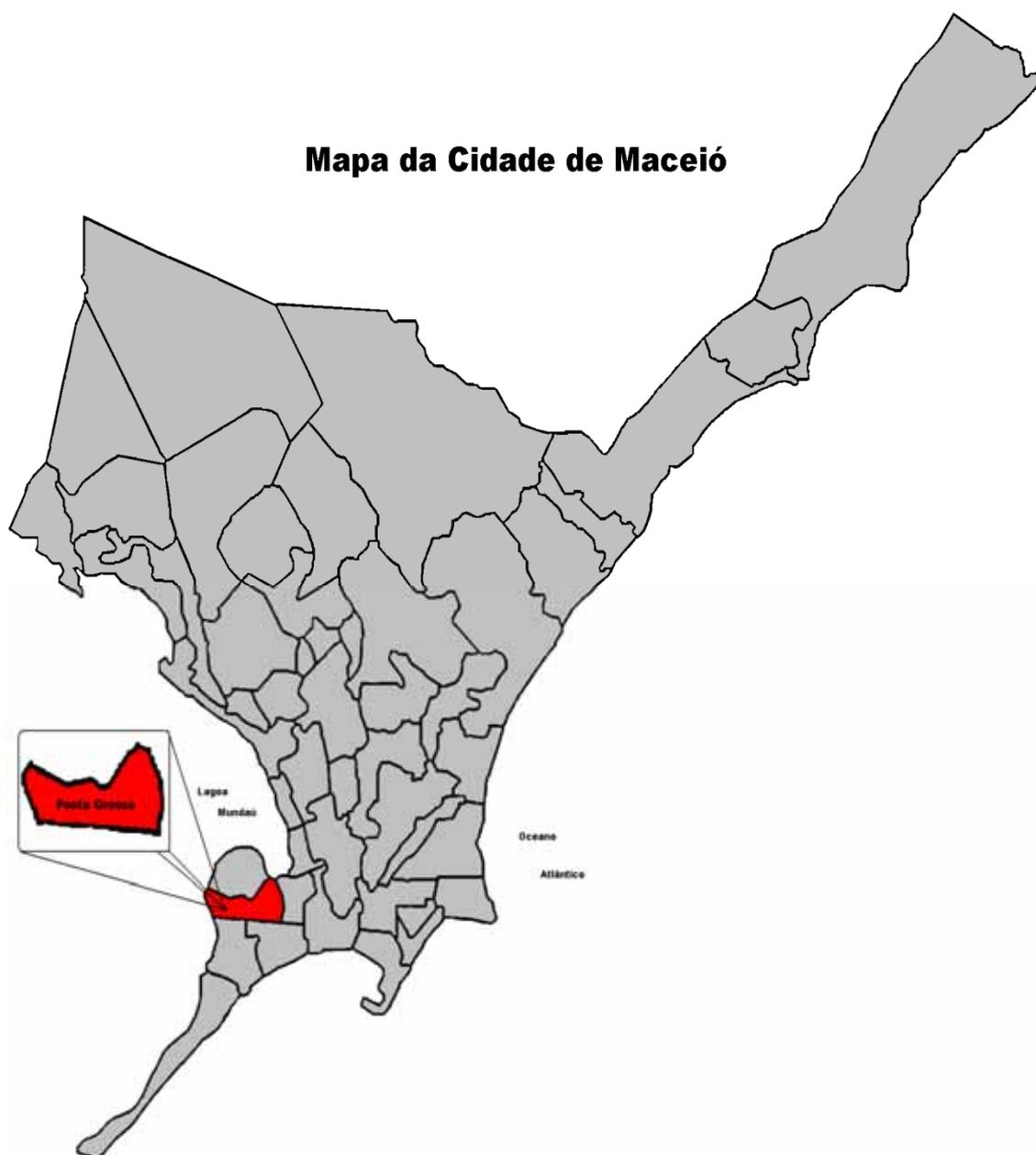
No ano de 2000, a cidade teve oficialmente definido em 50 o número de bairros existentes. Antes da sanção da lei que definiu o novo abairramento da cidade, eram reconhecidas como bairros apenas 25 localidades definidas a partir da divisão censitária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com 511 km<sup>2</sup> total de área, a cidade possui 233 quilômetros considerados de área urbana. A partir da nova configuração do abairramento definitivo da cidade esta passou a ser dividida em sete Regiões Administrativas onde cada uma tem reunido um grupo de bairros de uma

---

<sup>11</sup> Associação dos Diplomados da Escola superior de guerra. Delegacia de Alagoas/Sergipe. 6º Ciclo sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento – Alagoas. Maceió – O Impulso habitacional e suas repercussões ecológicas nos bairros residências existentes e emergentes – 1976.

mesma região e com características que parecem ser semelhantes, mas que tem algo de específico e significativo.

As cidades e os bairros, de acordo com VIEIRA (1997), possuem histórias peculiares, vida coletiva organizada de forma característica, isto é, sistemas de relação que os distinguem de outras cidades e outros bairros. Desta forma, no segundo capítulo abordaremos a questão da memória e da construção da identidade sócio-espacial, para entendermos de que maneira habitamos o lugar e de que forma somos habitados por ele. Trabalharemos com as entrevistas registradas e gravadas além dos discursos sobre a memória e identidade.



**Fonte:** Pesquisador (2009)

## CAPÍTULO II – Memória e Identidade sócio-espacial

A cidade, suas ruas e seus bairros são uma contínua construção dos seres humanos no espaço habitado. Podemos perceber e entender a partir do primeiro capítulo de que maneira os sujeitos constroem as cidades e como se desenvolveram e foram pensadas. Como fomos construídos e imaginados concretamente no espaço. O bairro está na memória porque é sentido e vivido por cada um de seus moradores e assim faz parte de cada um deles. Aquilo que se encontra em nosso entorno material possui ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. A casa, os móveis e a forma como estão dispostos, as ruas e seus eventos, as festas e festividades, nos faz lembrar a família, os amigos, o lugar. Nesta construção existem alguns momentos heróicos, como o de sua criação, construção de ruas, casas, bairros, prédios, praças e monumentos mais significativos. A partir do bairro de Ponta Grossa perceberemos as transformações do urbano e da urbanidade na cidade de Maceió e o que seus moradores pensam sobre o local e de que forma suas identidades sócio-espaciais foram e são construídas.

Buscaremos a partir de algumas bibliografias pertinentes sobre o assunto o que se pensa e o que se escreve a respeito da memória e da identidade para que possamos pensar o bairro e sua construção identitária no que diz respeito ao sócio-espacial. Isto porque, a cidade e o bairro permanecem vivos ao longo do tempo e com uma enorme capacidade de renovação. Como o bairro é pensado afetivamente buscaremos a memória individual como uma estratégia metodológica, pois é de sua observação que se chega à história como memória de um tempo que passou e deixou suas marcas.

Os gregos fizeram da memória uma deusa, *Mnemosine*. A mãe de nove musas concebida no decorrer de nove noites ao lado de Zeus. Lembra aos seres humanos a recordação dos heróis e dos seus feitos. A memória é o antídoto para o esquecimento. Dessa forma, tanto pode conduzir à história como distanciar-se desta. A memória resgata o tempo mediante imagens. Por isso, Santo Agostinho nas suas *Confissões* diz que, lembrar é retirar da memória o que ela contém e que foi percebido, sentido ou aprendido pela alma.

A memória dirige a vida de cada um de nós. A importância da memória coletiva no que diz respeito ao ato individual de lembrar é tão poderosa que os fatos e noções mais fáceis de lembrar são os de domínio comum.

O rememorar é estimulado também pelos lugares, testemunhos atuais de fatos e eventos passados, de personagens e de relações sociais. Aos lugares se atribuem significados sociais, pois eles passam a ter alma. Os lugares aos quais pertencemos e os lugares aos quais nos vinculamos têm neles uma memória que passa a ser inscrita da qual participamos. A memória individual é em parte herdada tanto quanto a coletiva é social.

No passado quando ainda não existia escrita a memória servia para que as histórias de uma comunidade, de um povo, de um sujeito fossem contadas e transmitidas de geração para geração. Com o surgimento da escrita passa a existir dentro da sociedade e cultura uma profunda modificação na memória individual e coletiva. A memória transforma-se em história.

Nos dias atuais cada vez mais é pensada a relação entre história e memória porque a história tida como oficial afasta os aspectos que são inerentes ao cotidiano e aos comportamentos dos sujeitos. A tradição oral é um instrumento de grande valia quando desejamos constituir a crônica do cotidiano.

A cidade não é somente um conjunto de representações, lembrança inscrita no espaço, no corpo e na mente, é feita de lembranças que suscita e estimula a memória e permite localizar as lembranças nos aspectos temporais, espaciais e relacionais. Isso passa a acontecer porque é um lugar. Para SILVA (op. cit., p. 295),

Recuperar o passado individual e coletivo, por meio da memória como metodologia de análise, configura-se como um dos caminhos possíveis para a descoberta dos processos de desenraizamento social e cultural e, por conseguinte, para a redefinição dos projetos que articula passado, presente e futuro.

A memória resgata o tempo mediante imagens. E a partir das imagens rememoramos um tempo que passou e não volta. O tempo histórico não é o tempo vivido. O tempo vivido é o tempo da memória. Enquanto a memória é múltipla a história é uma. Por isso, MONTENEGRO (2007, p. 17) diz que, “[...] a memória trabalha com o vivido, o que ainda está presente no grupo, enquanto a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes [...]”. A memória coletiva possui uma dimensão da individual. A memória não é um mecanismo de gravação, mas de seleção dos eventos e imagens que significaram e significam.

## 2.1. O bairro na memória

Quando depoimentos de populares são registrados através da gravação, transcritos e publicados, podemos conhecer a própria visão que os segmentos menos favorecidos têm de suas vidas e como percebem o mundo ao seu redor. A memória contém elementos básicos para a construção de uma determinada concepção histórica e simbólica. Ela tem como característica fundante o processo reativo que determinada realidade provoca no sujeito. Ela é formada a partir da reação, efeitos, impactos sobre o grupo e o sujeito construindo todo um imaginário que passa a ser referência permanente de futuro.

A fonte da memória é distinta da fonte histórica devida sua dimensão do próprio efeito como os eventos ou situações desencadeiam. A memória individual ou coletiva quando reelabora o real, o vivido, adquire uma dimensão baseada na construção imaginária ou baseada em influências do presente e nos efeitos que essa representação provoca social e individualmente. O tempo da memória é distinto da temporalidade histórica porque sua construção está associada ao vivido e a uma dimensão do inconsciente. Está vinculado a uma elaboração da subjetividade coletiva e individual.

A narração é um dos elementos determinantes da fonte documental quando se trabalha com memórias. Por isso, a abordagem direta de um assunto ou evento nem sempre faz desencadear um processo de rememoração. A memória não é um mecanismo de gravação, mas seleção que a todo o tempo e momento sofre alterações.

Com isso, a cidade e o bairro passam a ser corpo onde se inscrevem sentimentos e eventos, experiências intransmissíveis e peculiares. Deste modo, MONTENEGRO (op. cit., p. 27), expressa que,

[...] A cidade é um mundo em miniatura – nômade da modernidade, e como toda nômade benjaminiana é cristalização de tensões: passagem de um espaço flutuante entre o interior e o exterior das *Passagens*, o real e o irreal, a desvalorização mercantil de tudo e a nova aura do imprevisto.

A partir de eventos passados e presentes são estabelecidas representações que nos faz projetar um campo de ação. A fala é um meio de comunicação muito importante para as populações pobres. Vivem a radicalidade do dia-a-dia dos bens materiais e de consumo. As histórias de vida mostram um processo de socialização de uma visão do passado, presente e futuro das camadas populares consciente ou

inconscientemente. Segundo MONTENEGRO (op. cit., p. 46), “[...] a fala é fonte de aprendizagem mas é também instrumento de luta [...]”. Na medida em que um sujeito fala, escuta, e através dessa escuta as idéias são percebidas e sentidas fazendo com que essa fala se transforme em signos e sentidos de um instrumento de luta.

Desta forma, aqui daremos ênfase a fala registrada dos moradores onde o critério de escolha para as entrevistas aconteceram de uma maneira aleatória. Foram realizadas nove entrevistas em sua maioria com mulheres com idades que variam entre 47 anos a 88 anos. Entrevistamos mulheres porque os homens abordados se recusaram a falar. A partir das entrevistas poderemos perceber de que forma algumas memórias sobre o bairro foram construídas e como as identidades sócio-espaciais se enraizaram no modo de estar e habitar o lugar. Neste momento também faremos uso de imagens registradas pelo bairro através de caminhadas. Deste modo, mostramos a Praça Santo Antonio e alguns transeuntes. De acordo com Craveiro COSTA aqui é a porta de entradas do bairro.



Praça Santo Antonio, porta de entrada para o bairro de Ponta Grossa para quem vem do Centro ou do Mercado (Fonte; Pesquisador, 2008).

Dito isso, vamos ao que falaram e evocaram as moradoras em relação ao tempo de moradia no bairro de Ponta Grossa, como era o bairro e quais as modificações ocorridas. Muitas destas pessoas estão no lugar há bastante tempo e presenciaram o processo de urbanização se expandido. Desta forma dizem que,

“Somente eu vai fazer 62, o meu pai comprou essa casa em 1939, foi quando ele casou-se e nós nascemos todos aqui nessa casa. Eu conheci... isso aqui era tipo um povoadozinho, casas de taipa, ali n’aquela parede verde ali era um sítio que tinha um riachozinho... na Rua Soledade, era o nome antigo, ali o povo gostava de pescar, pegavam camarão onde hoje é o conjunto Veneza, ali era um sitiozinho, então encostado naquela parede de lá, encostada na parede branca, tinha um, tinha um riachozinho que dava camarão, peixinho, aquelas piabazinhas e o povo pescava pra sobreviver. As casas eram todas de taipa, a rua era toda na areia preta, depois com a evolução do tempo foi que foram ajeitando as casas. Meu pai construiu essa daqui, construiu essa outra aqui e foi melhorando assim as condições do bairro, mas que antes a situação eu acho que era precária porque não tinha casas, as casas eram tudo de taipa, e depois foi que passaram o calçamento...

Olhe que eu saiba quase nada, só que as casas já estavam velhas e o povo foi melhorando-se financeiramente e foi construindo, fazendo casa de satimbandas, de tijolo, somente, e esse calçamento que fizeram, somente mais nada, paralisou tudo”.

(D. Maria de Lourdes, 61 anos).

Neste momento mostramos a imagem da Avenida Silvestre Péricles de G. Monteiro, antiga Formosa, para que tenhamos uma idéia da transformação sofrida. De acordo com D. Maria de Lourdes, neste ponto existiam rio, e algumas pessoas pescavam. Podemos perceber de que maneira o processo de urbanização avança e modifica os cenários.



Avenida Silvestre Péricles de G. Monteiro (Fonte: Pesquisador, 2008).

“Eu nem sei bem minha idade... Menino ta fazendo, vai fazer muitos anos... (pergunta a filha, qual é teu ano? 58 anos; ela disse que chegou aqui com 15 anos) cheguei aqui com 15 anos essa é minha segunda filha com essa idade avalie... quanto é 58, quer dizer que é mais ou menos assim, 59, eu vim pra aqui pra essa rua com 15 anos. Não quero nem falar, era uma coisa tão horrorosa essa Ponta Grossa, agora ta uma, vixe nossa senhora, ta uma beleza. Mato não tinha não, mas não existia esse calçamento, as casas eram tudo de taipa, tudo mesmo, essa daqui era meu Deus caio, não to caindo e muitas aqui, só nesse pedaço que eu moro, nesse pedaço faz muitos anos, agora ta muito diferente, eu tinha um cunhado que ele morava lá em cima, nessa mesma rua, era no tempo que essa rua era aquela beleza (ironizando) ele foi embora para o Rio, passou uns 10 anos mais ou menos pra lá sem vir aqui quando ele veio, o irmão morava aqui comigo e à mãe Marina, ele não acertou que disse que a Ponta Grossa tava diferente né, diferente mesmo, ai agora ta especial. Ponta Grossa toda, mas naquele tempo meu Deus... Rio não tinha agora quando chovia, meu Jesus Cristo agüentasse as portas”.

(D. Marinete Barbosa, 88 anos).

“A mais de 40 anos que moro no bairro, bota mais do que isso. Eu cheguei para morar aqui era pequena, já estou dessa idade, repare quanto tempo está.

Tudo era o barro, ô meu Deus, só tinha areia, areia mesmo, aquelas areia pronto, e era mato num canto e mato no outro, pronto. As casas tinham uma aqui, tinha outra lá em baixo e uma aqui, era umas três casas.

Muita coisa... depois que mudou as coisas pronto foram melhorando botando as casas, foram alugando e o povo entrando, oxê, quando deu fé tava uma beleza”.

(D. Maria José, 85 anos).

Esta fotografia mostra a Rua Santa Catarina, localizada na Coréia que hoje faz parte de Ponta Grossa, aqui poderemos perceber a rua e as casas de moradores. De acordo com as entrevistadas as pessoas que por aqui vivem foram melhorando de vida e modificando suas residências e por conta disto o poder público foi propiciando alguma infra-estrutura.



Rua Santa Catarina (Fonte: Pesquisador, 2008).

“Há 60 anos. Eu não me lembro, eu to com 79, faz 60, quer dizer que eu vim com trinta e poucos, num foi (17, 18 por ai) foi, 18, 19 anos.

Aqui não tinha casa não meu filho, aqui não tinha casa não, por aqui não, era uma casinha de palha lá em baixo, a gente morava nessa rua aqui lá em baixo numa casinha de palha, só tinha três casinhas por aqui, tudo de palha o resto não tinha casa, isso aqui

era barro, era mato isso, era... como é, mangue, sabe o que é mangue (sei), pois isso aqui era mangue, agora depois ta com trinta e poucos anos que fizeram esse calçamento aqui.

E umas casas novas né, fizeram casa nova. Agora que tem bandidagem, naquele tempo não tinha bandidagem aqui à gente podia sair a qualquer hora, hoje ninguém pode mais sair, ta vendo. Não tinha água, agora tem água, não tinha energia, agora tem energia, tudo isso foi de bom num é”.

(D. Floraci Maria, 79 anos).

Neste momento mostramos a imagem da Rua José Correia de Melo, antiga Rua da Glória. Aqui o intuito é fazer ver como os moradores se apropriam do espaço habitado para festas e festividades.



Rua José Correia de Melo, antiga Rua da Glória (Fonte: Pesquisador, 2008).

“Pera ai, eu sou de 1927, quantos anos é, 81 é isso.

Aqui há 60 anos. Eu hoje tenho 60 anos, eu hoje to com essa idade 81, eu to com 60 anos que moro aqui, quantos anos eu cheguei (a senhora veio bem nova pra cá, uns vinte e poucos), bem novinha mais ou menos.

Era mato, aqui botaram até o nome de Coréia, porque era assim um... um negócio assim, só mato, areia, aquela areia preta e mato somente, essas casas a maioria o povo investiu, num sabe, um pegava um pedacinho, outro pega outro, fazia aqueles barracos de lona era assim que foi feito.

Olha, mudou assim, botaram água que não tinha né, a gente tirava água de lá da Rua Formosa, você sabe onde é, a gente carregava na cabeça, água de lá da Formosa, botaram luz que também não tinha, ainda foi Silvestre Péricles, você não se lembra disso, você não se lembra mais disso (não, mas eu me lembro dele porque estudei sobre) ainda foi ele quem botou, depois dele veio Arnon de Mello, não foi, pois é, veio Arnon de Mello, e era uma erronha deles dois danada, é isso que tenho a dizer. No dia da eleição quando ele chegava assim num... Colégio e dizia como vai ai: a doutor aqui num ta muito bom pro senhor, ta melhor pro Arnon, sim pro viado né, risos, chamava o Arnon de viado, aquele home era triste. A melhora foi essa meu filho que nós tamos vendo. Agora tem uma coisa, era assim esquisito, tudo assim... tudo errado, tudo a toa, mas a gente podia dormir na rua, botar uma esteira na rua deitar e dormir a noite toda, uma mulher podia chegar de qualquer um lugar meia noite, de madrugada, viu, não tinha esse negócio de tantos ladrão, tantos roubo, tanta morte, tanta coisa, não tinha nada disso, também o número aumentou né (foi crescendo), ai veio Arnon de Mello ai abriu aquela... aquilo ali era lagoa onde é hoje o Joaquim Leão, abriu aquilo ali, fez tudo casa pra dá ao povo né, aquilo ali foi dado, ele fez e deu todo mundo, aqueles marisqueiros, aqueles pescadores, aquele povo, ai depois eles venderam de graça, deram de graça, que quando ele passou agora, quando ... na candidatura dele agora só foi um mês pra senador (nesse momento fala de Collor ao invés do pai dele, Arnon de Mello), quando ele passou por lá aquelas velhas que ainda tem, se agarrou com ele e disse volte, volte meu filho, volte, volte, ele disse eu vou voltar, eu vou voltar pra dar a vocês o que vocês botou no mato, mas aquelas que se agarram com ele foi aquelas que não deram né, ainda estão no barraquinho delas num é”.

(D. Marina Maria, 81 anos).

Esta imagem é da Praça 11 de Junho um dos núcleos fundantes do bairro, uma das primeiras praças do local. Esta praça junto com a Santo Antonio e Santa Teresa surge com o processo de urbanização, a lagoa Mundaú chagava próximo daqui.



Praça 11 de Junho (Fonte: Pesquisador, 2008).

“Há quarenta e sete anos no bairro da Ponta Grossa, nasci e me criei aqui. Na época, que eu me lembre, eu me lembro que não tinha a Cabo Reis, não existia aquela pista da Cabo Reis era um sítio, só o que me lembro mais, muitas casas, que as casas... depois era um chafariz, tinha um chafariz no final da rua, é o que eu me lembro. Nenhuma. Só asfalto mal feito, nada, nada, nada, que aqui não tem melhoria de nada”.

(D. Ângela Maria, 47 anos).

Esta imagem mostra a Avenida Silvestre Péricles de G. M., antiga Rua Formosa, de outro ponto. Esta é uma das principais vias do bairro. Por ela podemos ir ao Centro.



Avenida Silvestre Péricles de G. Monteiro, antiga Rua Formosa (Fonte: Pesquisador, 2008).

“Eu moro há 61 anos. (A senhora nasceu no bairro, foi criada no bairro?) Eu fui criada no bairro, nasci na Fazenda Porangaba e, com um ano de idade cheguei aqui nessa praça. (Com seus pais?) Com os pais.

No passado aqui no bairro não tinha água encanada, tinha um chafariz, o chafariz do Seu Santos, ele..., era aqui nesse... (aqui perto, na Praça Santa Tereza) aqui perto. Então, é tinha o chafariz do Seu Santos e as pessoas carregavam água né pra casa, e tinha outro, o banheiro do Seu Firme, era ali na Demócrito Gracindo (Era um banheiro público?) era um banheiro público, seu Firme Tenório, então, a gente, o pessoal dia de domingo, dia de sábado, toda tarde, a tardinha, o pessoal botava a toalha no braço e a saboneteira e iam pra lá tomar o banho e pagava uma taxazinha pra tomar banho. E aqui tinha, ai onde é a Farmácia Santa Teresa, essa farmácia, ali por trás, era ali, na frente era uma cerca e dentro era um sítio, o sítio do Seu Arthur, Arthur... e da Dulcinéia, seu Arthur falecido e a Dulcinéia esta viva, então as pessoas também iam lavar roupa lá e era também, tinha um banheiro público, também do Seu Augusto, o Seu Arthur era dono das terras e o Seu Augusto era empregado, tomava conta desse sítio. Então foi... e aqui na Praça, onde hoje é a Praça era um campo, os meninos jogavam bola e ficavam brincando ai, era pra armar circos, pastoril, que era mais que tinha, e as pessoas também lavavam roupa ai na Praça, foi quando (tinha uma lavanderia pública?) sim, ai meses depois... é com o Prefeito Sandoval Caju, ele prometeu que ia fazer a lavanderia, então ele fez rápido a lavanderia, então as pessoas, tinha uma funcionária da prefeitura que

ficava tomando conta e as pessoas iam lavar, lavava de 7 da manhã até as 12, ai uma hora também tinha outra turma que ia lavar, quem queria... qualquer pessoa que quisesse lavar sua roupa, ou que fosse, lavasse assim pra fora, de outras pessoas, como é que chama? Lavado de ganho, ou se não, fosse da pessoa mesmo ia lavar lá na lavanderia, lavava tinha as partes da lavanderia, ainda enxugava, quando ia a tarde... (entra outra Senhora na capela).

E deixa eu ver mais, na Praça Moleque Namorador tinha o Carnaval começou naquela época... deixa eu ver... antes de... mais ou menos na década de 40 começou o carnaval ali na praça Moleque Namorador e tinha um rapaz que fazia o passo, todos os anos ele fazia o passo, e ele, todo mundo gostava que ele fazia muito bem, quando ele morreu, ai colocaram o nome dele de, a Praça de Moleque Namorador por causa desse rapaz. (A senhora chegou a vê-lo dançando?) Parece que ainda cheguei a ver ele dançando, cheguei, cheguei, ele dançava muito, ele não morreu faz muitos anos (O Moleque Namorador faleceu no ano de 1949), ai pronto ele... o pessoal gostava muito, ele se fantasiava com uma roupa de xadrez, assim de listra e botava uma sombrinha e do mesmo modelo tem lá na Praça, tem a foto... lá na praça.

Deixa eu ver mais, sim como eu falei tinha a vacaria do Seu Vicente, Seu Vicente Tenório, aqui na Rua 13 de maio, esquina com a Rua Paissandu, que era a vacaria... e as vaca passava o dia aqui no sítio, ia de manhã e a tardinha o menino ia apanhar e elas dormiam aqui na vacaria do Seu Vicente, hoje é uma, fizeram uma vila de casas. Deixa eu ver mais.

Antes não tinha água..., sim como eu falei não tinha televisão né, as pessoas assistiam à novela Direito de Nascer no rádio, tinha um programa de um homem chamado irmão 'Zaru', que era do Rio de Janeiro e a gente ouvia aqui o irmão 'Zaru' que era um crente, um pastor. Então na rádio, a gente assistia na rádio, ninguém tinha televisão, ai a primeira televisão aqui do bairro né, que era de pessoas humildes, então, a televisão Sandoval Caju quando fez, o Prefeito Sandoval Caju, quando ele construiu a lavanderia, ele fez um quadrado assim em cima e colocou a televisão e as pessoas a partir de seis horas e tudo ai iam assistir; tinha um rapaz chamado... era o Nino, o nome dele era... o Nino, era um rapaz que lutava boxe ele ia pra Recife porque aqui não tinha canal, ai chegava lá em Recife a gente assistia dia de segunda-feira, olha vamos assistir o Nino que ele vai lutar boxe, tinha uma... ai a gente toda segunda-feira tinha luta de boxe, ai a gente ia assistir esse rapaz que era daqui da Coréia, que chamava Coréia que hoje é tudo Ponta Grossa né, que era tudo dividido. (Essa parte daqui também era Correia?) Não, só

era pra lá, a partir dali depois da Guedes Miranda, da Praça Guedes de Miranda, aquela pracinha que tem... 11 de julho... (E por que Coréia?) Coréia, era por que... (Era um lugar violento?) não, não, não tinha violência não naquela época, era um lugar... como se fosse... muito pobre uma parte pobre, porque a lagoa... sim, uma coisa que houve uma grande transformação que aqui já é um bairro assim mais é um bairro vizinho né, que é ali no Vergel e no Joaquim Leão a lagoa ela vinha até aqui na Rua Cabo Reis, onde tem a pista ai tem aquela rodoviária que fica ali entre a Formosa e a Cabo Reis assim, então ela vinha direto ali a lagoa e ficava ali e mais adiante assim um pouquinho tinha o... chamava o paiol da pólvora, esse paiol da pólvora que era tudo lá perto que ali já era a Coréia ali, então era paiol da pólvora porque os canoieiros vinham de Coqueiro Seco, com carvão e é..., manga, peixe, frutas, jaca, essas frutas; manga, ai vinham vender ali e tinha esse depósito que chamavam paiol das pólvora porque eles fizeram aquelas casinhas de palha, aqueles ranchinhos de palha, e dentro daqueles ranchinhos eles botavam carvão, outros era frutas, outros era peixe, ai tinha muito pó do carvão, ai começaram a chamar paiol da pólvora e a Coréia, agora esse nome mesmo, Coréia, Coréia eu não to bem lembrada porque foi, entendeu, porque foi colocado esse Coréia... ai o pessoal, ainda hoje... essa geração de hoje eles não sabe mais esse nome de Coréia não, só sabe Ponta Grossa, mas até uns vinte anos atrás, uns quinze, dezessete, mora onde? 'Na Coréia, viche Maria, só tem velha na Coréia', ai ficava, era discriminado ali aquela parte da Coréia entendeu.

A lagoa foi ficando mais pra trás. A construção do Dique Estrada, pronto ali onde é aquelas favelas Sururu do Capote tudo era lagoa, esse conjunto Joaquim Leão não existia ai eles aterraram fizeram aquelas estradas... como se chama, a Dique Estrada né, que pega aqui a Ponta Grossa, a Levada e vai pra lá pra o Trapiche e construíram o conjunto Joaquim Leão e depois até, pera ai, deixa eu dizer a você, até uns quinze anos atrás não tinha aquela favela Sururu do Capote não, tinham bares, era o Bar Denis Melo, tinham vários nomes de bares ali e as pessoas iam, eu até inclusive fui várias vezes, tinha aqueles bares familiares, as pessoas iam pra beber, comer e freqüentar o lugar, só que não tinha aquelas favelas ai de uns... foram surgindo né aos poucos, e hoje esta assim, mas logo quando foi construído o Dique Estrada eram só os restaurantes e as pessoas ... a gente ia tranquilo, dez horas, onze horas, foi derrepente que surgiu essa favela Sururu do Capote e as outras favelas, pronto... ai a violência acabou com tudo”.

(D. Maria de Lourdes, 61 anos).

Estas são as lembranças de algumas moradoras que estão no espaço habitado do bairro de Ponta Grossa durante um longo tempo de suas vidas. Ao falarem do tempo habitado nesta localidade e descrever o desenvolvimento do mesmo percebemos de que maneira as memórias são construídas e com ela suas identidades sócio-espaciais. Pudemos perceber de que forma as memórias vão sendo selecionadas e como uma parece se apoiar na outra. De acordo com MONTENEGRO (op. cit.), entre a descoberta e a apropriação da fala ocorre um processo de interiorização e transformação do imaginário popular que se reconhece. Por isso, a fala é fonte de aprendizado porque é instrumento de luta. As memórias dos sujeitos se confundem, se equivocam, mas evocam os anos passado no concreto e dos eventos significativos.

Quando perguntamos sobre as festas e festividades no passado e no presente nos disseram que,

“Aqui no Carnaval, aqui na praça... tinha o carnaval pra lá na Moleque né, o carnaval tinha... abertura, vinha a rainha do carnaval, vinha o rei momo, fazia aquela apresentação no sábado de Zé Pereira, sim tinha um bloco aqui na Ponta Grossa que era o Cavaleiro do Monte, Cavaleiro do Monte, tinha Sai da Frente e o Vareta de Aço, então, um saia daqui da Coréia, parece que era o Cavaleiro do Monte, o Vareta de Aço parece que saia do Vergel do Largo e tinha outro que vinha do Prado, que era... Sai da Frente, ai eu sei que os três quando se encontravam, naquela época mesmo que não tinha tanta violência, mas quando os três se encontravam era uma... como esses meninos daí do CRB... ai pronto, quando vieram era aquela confusão ai eles vinham da Coréia do Vergel e do Prado pra Praça Moleque Namorador era o carnaval, tinha aquele carnaval de rua, as pessoas até brincavam mesmo em casa né, com aquelas radiolas, botava aquelas radiolas antigas e ficava brincando assim nas casas, nas portas, era carnaval assim na época.

(E as festas juninas?) Agora é que está tudo centralizado lá no Jaraguá né, Pajussara e Jaraguá, naquela época não, cada bairro fazia a sua quadrilha, eu fiz muita quadrilha aqui nessa praça, tinha quadrilha lá no Joaquim Leão, o Jerônimo fazia lá, eu fazia aqui, o Petrucio fazia aqui na Rua da Glória e cada bairro tinha a sua quadrilha, o Prado também tinha as suas quadrilhas e era... depois das quadrilhas tinha aquele forró, pros meninos dançar, dez horas terminava a quadrilha e tinha aquela brincadeira, mais era uma brincadeira sadia e não tinha nada de confusão. Era tranqüila.

Natal e Ano Novo tinha é... antes de ser construído a matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na rua Humberto Santa Cruz, a matriz era ali na Casa do Pobre, ali era a igreja matriz antes de ser construída, a missa era campal era ali no meio, parava os ônibus, os ônibus ficavam passando pela rua Felix Bandeira e ali na praça onde é hoje o Rui Palmeira, ficava ali a missa, a gente assistia a missa campal do caminhão e a missa ali, agora aqui, só tinha missa aqui mesmo dentro da igreja, e também naquela época tinha os missionários, que vinha de fora daqui da Bahia, de Pernambuco, Ceará, e vinha os missionários, passava quinze dias, as vezes até um mês na paróquia e todas as manhãs, cinco horas da manhã a gente saía em santas missões, andava pelos bairros aí quando chegava celebrava a missa. (E essa igreja tem quantos anos?) Cem anos, mais ou menos cem anos, essa igreja, por que... como eu lhe falei, eu cheguei aqui, cresci, e eu sempre aqui, só passei daqui dessa praça cinco anos no Vergel, que eu casei fui morar no Vergel passei cinco anos mais depois disso voltei pra praça, aí até hoje to aqui.

Hoje mudou muito né, as quadrilhas eram aquelas quadrilhas matuto né, cada pessoa fazia seu vestidinho de chita e dançava né quadrilha tranquilamente, hoje não as quadrilhas são aquelas quadrilhas que é tudo, as roupas são tudo iguais... estilizada, diferente, mudou né, e até o jeito de dançar, mudou o jeito de dançar, mudou o vestuário, tudo ficou diferente né e naquela época não, qualquer pessoa dançava quadrilha, qualquer mocinha, menina fazia seu vestidinho de chita cada um do seu modelo e dançava tranquilamente. Deixa eu ver mais... sim... (O carnaval hoje, continua na Praça Moleque Namorador?) Continua... mais violento, na Moleque Namorador quando começa a tocar a banda o pessoal da banda não toca nem quinze minutos em paz é para, para, para aí vem a polícia contorna ali, aí toca, começa a tocar, mas quando é o frevo, aí pronto é aquela confusão ficou muito diferente, ficou bastante... perigoso,... mudou pra pior”.

(D. Maria de Lourdes, 61 anos).

Esta imagem é da Praça Moleque Namorador, uma homenagem a figura folclórica de uma passista de frevo que conquistou o Estado. O Moleque Namorador ficou imortalizado com uma praça com seu nome. Aqui acontece o carnaval do bairro, no passado os moradores dizem que era uma dos melhores, no presente devido à falta de segurança e violência não é mais tão interessante.



Praça Moleque Namorador (**Fonte:** Pesquisador, 2008).

“Assim, Carnaval tinha, tinha cara dura, tinha cavalheiros do bom, isso era uns bloco, num sabe, tinha aqueles blocos que saia assim, três vezes no carnaval, saiam três dias, era assim, ai quem não queria ir pra frevo, fazia aquela dancinha em casa mesmo né, de harmônico, você sabe o que é harmônico? (não) a sanfona, ai era assim. (E as festas juninas?) As festas juninas a gente fazia a fogueira, tinha lugar que fazia quadrilha, dançava as meninas, as pivetas, as mocinhas, tinha as quadrilhas, fogueira pra assar milho na fogueira. (E hoje como tem sido?) Hoje ninguém pode andar na rua mais, ninguém num pode mais andar na rua, ninguém num pode mais ir no comércio, se vai de ônibus tem medo, de pé não pode ir, se vai de carro não sabe que motorista vai pegar, e ta desse jeito meu filho”.

(D. Marina Maria, 81 anos).

“São João era fogueira em toda porta, em toda porta tinha uma fogueira e Carnaval passava bloco, esses blocos de lá de fora passava por aqui, mas aqui mesmo num tinha não”.

(D. Floraci Maria, 79 anos).

“Era essas coisas não, era uma coisa muito simples, no tempo de São João cada festa que tinha era sua fogueirinha nas portas e mais nada, festa nenhuma não tinha, ali na Moleque Namorador tinha lá, eles faziam um negócio de uma festinha lá, mas na Ponta Grossa meu filho, aqui na Ponta Grossa, quando falava em Ponta Grossa o pessoal ficava até com medo, Ponta Grossa ave Maria, porque diziam que era um ambiente muito diferente, o povo, sei lá, nem sei dizer... (Pobre diz a filha), pobre, pobre, pobre mesmo e tinha muita gente diferente da vida, hoje oxê, Ponta Grossa é de milionário pode se dizer do jeito que ela esta agora, mas no tempo quando vim pra aqui, eu vim pra aqui com 17 anos, pra essa casa, pra essa casa mesmo. Minha casa era muito diferente. Há aqui é muito animado negócio de carnaval, ali a Moleque Namorador já sabe, ali é o lugar do bar, da festa, do carnaval, de tudo, foi melhorando do tempo que eu vim pra aqui foi melhorando diferente, ficando diferente, diferente, diferente, hoje ta nem sei, hoje ta uma beleza, muito diferente”.

(D. Marinete Barbosa, 88 anos).

Estas são as lembranças evocadas em relação às festas e festividades no bairro de Ponta Grossa. O local ficou conhecido na cidade como sendo um dos mais animados e festeiros no passado. Suas festas eram bastante concorridas, assim como seus terreiros de religião afro. Vinha gente de toda parte da cidade para cá em busca de diversão. Nos dias atuais não existem mais blocos de carnaval e quadrilhas nas ruas. Os espaços das festas ficaram centralizados em algum bairro escolhido pelo poder público aglomerando todas as pessoas da cidade num único ambiente. Isto não significa dizer que alguns moradores cruzaram os braços, festas e festividades continuam ocorrendo na Praça Moleque Namorador, bois de carnaval e blocos são criados e desfilam pelas ruas do local. A quadrilha é que parou de acontecer nas ruas. A violência assusta. A falta de segurança existe.

Quando perguntadas a respeito do bairro ser um bom lugar ou não para se morar todas foram unânimes em afirmar como Dona Neilde Viana de 57 anos, “[...] é um bairro bom, tranquilo”. Para Dona Ângela Maria de 47 anos, “É ótimo, aqui é [...] eu não saio daqui, só saio daqui pro cemitério, não troco por nenhum outro bairro, nenhum lugar nem do mundo, nem de Maceió pra sair daqui não, nem que eu tivesse dinheiro eu não sairia daqui”. Para Dona Maria José de 85 anos, “É. Pra mim é um bom lugar, pra mim”. E, Dona Maria de Lourdes de 61 anos, afirma que “Eu acho, eu gosto daqui é um bairro pacato, agora que esta aparecendo ladrão que já vem de fora...”. Todas as

moradoras mais antigas concordam que o bairro é um bom lugar para se morar. Aqui construíram sua morada e lar, educaram seus filhos, fizeram suas histórias. Deste modo, percebemos como as identidades estão ligadas ao espaço habitado e de que forma o desenvolvimento sócio-espacial, através da chegada de infra-estrutura e urbanização, fez com que os moradores do bairro gostem e cuidem do lugar, dentro daquilo que podem e querem fazer.

As moradoras entrevistadas se expressam em relação ao bairro como sendo um bom lugar para se viver, morar e estar. Isso na fala dos mais velhos, pois, para os mais jovens a resposta sobre este assunto é completamente oposta. Para alguns deles o bairro não é interessante por ser pobre e não oferecer nada de atraente e atrativo. Enquanto os que ocupam o espaço habitado por mais tempo e acompanharam o processo de desenvolvimento do local dizem que é um bom lugar por fazer parte de suas histórias escritas no chão, de perdas e ganhos; os moradores mais jovens não se sentem pertencentes ao lugar pelo fato de trazer a tona a realidade concreta e as limitações e alienações impostas pelo capital.

Em nossas memórias só conseguimos guardar aquilo que *fica e significa*, isto porque, somos seres completamente influenciados pelo mundo externo e esse mesmo mundo externo ao qual fazemos e somos parte nos faz lembrar a todo instante o nosso verdadeiro papel dentro dele. A memória nos dias atuais serve como se fosse um banco de dados com informações supérfluas e manipuláveis. No apogeu da civilização grega a memória era fato e transcendência. Com o tempo cada parte da memória individual passou a ser fragmento da memória coletiva.

É através da memória e de sua conservação que poderemos conduzir ou distanciar-se das coisas ligadas à vida humana e sua conduta neste mundo histórico, pois é a memória que nos dá a vida e que nos faz buscar o significado que queremos dar a nossa existência neste mundo.

Muitas lembranças, segundo BOSI (1994), ocorrem devido às meias paredes das casas populares onde os ruídos e vozes das famílias se confundem, onde os sucessos escolares das crianças são acompanhados por todos os vizinhos. Penetrar no universo do bairro de Ponta Grossa e nas casas de seus moradores é conhecer as aventuras afetivas de cada sujeito que ocupa este espaço habitado da cidade de Maceió.

## 2.2. Memória e identidades

O passado habita nossa memória permeada de imagens e eventos presentes. O passado concentrado no presente cria a natureza humana através de um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento. Com o avanço científico e o surgimento da psicanálise os estudos sobre as relações entre Eu, Outro, Diferente, tiveram grande interesse na comunidade que faz e pensa a ciência. A partir da psicanálise pudemos ampliar nosso saber e perceber que estamos impregnados de simbolismo em nosso mundo inconsciente e consciente. Foi Sigmund Freud um dos precursores do pensamento psicanalítico. Segundo ele, o impedimento para uma tendência compulsiva de repetição de um traumatismo, por parte de um paciente, é feita através de um trabalho de lembranças onde a cura se dá pelo ato de transferência. Para o psicanalista Jacques Lacan, segundo THOMPSON (1992), o inconsciente encontra-se estruturado como uma linguagem, por isso, vê a aquisição da identidade sexual e pessoal como parte de um processo simultâneo e sempre precário.

A sociedade organiza-se em nós de uma forma duradoura construindo todo um mundo de idéias e sentimentos que a exprimem, mas que de algum modo são partes integrantes de nós. A sociedade se representa a si mesma assim como nós nos representamos a nós mesmos em nossa interação com os outros fazendo construir dentro de nós o sentimento de identidade que é uma condição necessária para nossa existência. A identidade construída é um fenômeno produzido em relação a critérios de aceitabilidade, admissibilidade, credibilidade, habitação num espaço, por meio da negociação direta e constante com os outros.

A memória de acordo com LE GOFF (1996) é um elemento primordial do que chamamos identidade, seja individual ou coletiva, por isso, a identidade individual e coletiva pressupõem a identificação e a diferenciação com o outro e com os espaços habitados. Entre a memória e o sentimento de identidade existe uma auto-imagem onde uma pessoa adquire ao longo da vida, ou constrói e apresenta aos outros e a si própria.

A priori a memória pode parecer algo individual, íntimo, próprio da pessoa. Mas segundo Maurice Halbwachs (1990) ela também é coletiva e social, por isso, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Em toda memória existem marcos ou pontos que são relativamente invariantes e imutáveis. Para POLLAK (op. cit., p. 05) “[...] há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade”. Isto

porque, a memória dos tempos vividos vai construindo nos sujeitos lembranças que remetem ao lugar e a relação com as pessoas nos espaços habitados e compartilhados.

A memória é um elemento que constitui o sentimento de identidade, seja individual ou de classe, coletivo, a partir do momento em que é um fator extremamente importante de um sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de uma classe social na construção de uma representação de si. Por isso, POLLAK (op. cit., p. 05), coloca que,

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente é o Outro.

O Outro é aquele com quem converso e ao qual escuto. É o sujeito com o qual vivencio um evento e momento. Aquele que compartilha experiências e vivências. No caso dos moradores do bairro de Ponta Grossa o outro, são os vizinhos que estão presente todo o tempo e momento na vida da comunidade. É o sentimento de pertença construído em relação ao lugar com os sujeitos.

Deste modo, a questão da identidade, segundo HALL (1998), vem sendo debatida de uma maneira intensa na teoria social, isto porque, argumenta-se que as antigas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades. As identidades na modernidade estão fragmentadas.

A identidade é marcada pela diferença e a diferença, por conseguinte, é sustentada pela exclusão, deste modo, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e cultural. Por isso, a identidade e a diferença são estabelecidas por uma afirmação simbólica relativamente a outras identidades. Deste modo, WOODWARD (2003, p. 14) diz que,

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais.

Com isso, as identidades não passam a ser unificadas podendo existir contradições no seu interior que tem de ser organizadas. As pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas, pois o meio sócio-cultural e espacial

ao qual estão e são inseridas incorporam elementos vividos e sentidos a partir da interação e integração. A questão da identidade passa a existir e se agravar com a exposição das pessoas nas comunidades.

Para BAUMAN (op. cit., p. 26) a identidade deve ser considerada como um objeto, um propósito, em vez de um fator predefinido porque a idéia de ter uma identidade não ocorrerá às pessoas enquanto o pertencimento estiver sendo o seu destino ou uma condição sem alternativa. A identidade é uma porção de problemas. Deste modo,

*A idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia.*

A identidade é algo ambíguo, pois parece um grito de guerra usado em uma luta defensiva na sociedade moderna. É uma luta contra a dissolução e a fragmentação de um passado e de uma tradição. Uma intenção de devorar e recusar a ser devorado, isto quando pensamos nas disputas étnicas e raciais, no estabelecimento de fronteiras políticas, mas, também quando percebemos as identidades sócio-espaciais.

Deste modo, pertencer a uma cultura significa construir e possuir uma identidade frente ao Outro e compartilhar com os pertencentes à mesma cultura. No mundo Moderno foram construídas várias estratégias de regulação e de controle da alteridade. O Outro foi demonizado. Há, sobretudo uma regulação e um controle que define quem são e como são os outros.

Por isso, a memória passa a ser um caminho para que o ser humano consiga se inserir no mundo em que vive. Conforme NORA (1993, p. 27),

*[...] o lugar da memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.*

Com isto, poderemos perceber a memória como uma construção sócio-espacial dos sujeitos que habitam um espaço habitado. A memória se fecha e se abre, porque estamos em contato com diversas culturas, etnias, movimentos políticos que nos faz refletir acerca do nosso meio na interação com o todo. Habitamos e somos habitados.

Em relação aos moradores do bairro de Ponta Grossa percebemos que para os que habitam o espaço por mais tempo a identidade sócio-espacial é de pertença, de identificação e interação com o lugar. No caso dos mais novos, como já foi dito, filhos dos mais antigos ou dos que vieram morar aqui, não existe uma identificação e um sentimento de pertença, existe um sentimento de desenraizamento porque o lugar é pobre, todos observam as vidas de todos, não existe o que fazer a não ser entregar-se ao ócio, a malandragem, ao álcool, drogas, a “vida fácil”.

### **2.3. O lugar e a memória**

De que maneira a cidade e seus espaços são percebidos na memória de seus moradores? A cidade, de acordo com LEFEBVRE (1999, p. 114), se escreve, nos seus muros, nas suas ruas, nos sujeitos. A cidade e os bairros são um feito social, um ir se fazendo por seres humanos em relação. É maneira de ser e é modo de agir. Desta forma, a cidade não se funda, é formada, construída e reconstruída. A Cidade fica inscrita na mente, com isto, fazemos parte das cidades assim como elas fazem parte de nós.

A cidade é um lugar, ambiente, meio físico, social, cultural e simbólico vinculado a um determinado modo de viver que é condicionado através das relações interpessoais. É um lugar onde é construído um espaço identitário, relacional e histórico.

Aquilo que está em nosso entorno contém nossa marca e a dos outros. Por isso, nossa casa, móveis, arranjos dos cômodos onde vivemos nos faz lembrar nossa família, amigos e parentes. O bairro de Ponta Grossa faz parte das memórias de seus moradores porque esta inscrito nas histórias de seus sujeitos.

A partir do momento em que uma determinada classe social está inserida numa parte do espaço sujeita e adapta-se a estrutura que resiste. Não é o sujeito isolado que será influenciado pela natureza material, mas a classe social que sofrerá essas influências materiais. A imagem do espaço habitado proporciona uma memória coletiva. Um lugar ocupado por uma classe num espaço habitado é repleto de afetividades e emoções porque faz lembrar um tempo vivo na memória.

As ações de uma determinada classe social ou comunidade podem ser traduzidas em termos espaciais, sendo o lugar ocupado a reunião de todos os termos. Os aspectos e detalhes de um lugar têm um sentido que é inteligível apenas para aqueles

que fazem parte e são membros de uma classe social, pois as partes do espaço habitado correspondem a outros aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua comunidade.

Quando um dado evento de significativa importância ocorre na sociedade causa uma mudança nas relações das classes com o lugar, seja porque modifique a classe em sua extensão, seja porque modifique o lugar. Com isso, não será mais a mesma classe social e o ambiente material não será mais o mesmo. Desta forma, BOSI (1994, pp. 406-07) pergunta e com ela perguntamos também, “[...] Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória?” Quando estamos sós, com nossas idéias e pensamentos, não raro estamos em convívio com Outros que habitam em nós. “[...] Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão [...]”. A partir dos sujeitos com quem convivemos e compartilhamos nossas vidas, histórias e trajetórias é que podemos evocar lembranças de um tempo vivido e sentido, que foi e deixou suas marcas. Os outros são reflexos, espelhos através do qual as imagens da representação si estão contido nos sujeitos, nos outros.

Muitas de nossas lembranças ou até mesmo de nossas idéias não são de todo originais porque foram inspiradas nas conversas com os sujeitos. Por isso, determinar a origem das influências sociais e culturais é tão difícil porque pode ser um ponto de convergência de diversas correntes de pensamento coletivo. A memória coletiva é desenvolvida a partir dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais, isto se deve pelo fato de que ela entretém a memória dos membros que passam a acrescentar, unificar, diferenciar, corrigir e passar a limpo.

Apesar de a memória coletiva ser parte de nós é o indivíduo que recorda e faz lembrar. Ele memoriza as camadas do passado significativas dentro de um bem comum. Deste modo, os eventos afloram lembrando a memória-sonho. Com isso, BOSI (op. cit., p. 413) diz que,

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergências dos muitos planos do nosso passado.

Uma lembrança coletiva é uma realidade social fazendo com que o mapa de nossa infância sofra contínuos retoques quando abrimos para outros depoimentos, dessa forma, os outros tanto podem clarear como também podem nos confundir em nossas lembranças. Uma classe social passa a ser suporte da memória se nos identificamos e tornamos nosso seu passado. A memória grupal é feita de memórias individuais, com isso, o papel da consciência é ligar o fio da memória as apreensões instantâneas do real. A memória é trabalho porque lida com o tempo vivido, o tempo subentendido pela cultura e pelos sujeitos.

Cada geração possui de sua cidade uma memória de eventos que são pontos de amarração de sua história. A coletividade tem importância no suporte da memória a partir de um lugar e dos sujeitos mais antigos. As lembranças estão apoiadas nas pedras da cidade porque o processo de urbanização dos espaços habitados faz parte da vida dos sujeitos mais velhos. Desta maneira, os diversos bairros no interior de uma cidade, suas casas e seu interior, têm um lugar peculiar e estão ligados ao solo, assim como as árvores e os rochedos, uma colina ou planalto.

Entre casa e rua existe uma interação permanente. Por isso, uma cidade é resultante da origem de sua diversidade de atividades tais como: mercado, política, comportamento, costumes sociais. Enquanto um grupo se desenvolve, a cidade no seu exterior muda de uma maneira lenta. Os costumes e hábitos de um local resistem de alguma forma as forças que tendem a transformá-las. Essa resistência nos faz perceber até que ponto em determinadas classes sociais a memória coletiva tem seu ponto de apoio nas imagens espaciais.

Pedras e materiais podem não resistir por muito tempo devido o processo de desenvolvimento urbano e sua urbanização, mas os grupos resistirão. O que um grupo fez outro pode vir e desfazê-lo. Desta maneira é inevitável que as transformações de uma cidade aconteçam e incomodem alguns sujeitos em seus hábitos e costumes. Alguns edifícios demolidos, caminhos desfeitos, deles sobrevivem por muito tempo alguns vestígios materiais.

A movimentação da vida em uma rua povoada é inesgotavelmente rica de símbolos, signos e significados. A cidade a partir da história de vida de cada sujeito permite ver a possibilidade dos trajetos que são os nossos percursos e trajetória da alma.

Na cidade e no bairro podemos adquirir alguns focos sugestivos que podem amparar nossa identidade, percepção e memória. Como pudemos perceber a partir das entrevistas das moradoras de Ponta Grossa existe uma identidade sócio-

espacial, o lugar habita na memória porque é história de vida, história de quem viu através dos tempos o processo de urbanização e urbanidade.

Presenciamos alguns eventos, mas não a maior parte deles, por isso, o pensamento e os discursos do cotidiano se alimenta dessa confiança social e cultural. Deste modo, MONTENEGRO (op. cit., p. 09) diz que,

O espaço onde se constrói uma cidade nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/ relações. É nesse plano intrincado que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam, realizam suas vidas. O que trazem, o que inventam, o que transformam está além de qualquer possibilidade positiva de determinação.

Deste modo, ao articular os tempos percebe-se como o caráter seletivo da memória se articula. Nem tudo é ou pode ser rememorado, pois, rememorar é de certa maneira esquecer. As classes, as pessoas, os cheiros, as comidas, os ruídos, músicas, eventos, despertam e fazem a memória trabalhar. MANCUSO (2000, p. 57) afirma que, “[...] Em uma relação de pesquisa, quem entrevista, pergunta, solicita, escuta, representa o interesse do presente e motiva o trabalho de rememorar”. As lembranças das moradoras do bairro de Ponta Grossa foram buscadas para melhor entendermos de que forma uma identidade sócio-espacial é construída e como podemos perceber e entender as memórias daqueles (as) que habitam um lugar por tanto tempo. No bairro existiam lazer e cultura popular, nos dias atuais ainda existe lazer e muito pouco de cultura popular. Os tempos mudaram, a densidade populacional aumentou, os espaços habitados estão saturados e inchados. A violência é mote do contemporâneo.

Por ser estruturada de lugares e de relações a cidade organiza a lembrança espacial e relacional. Por isso, na cidade a memória encontra seus pontos de apoio através de suas ruas, bares, esquinas, pontos de ônibus. Os espaços nas cidades são espaços vividos. A memória precisa dos lugares e seus espaços para poder se lembrar. Desta forma, NORA (op. cit., p. 09) coloca que,

[...] a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.

Mesmo não se acomodando a detalhes as memórias de um espaço habitado se tornam possível através dos moradores que habitam por mais tempo um lugar. A rua,

o bairro se faz lembrar porque esta na mente. O sujeito se lembra daquilo que viu, ouviu, viveu. A memória se enraíza no concreto, nas imagens e objetos. Desta maneira, os lugares de memória seriam então restos? Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não existe memória espontânea e que precisamos organizar o calendário. A necessidade de memória é uma necessidade da história, pois o dever de memória torna cada um de nós o historiador e sociólogo de si mesmo. Por isso, NORA (op. cit., p. 21), diz que, “[...] não existe mais um homem-memória, em si mesmo, mas um lugar de memória”. Um lugar na memória que nos faz lembrar e pensar acerca do passado, presente e vislumbrar um futuro.

## 2.4. Memória e Sociedade

Com o avanço das pesquisas científicas a partir do século XVIII os estudos sobre comportamento, personalidade, sociedade e cultura tomam novas dimensões e contornos. A psicologia enquanto ciência tem um crescimento profundo em diversas questões de cunho psíquico e social. Desse modo, a partir do século XIX os estudos de Henri Bergson (1859 – 1941) com sua obra *Matière et Mémoire* (Matéria e Memória), publicado em 1897 abre precedentes para a pesquisa sobre memória. Em seu início estes estudos estão ligados diretamente a disciplina e ciência psicológica e posteriormente o sociólogo Maurice Halbwachs desenvolverá o primeiro trabalho de cunho sociológico tendo a memória coletiva como categoria.

A descoberta de localizações cerebrais nas funções psíquicas e o crescimento da psicofísica objetivaram de certa forma o mundo subjetivo e materializaram as atividades tradicionalmente tidas como sendo espirituais. A partir daí BERGSON (1979, p. VIII) irá dizer que a inteligência quando elabora conceitos trabalha analiticamente, fragmenta, espacializa e fixa a realidade que, por conseguinte, nela mesma, é contínua mudança qualitativa, ou seja, um puro tornar-se.

Para Bergson, por trás das cristalizações e das aparentes situações descontínuas do que chama de eu superficial o eu profundo flui como uma unidade em permanente mudança. No entanto, essa marcha contínua necessita de uma atividade unificadora que é a memória. Por isto, diz que a duração interior é a vida em constante fluir de uma memória que prolonga o passado no presente. Deste modo, distingue a memória em dois tipos, quais sejam: a *memória-hábito* e a *memória-recordação*.

Além do tema da memória Henri Bergson se interessa por outros assuntos que são questões centrais de sua psicologia e de sua metafísica como: o inconsciente, o relacionamento entre corpo e alma. Deste modo, Bergson procurará entender as relações do psiquismo com a sociedade. Por isso, BOSI (op. cit., p. 43) diz que,

[...] As observações de Bergson a propósito da natureza e das funções da memória só podem ser avaliadas com a devida justeza quando postas em relação com o contexto da sua obra filosófica, em que se interpenetram e se iluminam mutuamente os conceitos de “memória”, “tempo”, “devir”, “élan vital”, “energia”.

O que é interessante e produtivo na filosofia bergsoniana é a sua rica fenomenologia da lembrança que traz em suas obras. Em *Matière et Mémoire*, de acordo com BOSI (op.cit., pp. 43, 44), proporciona um debate acirrado acerca do tempo e da memória, provocando diversas reações que ajudaram no desenvolvimento da psicologia social fazendo com que fosse repensado os liames que unem a lembrança à consciência atual e, por conseguinte, a lembrança ao corpo de idéias e representações que nos dias atuais conhecemos como sendo ideologia.

Bergson indaga através da auto-análise da experiência perceptiva se questionando sobre o que se vê em mim quando observo as imagens do presente refletidas no passado? Observa, também, de que maneira esse presente contínuo é manifesto nos movimentos que definem ações e reações do corpo, ou seja, a matéria age no seu ambiente. Desse modo, é estabelecido o nexos entre imagem do corpo e ação.

A percepção para Bergson necessita do espaço da mesma forma que a ação dispõe do tempo. Contudo, seu discurso enfrenta o problema que é a questão da passagem do tempo, pois, se cada percepção é um ato presente, deste modo, cada ato de percepção é um novo ato. Distingue o universo das lembranças do universo das percepções porque seu esforço científico encontra-se no princípio da diferença. Trabalha com a diferença entre perceber e lembrar.

Desta maneira, dirá que a percepção é impregnada de lembranças aprofundando seu discurso dizendo que são as lembranças que impregnam as representações. BOSI (op. cit., p. 46) diz que,

“Lembrar-se”, em francês se souvenir, significaria um movimento de “vir” “de baixo”: sous-venir, vir à tona o que estava submerso. Esse afloramento do passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção: “Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase

sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros 'signos' destinados a evocar antigas imagens”.

A memória é a responsável por essa relação entre corpo presente e passado interferindo no processo das representações atuais. Através da memória o passado vem à tona misturado de fatos e eventos presentes. Por isso, Bergson diz que as lembranças são como sombras coladas ao corpo e que a memória é o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas. Deste modo, BOSI (op. cit., p. 47) coloca que, “o que o método introspectivo de Bergson sugere é o fato da *conservação* dos estados psíquicos já vividos”. Podemos dizer que a memória é uma reserva crescente e que a cada momento dispõe da totalidade das nossas experiências adquiridas. É do presente que parte o despertar ao qual a lembrança responde.

Bergson procede a uma análise interna e diferencial da memória, isto porque, para ele, o passado é conservado e atua no presente, não de uma forma homogênea. Quando escreve sobre a *memória-hábito* afirma que esta é adquirida pelo esforço da atenção e devido à repetição de gestos ou palavras, por isso, que ela é um processo que acontece pelas exigências da socialização. Para BOSI (op. cit., p. 49) “A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural”. Isto porque, nos condiciona e faz com que o cotidiano seja gravado e reproduzível. Hábitos são impregnados de tradição e manutenção.

As indagações de Bergson consistem em mostrar a espontaneidade e a liberdade da memória no que diz respeito à oposição aos esquemas mecanicistas que dizem que ela está alojada em algum canto apagado do cérebro. Dirá que o passado se conserva inteiro e independente no espírito e que dessa forma o seu jeito peculiar de existir é um modo inconsciente. Por isso, BOSI (op. cit., p. 49) coloca que, “Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança ‘vive’ em estado latente, potencial”. Com isto, são justamente nesse reino de sombras que serão depositados os tesouros da memória.

Lembrar é trazer o passado de volta. O passado é conservado no espírito de cada sujeito social e cultural. Através das imagens-lembranças afloramos nossa consciência. As idéias de Bergson são opostas as de Halbwachs, no entanto, utilizamos ferramentas conceituais destes teóricos mesmo sabendo que são diferentes e propõem soluções distintas na pesquisa sobre memória. Maurice HALBWACHS (op. cit.), partindo da distinção entre memória e percepção e tudo o quanto ela comporta de ênfase

na “pureza da memória” passa a ser um dos estudiosos mais influentes das relações entre memória e história pública.

A sociologia proposta por HALBWACHS aproxima-se da realidade concreta da existência a partir da análise dos quadros sócias da memória indo do longínquo ao próximo. Seu livro *A memória Coletiva*, foi publicado postumamente, no ano de 1950. Mas, sua obra *Les Cadres Socieux de la Mémoire* (Os quadros sociais da memória) foi publicado no ano de 1925. É um seguidor de Durkheim sendo sua obra influenciada e inspirada nas *Formas Elementares da Vida Religiosa*. Halbwachs prolonga os estudos durkheimianos que seguiram à pesquisa de campo nas hipóteses de Auguste Comte, no que diz respeito à precedência do fato social e do sistema social sobre fenômenos de ordem psicológica e individual. Conforme BOSI (op. cit., p. 53),

Com Durkheim, o eixo das investigações sobre a ‘psique’ e o ‘espírito’ se desloca para as funções que as representações e idéias dos homens exercem no interior do seu grupo e da sociedade em geral.

Por isto que Halbwachs dará um tratamento da memória enquanto um fenômeno social e refina em vários momentos a definição de seu mestre. Estudará a memória como sendo quadros sociais. Dirá que é impossível conceber o problema da evocação assim como o da localização das lembranças se não pegarmos como ponto de aplicação os quadros sociais reais que servirão de referência nesta reconstrução que chamará de memória.

A atenção e preocupação para a memória e sua duração se deve ao fato das rupturas das sociedades européias, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial. O que está por trás desta definição de memória que se busca é uma definição do tempo. Isto por que, de acordo com DUVIGNAUD (1990, p. 13),

[...] Contra uma visão platônica do tempo que faz do tempo a “imagem móvel da eternidade”, contra interpretação de um espiritualismo antiquado que afirma que “a materialidade lança sobre nós o esquecimento”, contra uma concepção hegeliana de um futuro único portador de uma lógica racional, a sociologia francesa com Halbwachs começa a tirar as conseqüências da revolução einsteiniana. O tempo não é mais meio privilegiado e estável onde se desdobram todos os fenômenos humanos, comparável àquilo que era a luz para os físicos de outrora.

Halbwachs evoca o depoimento em relação a um grupo (uma classe social) do qual faz parte determinado indivíduo, pois para ele o depoimento só faz

sentido e produz sentido na medida em que está em contato com o grupo, uma classe. Um evento real vivido depende do quadro de referência onde evoluem presentemente o grupo e o sujeito que o atestam. A memória individual existe, porém está enraizada dentro de quadros diversos vividos social e culturalmente pelos sujeitos. Para DUVIGNAUD (op. cit., p. 14), “A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada se escapa à trama sincrônica da existência social atual [...]”. A coletividade condiciona e aliena uma classe social porque está pautada em princípios universais de comportamentos e sentimentos padronizados e repetitivos.

A consciência não é fechada nem vazia. A lembrança possui uma fronteira entre aquilo que é da classe social e aquilo que é do sujeito. A lembrança coloca-se na intersecção de diversas correntes do pensamento coletivo. Para Maurice Halbwachs as aventuras pessoais da memória resultam em mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos. Distingue a “memória histórica” da “memória coletiva”, diz que, a primeira está ligada a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social que são projetados no passado reinventado, enquanto que a segunda é aquela que recompõe o passado. Na relação entre essa consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas memórias. Desta forma, a memória de um sujeito dependerá do relacionamento com sua família, sua classe social, escola, religião, profissão, ou seja, com as classes sociais de convívio e os grupos de referências.

Diferente de Bergson que pensava ser o espírito conservado em si no passado, com sua inteireza e autonomia, o sociólogo, Halbwachs, ao contrário, realça a iniciativa que a vida atual de um sujeito toma ao desencadear a memória. Diz que, se lembramos é devido ao fato de os outros, a situação presente, nos fazer lembrar. Para BOSI (op. cit., p. 55), “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho”. A memória é trabalho porque ao reconstruir a lembrança pensamos em como estamos no agora para olhar para trás e ver como fomos, como habitamos, como a vida seguiu e com ela seguimos.

Desta maneira, o instrumento socializador da memória é a linguagem, isto porque, é através dela que o espaço histórico e cultural passa a ser unificado e aproximado a imagem do sonho, da lembrança e da vigília contemporânea. Por isto, reviver o passado tal e qual como foi é algo complexo, pois todo sujeito que lembra faz uma releitura, ou seja, não se relê do mesmo modo um livro, uma lembrança. Quando

nos lembramos de algo que passou confundimos o que ouvimos, do que vivemos, daí o caráter não somente pessoal mas social e cultural da memória.

Para Halbwachs a capacidade de lembrar é radical porque não se trata apenas de um condicionamento externo de algo que é interno, ou seja, não é uma justaposição de quadros sociais e imagens evocadas. Entende que dentro do interior da lembrança são trabalhadas noções gerais transmitidas através da linguagem, conhecimento, filiação institucional. Devido ao caráter objetivo, transubjetivo, essas noções gerais, essas imagens resistem e são transformadas em lembranças. Por isso, BOSI (op. cit., p. 63), diz que, “Note-se a coerência do pensamento de Halbwachs: o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra”. Quem lembra, para Halbwachs, recorda a vida em sociedade.

O ser humano ativo preocupa-se menos em lembrar porque, para ele, a vida prática é prática e dessa maneira a memória seria uma fuga, arte, lazer, contemplação. Na memória fica aquilo que significa, mas fica não do mesmo jeito, intacto, às vezes o que fica é profundamente alterado. Isto porque, novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação evocada.

Com Halbwachs passamos a pensar na memória enquanto uma construção social e cultural. Quando uma classe social em conjunto trabalha intensamente existe uma tendência de criar esquemas mais ou menos coerentes de narração e interpretação dos eventos. Os eventos testemunhados têm uma forma histórica própria ao contrário dos que não foram testemunhados que se perdem no caminho. Desta maneira, BOSI (op. cit., p. 68), questiona e responde:

Qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória.

A memória autobiográfica nos conduz até as lembranças dos sujeitos fazendo-nos repensar a história de uma classe social em relação às idéias de universalização e padronização de comportamentos e sentimentos. Maurice Halbwachs negou a possibilidade de um pensamento que seja puramente individual. A sociedade para ele depende de condições naturais, ela é consciência, desse modo as causas e fins nela são misturados e embaralhados. Na sociedade, ao invés dos sujeitos se

uniformizarem, pelo contrário, eles se diferenciam. Não é o indivíduo em si nem tão pouco uma entidade social e cultural que se recorda. Ninguém pode lembrar-se efetivamente senão da sociedade através da presença ou a evocação pela assistência dos outros ou de suas obras, isto porque, um ser humano que lembra sozinho daquilo que os outros não lembram vê o que os outros não viram, afirma Halbwachs.

Quando criança recebemos o passado a partir da história oficial, escrita, oral, com isto, mergulhamos os novos dados nas raízes da história vivida, sobrevivida que passam a fazer parte das pessoas que viveram e passaram por um processo de socialização e culturalização. A maneira como a criança experimenta os discursos ditos dos diversos lugares dos quais faça parte é percebido no interior, no concreto, no dia-a-dia, no singular; as fissuras exteriores não transformam o essencial. Com isto, a história que se apóia puramente em documentos oficiais não consegue dar conta das paixões de cada sujeito porque não percebe o que está por trás dos episódios.

A evocação existe a partir de uma inteligência do presente, por isto, o ser humano não sabe o que é se não for capaz de sair das determinações atuais. Isto porque, conforme BOSI (op. cit., p. 81), “Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia”. Uma ou várias pessoas reunidas conseguem reunir lembranças, descrever eventos exatamente como foi visto e vivido, sendo que cada sujeito contará a história a partir das percepções e sensações que tiveram. As testemunhas estão lá.

Não basta assistir ou participar de uma cena onde outros seres humanos eram espectadores ou atores para que em outro momento a evocação se anime e tome aparência de algo vivo e a imagem se transforme em lembrança. A memória não é uma tabula rasa em que tudo vai sendo depositado. A lembrança de tempos melhores passa a ser convertida em sucedâneo da vida, por isso, que a vida atual só parece ter significado quando recolhem o alento de outra época, outros momentos.

A memória oral é capaz de enraizar no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e nos objetos. Ela também tem seus desvios, preconceitos, inautenticidade. Os esquecimentos, omissões, trechos desfiados da narrativa nos dão exemplos de como se dá a incidência do evento histórico no cotidiano dos sujeitos. O tecnicismo quer nos convencer que a nostalgia é um sentimento descartável. A técnica cria redes interligadas e dinâmicas, se esquece que o mundo é feito de territórios, nações, paisagens.

Um evento político é marcante quando mexe com a cabeça de uma classe social específica. Desta forma, seus membros serão afetados pela interpretação

ideológica dominante que dará o tom da história. A memória pública a partir desses eventos tende a permear o pensamento individual. A memória social atravessa as lembranças pessoais. O que nos molda durante tempos resistem a nós com sua alteridade tomando algo do que fomos. Conforme BOSI (2003, p. 31),

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relaciona através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.

A arte de narrar não se encontra confinada em livros porque seu veio épico é oral. O sujeito que narra tira da experiência vivida à história que transforma em experiência dos que o escutam. A narração decaiu quando a informação passou a triunfar. Por isto, ela é uma maneira artesanal de se comunicar, pois não visa à transmissão do em si do acontecido. Investe no objeto e o transforma. A memória é a faculdade milenar por excelência. O narrador está presente lado a lado com o ouvinte, desta forma, a arte de narrar é uma interação de alma, olhos e mãos; transformando o narrador sua matéria a vida humana na terra. Deste modo, BOSI (1994, p. 91) diz que, “Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo”. Os sujeitos narram suas histórias/memórias evocando o vivido e sentido concretamente.

Deste modo, toda história passa a depender da finalidade social e cultural, isto porque, é no passado e da sua transmissão de uma geração a outra que a tradição oral e a crônica escrita são transmitidas. Por diversas vezes a história é obscura porque quando ela não existe disponível passa a ser criada, imaginada. Através da história as pessoas procuram compreender as transformações e mudanças por que passaram em suas vidas. A história oral pode ser um meio de transmissão e transformação de conteúdo da história. Para THOMPSON (op. cit., p. 22), “Antes deste século, o enfoque da história era essencialmente político: uma documentação da luta pelo poder, onde pouca atenção mereceram as vidas das pessoas comuns”. Nos dias atuais as histórias escritas no chão têm muito a dizer e nos fazer pensar porque os sujeitos cotidianos vivem e fazem história. A história também vem de baixo para cima, não só de cima para baixo.

Os tempos históricos do passado eram divididos de acordo com os reinados e as dinastias. A história local preocupava-se, sobretudo com o governo do

distrito e da freguesia do que com o cotidiano da vida de uma localidade ou dos bairros e ruas de uma cidade e comunidade. Desta maneira, a história oral tornou-se uma fonte semelhante à autobiografia, porém de maior alcance. Devido a isso, a entrevista propicia um momento de descobertas de documentos escritos e fotográficos que de outro modo não teria sido localizados.

A evidência oral proporciona a descoberta sobre contatos comuns da família com os vizinhos e parentes em relação às questões internas. A partir do uso da voz humana o passado surge no presente de maneira imediata. A história não deve servir apenas para confortar, mas apresentar um desafio, bem como uma compreensão que ajude a entender a mudança. A história oral é construída em torno das pessoas, por isso, lança a vida para dentro da própria história que alarga seu campo de ação. Desta maneira para THOMPSON (op. cit., p. 44), “Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”. Isto porque, bairros, cidades, sujeitos, são partes de um espaço habitado.

Entrevistas gravadas representam, quer a partir de posições pessoais ou grupais, a percepção sobre o cultural e social daquilo que aconteceu e marcou. Evidências chegam até nós como significados do social, por isso devem ser avaliados e analisados. O testemunho oral nunca se repete do mesmo modo. Mesmo após a Reforma Protestante na Europa o principal meio de comunicação era oral. O mundo era percebido pelas pessoas através do som, do cheiro, dos Outros. Quando o processo de alfabetização é disseminado e os meios de comunicação - como o jornal - se proliferam, a palavra escrita ou impressa ganha seu espaço e o mundo passa a ser percebido através da visão.

Para que a memória tenha capacidade de compreensão o sujeito precisa se interessar pelo evento e o acontecido. Uma lembrança torna-se mais precisa quando existe um interesse e necessidade social porque recordar é um processo ativo. Por isto, THOMPSON (op. cit., p. 154) diz que, “[...] Essencial, também, é que haja uma disposição para lembrar: esse traço da memória é especialmente importante para o processo de entrevista”. Sem lembranças não existem memórias a serem colhidas.

Na história de vida e na história oral o que interessa é mostrar o ponto de vista daqueles que fazem parte do meio cultural e social e que constroem uma história e memória peculiar. Isto se deve ao fato de que a memória não está sujeita a erros que possamos invalidar sua utilidade de informação colhida. A história como memória serve para explicar a estrutura da sociedade e seus padrões de vida cotidianos. Não

organizamos nossas memórias marcadas por datas porque a maioria das pessoas se esquece com facilidade dos anos do calendário.

Memórias são influenciadas pela organização social e cultural de transmissão e seus diversos meios de comunicação empregados. Para que serve a memória social? Essa é uma questão bastante ampla e controversa, pois o exemplo que se tem a respeito do uso da memória social nos conduz sempre a imagens de governantes como heróis populares. Por isto, BURK (2006, p. 81) diz que, “Nas histórias, os desastres acompanham a morte ou desaparecimento do herói”. Outra maneira, de acordo com BURK (op. cit.), de abordar os usos da memória social é questionar o porquê algumas culturas se preocupam mais em lembrar que outras seu passado.

O longo silêncio sobre o passado não conduz ao esquecimento, pelo contrário, impõe uma resistência e um excesso de discurso oficial. As lembranças são transmitidas pela família, associações, redes de sociabilidade afetiva e política. Desta maneira, segundo POLLAK (1998, p. 08), “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’”. Existe uma interação permanente entre o vivido e o aprendido. E essas constatações se aplicam a toda a forma de memória. Por isso, a história de vida ordena os eventos que marcam uma existência porque mesmo o nível de trabalho individual da memória é indissociável da organização social da vida.

Neste capítulo a memória e a identidade foi o mote para que possamos entender e buscar um entendimento acerca de como os moradores do bairro de Ponta Grossa percebem o local e quais suas visões de mundo. Através das memórias pudemos traçar uma história do tempo habitado. Em seguida, no terceiro capítulo, discutiremos sobre o espaço e o tempo habitado, bem como as dinâmicas sócio-espaciais.

### **CAPÍTULO III – O Bairro: tempo e espaço habitado.**

O bairro de Ponta Grossa é importante para que possamos perceber de que maneira o processo de urbanização e urbanidade das cidades – e mais especificamente da cidade de Maceió – vem se desenvolvendo e de que forma pensamos os espaços sociais e culturais. No segundo capítulo foi possível entender de que forma a memória torna-se parte do processo de pertencimento, modo de ser e agir. Através da subjetividade e dos graus de consciências os sujeitos vão se apropriando dos espaços e construindo maneiras de fazer peculiar e consolidada. A partir da sensação que nos dá a qualidade daquilo que é interior e exterior, e da percepção que nos proporciona ver, tocar, sentir, ouvir, sentimos e damos sentido. A memória é evocação do que passou. Desta maneira, o bairro demonstra que ao longo de seu tempo os sujeitos e os espaços habitados da cidade cresceram significativamente trazendo demandas e necessidades. O intuito neste momento será mostrar o desenvolvimento de Ponta Grossa, bem como as dinâmicas sócio-espaciais, colocando como parâmetro o desenvolvimento urbano e a internacionalização da cultura (Globalização) através da história do tempo, pois na modernidade o tempo tem uma história.

Para entendermos o processo de desenvolvimento e crescimento do bairro de Ponta Grossa apresentaremos uma trajetória do tempo habitado e construído onde será mostrado o espaço e sua concepção; trabalharemos com vários pensadores que pensaram e pensam a questão do espaço e a relação social e cultural que os sujeitos têm com o mesmo.

O bairro de Ponta Grossa é um dos mais antigos da cidade de Maceió que vem sofrendo alterações significativas com os avanços urbanos verificados nos últimos tempos no mundo, no país e na capital. Desta maneira, surgem transformações das antigas formas de sociabilidade. Observar o local através de seus moradores e de sua história se faz importante por poder registrar um complexo processo de construção cultural do popular urbano desde seu surgimento. Estabelecendo associações de imagens e significados cruzados presentes no imaginário e na forma de viver e se inserir no bairro através das atividades profissionais (feirantes, lavadeiras, pescadores, comerciantes, funcionários públicos etc.) e certas performances (conversas de rua, brincadeiras, carnaval, cultos afro-brasileiros, católicos, evangélicos). Essas características reunidas contribuem para uma criação de mundo particular revelando um

bairro popular e histórico.

Olhar e produzir conhecimento sobre a cidade e o bairro é um processo de *bricolage*<sup>12</sup>. Um processo de construção e desconstrução dos espaços habitados e o deslocamento de seus habitantes. Um trabalho de tato e lógica. Isto porque, a cidade tem o poder de exigir a mobilização. As cidades e os bairros são tanto os dados imediatos a partir de suas materialidades quanto o impalpável dos sonhos e desejos dos sujeitos que faz e desfaz. Deste modo, falar e escrever a respeito da cidade e do bairro é também falar e escrever sobre aqueles que intervieram, nem sempre para o melhor, como fizeram dirigentes, planejadores, especuladores.

A cidade e o bairro, para PAULA (2006), são espaços de conflito e de conciliação, de alienação e luta de classes, por isso, o espaço e o tempo habitado passam a ser o suporte de todo o evento. No entanto, eles não são realidades absolutas posto que se transforme. A cidade e o bairro é o lugar da praça e do encontro, espaço inventado pelo ser humano, para conversas, diálogos e performances. É o lugar da alteridade. Onde se é outro. Onde o estranhamento não se reconhece no objeto que cria.

Segundo DA MATTA (1997, p. 32) o espaço é como o ar que se respira, por isso, para poder sentir o ar se faz necessário situar. É preciso ver e sentir o espaço habitado. Quando não entendemos a sociedade e suas relações e valores não podemos interpretar como o espaço habitado é concebido e desenvolvido. Por isso, segundo o autor, “[...] nas cidades brasileiras, a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora”. É desta forma que o bairro de Ponta Grossa será construído, um espaço habitado que esta fora e passa a estar dentro.

Os espaços são demarcados quando fronteiras são estabelecidas separando um pedaço de terra do outro. Deste modo, tanto o tempo quanto o espaço são invenções sociais e culturais. Tempo e espaço são construídos pela cultura dos seres humanos, por isso, não existe sistema social que não possua uma noção de tempo e espaço. As unidades de tempo se tornam visíveis na medida em que está ligada a alguma atividade socialmente bem marcada e construída. Por isso, DA MATTA (op.cit., p. 34) diz que,

[...] é possível que apenas nos países ocidentais, que realizaram a

---

<sup>12</sup> Bricolage em francês, em português bricolagem, significa ação ou hábito de fazer um trabalho manual; conserto. Trabalho ou conjunto de trabalhos manuais, ou de artesanato. Pesquisado em <http://michaelis.uol.com.br/escolar/frances/index.php?lingua=frances-portugues&palavra=bricolage>, no dia 02 de junho de 2009.

“revolução puritana” ou protestante e adotaram integralmente o capitalismo com sua lógica cultural, o tempo e o espaço tenham medidas únicas, coordenadas num sistema também oficial e universal de medidas, fazendo parte de uma ideologia igualmente dominante. Nessas sociedades, o tempo foi notavelmente disciplinado e universalizado pelo patrão (que o compra) e pelo operário (que o vende).

O tempo passou a ser tido e sentido como dinheiro, como um bem de troca e consumo. Para BAUMAN (2001, p. 130), “O tempo se tornou dinheiro depois de se ter tornado uma ferramenta (ou arma?) voltada principalmente a vencer a resistência do espaço [...]”. O sistema capitalista individualiza tudo e todos. No entanto, nem sempre funcionou dessa forma. As concepções de tempo eram diferenciadas. No Brasil os dias da semana são marcados por concepções diferenciadas e complementares de tempo. Conforme DA MATTA (op. cit., p.36), “sábados e domingos são tempos muito mais internos, da casa e da família, ao passo que os ‘dias comuns da semana’ são vividos como tempos externos, marcados pelo trabalho [...]”. Tempo e espaço precisam ser sentidos para que possam ter sentido. Desta maneira, as sociedades possuem uma lei de seus espaços e temporalidades para existir enquanto um todo articulado, por isso, suas atividades se ordenam em oposições diferenciadas fazendo com que as lembranças e memórias sejam diferentes em qualidade, sensibilidade e modo de organização.

Nas rotinas diárias o tempo é preservado e nas festas e festividades pode ser acelerado ou vivido como tal. Existem espaços que são concebidos como eternos e transitórios, bons e mágicos, individuais e coletivos. Aquilo que é ou diz respeito ao poder político na sociedade é considerado como duradouro ou eterno, posto que existam monumentos e palácios. Nas cidades do Ocidente os espaços públicos de conveniência servem de relação estrutural entre o sujeito e o coletivo. Por isso, DA MATTA (op. cit., p.44), descreve que “algumas cidades brasileiras cresceram assim, como um monumento à vontade do colonizador e só mais raramente como uma decorrência direta de trocas comerciais”. Os portugueses ao contrário dos espanhóis não deram importância a estrutura urbana.

Casa e Rua para DA MATTA (op.cit.) possuem aspectos complexos e diferenciados. Enquanto a casa é o lugar de laços de sangue, ou seja, privado, a rua é o local da individualização, luta e malandragem, do público. Na rua cada um zela por si; as contradições são admitidas, ao contrário da casa que não admite contradições, a rua é um lugar de atenção e cuidados. Desta forma, MENEZES (2000, p.156), coloca que,

Para se compreender as dinâmicas sócio-espaciais, é importante ter em conta os seguintes aspectos: (i) as referências sócio-espaciais são, cada vez mais, o resultado da justaposição, sobreposição ou correlação de vários elementos, suscitando a existência de significações múltiplas e combinadas; (ii) o movimento dialético existente entre razão global e a razão local suscita a utilização de escalas de mediação ou intermediação entre estas duas ordens (ou razões).

A noção de lugar se torna significativa porque expressa propriedades concretas que estão na noção de espaço. O espaço habitado por seus sujeitos é produto e produtor das relações sócio-culturais. Além de produzir uma identidade sócio-espacial que fica entranhada nos sujeitos. Deste modo, MENEZES (op. cit., p.158), afirma que “um dos elementos introdutórios para se compreender um lugar é conhecer como é a sua organização e arranjo sócio-espacial”. A partir desta organização e arranjo sócio-espacial pudemos entender como o bairro de Ponta Grossa é pensado por seus habitantes. O bairro fica porque significa.

Um lugar se refere à intensidade da sua demarcação referindo-se ao grau de abertura ou fechamento. Um bairro possibilita identificar o caráter do lugar em termos de sua organização espacial e respectiva organização social. Por isso, CLAVAL, (1987, p. 16) apud MENEZES (op. cit., p. 160), diz que, “o comportamento espacial é em parte a tradução de comunicar com outrem e, em parte, a consequência da necessidade de estar em segurança no meio de coisas significativas, porque familiares”. Para os moradores que habitam esta parte da cidade por um bom período de tempo as recordações são de avanços e melhorias, existe uma segurança porque foi construída uma comunidade. Um enraizamento. Pertencimento.

### **3.1. A cidade e a formação de seus bairros**

A cidade de Maceió surgiu de um pequeno povoado com alguns proprietários de terras e pescadores. Seu crescimento foi impulsionado pelo comércio através do porto de Jaraguá que passa a ser a principal porta de entrada e saída de navios e embarcações. No século XIX - como já dito no primeiro capítulo – o povoado de Maceió tornou-se um empório comercial de grande significação. A partir da comercialização de bens e serviços passa a ser operado um desenvolvimento econômico e demográfico que faz com que a cidade e sua população passem a crescer e desenvolver.

A ocupação inicial dos espaços da cidade ocorre através dos bairros do Centro, Jaraguá e Levada. Surgindo posteriormente os demais bairros como: Poço, Mutange, Bebedouro, Trapiche, Mangabeiras, e no início do século XX começa a expansão definitiva dos bairros da zona baixa, média, alta e Tabuleiro dos Martins. Devido à inexistência de um plano urbanístico a cidade não estruturou seu espaço urbano como deveria ser feito para que tivéssemos um bom funcionamento das redes básicas de infra-estrutura e saneamento, criando, com isso, uma configuração espacial problemática.

O desenvolvimento urbano da cidade de Maceió e seus bairros demonstram de que forma sua estrutura física e espacial, dos tempos de sua formação até os dias atuais, reflete o modo de produção dominante na região atrelado com o sistema agroindustrial açucareiro, configurando num alto grau de concentração de renda e exclusão social, representado nas oportunidades de subempregos e na ocupação do solo.

Nos idos de 1940 conforme dados da Prefeitura Municipal de Maceió - AL<sup>13</sup> a população da cidade correspondia a 90.523 habitantes distribuídos pelos bairros do Poço, Levada, Jaraguá, Ponta Grossa, Prado, Trapiche, Bebedouro e Farol. Na década de 50, devido ao processo migratório a cidade se torna cada vez mais populosa e habitada em todos os lugares.

Na planície costeira Sul onde estão localizados os bairros da Levada, Ponta Grossa, Vergel do Lago, Trapiche da Barra, Prado, Pontal, Joaquim Leão, Dique Estrada, Virgem dos Pobres, passaram a ser denominados de área residencial onde predomina a população de baixa renda. Na década de 70, Maceió conta com 49.995 domicílios dos quais 48,4% construídos em taipa e 31,2% desprovidos de banheiros, sendo 42,4% de habitações alugadas<sup>14</sup>.

Nos dias atuais a cidade de Maceió esta com 50 (cinquenta) bairros de forma ainda desequilibrada, falta uma melhor infra-estrutura nas ruas, saneamento básico para tirar o esgoto a céu aberto, melhoria do transporte público etc.. No que diz respeito à urbanização observa-se uma maior densidade populacional nos bairros onde a infra-estrutura urbana básica é insuficiente. Enquanto que em alguns bairros da cidade

---

<sup>13</sup> Instituto Brasileiro de Administração Municipal – **IBAM**. Área de desenvolvimento urbano e meio ambiente – **DUMA**. Prefeitura Municipal de Maceió – AL. Assessoria Técnica. Reelaboração do Plano Diretor de desenvolvimento urbano e ambiental. Produto 5. Volume 2. Maio de 2005

<sup>14</sup> IBAM: Op. cit.

existe uma densidade populacional em vias de crescimento, por existir espaços que ainda serão e estão sendo ocupados, nos bairros pobres os espaços habitados foram preenchidos, superpopulados e remodelados.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, sobre a distribuição populacional por bairros de 1996-2000 os bairros de Maceió estão assim distribuídos<sup>15</sup>:

<b>DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR BAIRROS – 1996 – 2000</b>		
<b>BAIRROS</b>	<b>TOTAL</b>	<b>DENSIDADE</b>
Antares	9193	18
Barro Duro	10.597	40
Bebedouro	10.523	48
Benedito Bentes	67.964	21
<b>Bom Parto</b>	<b>13.549</b>	<b>241</b>
Canaã	4.187	85
Centro	3.710	22
<b>Chã Jaqueira</b>	<b>16.843</b>	<b>132</b>
<b>Chã Bebedouro</b>	<b>11.469</b>	<b>176</b>
Cidade Universitária	52.269	18
Clima Bom	47.858	68
Cruz das Almas	9.250	40
Farol	17.343	64
Feitosa	25.386	93
Fernão Velho	5.655	20
Garça Torta	1.889	9
Gruta	13.687	45
Guaxuma	2.223	3
Ipióca	5.944	2
Jacarecica	5.093	12
<b>Jacintinho</b>	<b>77.849</b>	<b>208</b>
Jaraguá	4.219	15
Jardim Petrópolis	3.969	10
<b>Jatiúca</b>	<b>33.758</b>	<b>112</b>
<b>Levada</b>	<b>10.582</b>	<b>117</b>
Mangabeiras	3.952	71
Mutange	2.528	70
Ouro Preto	4.066	30
Pajuçara	3.229	64
Pescaria	2.115	6
Petropolis	15.765	18
Pinheiro	19.667	97
Pitanguinha	5.053	59
<b>Poço</b>	<b>20.195</b>	<b>118</b>
<b>Ponta da Terra</b>	<b>9.132</b>	<b>221</b>
<b>Ponta Grossa</b>	<b>24.186</b>	<b>200</b>
Ponta Verde	16.361	108
Pontal	2.331	12
<b>Prado</b>	<b>17.925</b>	<b>131</b>
Riacho Doce	2.917	2
Rio Novo	5.743	31
Sta Amélia	8.236	40

<sup>15</sup> IBAM: Op. cit.

Sta Lúcia	18.844	17
<b>Sto Amaro</b>	<b>1.846</b>	<b>151</b>
Stos Dum	13.792	11
São Jorge	4.309	11
Serraria	16.170	19
Tabuleiro	55.818	61
<b>Trapiche</b>	<b>24.257</b>	<b>135</b>
<b>Vergel</b>	<b>32.307</b>	<b>229</b>
s/especif	2.006	0
<b>TOTAL</b>	<b>797.759</b>	<b>1.558</b>

Na tabela acima destacamos os lugares com maior número de população e densidade populacional para que possamos visualizar de que forma os espaços habitados foram e estão sendo ocupados na cidade de Maceió. O destaque do bairro de Ponta Grossa nos mostra que sua população é de 24.186 e sua densidade é de 200 habitantes por metro quadrado. Deste modo, percebemos o desenvolvimento histórico e populacional do mesmo em detrimento a outros espaços tradicionais habitados da cidade.

Em seguida temos uma imagem de satélite da área urbana da cidade Maceió onde podemos identificar a demarcação dos cinquenta bairros existentes.



Imagem de Satélite da área Urbana de Maceió com a demarcação dos cinquenta bairros.

Fonte: [www.bairrosdemaceio.net/mapa.htm](http://www.bairrosdemaceio.net/mapa.htm), consultado em 13 de abril de 2009.

### 3.2. O bairro de Ponta Grossa

Ponta Grossa ocupa a parte baixa da cidade de Maceió onde o território começa a desenvolver-se e expandir. O bairro fica localizado na planície lagunar. Sua área atual é de 1.283 km<sup>2</sup> e sua população de 24.186 habitantes conforme a Secretaria Municipal de Planejamento (SMP). Os dados censitários do IBGE de 23 de novembro de 2007 dizem que a população do bairro é de 22.065 habitantes morando em 6.291 domicílios. A densidade populacional é entre 18.001 e 24.000 habitantes. Existem muitas residências próprias e para alugar e pequenos pontos comerciais existindo um mercado formal e informal em toda a sua extensão. O local tem 86,27% de rede de abastecimento de água e 10,48% de rede de esgotamento sanitário. Tem uma população de baixa e baixíssima renda onde existe grande número de irregularidades e invasões, conforme dados da SMP. O bairro também é visto como um lugar de baixa escolaridade. Tem deficiência de saneamento básico com presença de esgotos a céu aberto, como boa parte dos bairros da cidade, e ligados aos canais e drenagens existentes. Possui um abastecimento de água precário. Existem muitas vilas de alugueis no interior de suas quadras. Seu terreno é turfoso.



**Fonte:** desenho Pesquisador

Atualmente o bairro tem 42 ruas, 5 Praças, 1 Igreja Católica, 2 capelas, 6 templos pentecostais, diversos templos em casas de moradores, 32 terreiros de religião afro-brasileira, alguns bares e botecos populares, 1 feira de produtos usados e de procedências escusas, comércio de peças de automóveis, vilas para alugar, casas de alugueis, algumas lojas de roupas, 2 super mercados de grande porte fundados por

moradores vindos do interior e alguns pequenos mercados, lanchonetes e restaurantes, 2 postos de gasolina, casas lotéricas e bancos em rede nos supermercados facilitando pagamentos de contas, cabeleireiros e barbeiros, panificação, fábrica de bolos, farmácias, comércio variado nas casas (de comida a bugigangas). Vendedores ambulantes de frutas, verduras, bolos, roupas, utensílios domésticos, frutos do mar etc.

De acordo com um livro chamado *Maceió no Bolso*<sup>16</sup> de 1950 encontrado no Museu da Imagem e do Som (MISA) até esse período o bairro tinha 26 ruas, 2 Praças, 1 travessa e 9 vilas. Deste modo, pudemos perceber de que forma o local cresce e passa a ser um dos bairros da cidade de origem popular.

Nas memórias e lembranças de alguns moradores residentes em Ponta Grossa o bairro era pobre e desabitado até os anos de 1940, coberto por mangues e cheio de sítios com várias plantações de frutas, fauna e flora. No presente, melhorou, dizem os moradores, e é o que se pode ver andando pelas ruas, vendo as casas, as pessoas nas calçadas. Ao longo do tempo o espaço foi tomando forma e recebendo do poder público infra-estrutura. Inicialmente um arrabalde localizado na beira da lagoa Mundaú, cercado de canais, composto de sítios e pescadores. Casas de taipa cobertas de palha de coqueiro. Espaço de poucas habitações. Com o crescimento demográfico nos anos de 1940 e, após 1960, devido ao êxodo rural, oriundo da alta mecanização do campo em Alagoas a cidade de Maceió sofre um crescimento desenfreado provocando implicações na infra-estrutura básica da cidade. O bairro cresce e aparece.

Localizado como um lugar onde existe um maior aglomerado de terreiros de religião afro-brasileira, segundo LINS (1966, p. 11), “Em quase todos os bairros de Maceió existem terreiros de macumba [...] mas é na Ponta Grossa que existe um maior aglomerado desses terreiros”. Nos dias atuais não se encontram mais tantos terreiros como antes, mas muitas pessoas convertidas nas Igrejas Pentecostais<sup>17</sup>. O bairro tem uma igreja matriz de Nossa Senhora Aparecida e duas pequenas capelas: a de Santa Tereza d’Ávila e a de Santo Antônio de Pádua. Existem muitas igrejas Pentecostais de diversos credos em casas de moradores e de grande envergadura, como antes dito.

Na década de 40 o bairro foi palco de movimentos militares em virtude da

---

<sup>16</sup> Este livro foi mostrado por um funcionário do Museu da Imagem e do Som (MISA) e não tinha capa, nem referência, era um guia da cidade e dos bairros. Ele não existe nas bibliotecas da cidade.

<sup>17</sup> Devido ao preconceito e medo disseminado nas pessoas em relação à religião afro-brasileira no Estado de Alagoas por conta do quebra de xangô no ano de 1912, e por ser entendida como uma religião ligada a valores maléficos, os sujeitos passaram a se converter nas religiões evangélicas em busca de salvação e proteção. Sabemos que as religiões pentecostais no Brasil têm crescido significativamente, principalmente nos lugares mais pobres: sejam cidades ou bairros.

Segunda Grande Guerra. Foi instalada uma base anfíbia americana. Neste tempo existia uma estrada construída por estrangeiros que posteriormente ficou conhecida como Fernandes Lima que ligava o bairro ao aeroporto dos Palmares onde pousavam aviões e Zepelins norte-americanos. Segundo pesquisas realizadas nos jornais da cidade (ver *Tribuna de Alagoas*, 12 de dezembro de 1996), no local teve sondas perfurando na busca pelo petróleo,

[...] os moradores mais antigos contam que à noite uma turma se reunia em determinado ponto da região, onde corria um óleo escuro, sendo combustível, usado para acender lampião que iluminava o local do jogo. Até hoje ninguém sabe o resultado das pesquisas no bairro.

Durante a Segunda Grande Guerra, conforme Moacir Sant'Anna<sup>18</sup>, no bairro não funcionava uma unidade militar americana, mas o quartel do 22º BC da Paraíba. No entanto, de acordo com as lembranças de um morador entrevistado por Antonio Reis para o Caderno Especial do *Jornal Tribuna de Alagoas* (op. cit.) é dito o seguinte,

João Laurindo da Silva, 82 anos, disse que os americanos se instalaram na base perto da lagoa, mas aconteceu um incidente que provavelmente ocasionou a saída dos mesmos. Um jipe vinha do aeroporto dos Palmares, nos tempos do Zepelin, e atropelou uma guarnição brasileira que marchava em direção contrária. Isto aconteceu perto da cidade do menor onde se localiza agora o Canaã. Apesar dos apelos o soldado americano não parou e um brasileiro quase atirou no jipe, sendo impedido pelo comandante da tropa. O episódio forçou o exército a tomar providências e no mesmo dia foi ordenado que se levantasse uma barricada com metralhadoras perto da base de Ponta Grossa, para impedir a saída dos americanos. A população foi mantida em suas casas. Depois disso os americanos deixaram o local que mais tarde passou a ser o Quartel General do 22º BC.

---

<sup>18</sup> Na página especial do *Jornal Tribuna de Alagoas* de 12 de dezembro de 1996, o jornalista Antonio Reis cita esta passagem proferida pelo referido historiador alagoano.



Maceió década de 40 mostrando um Zepelin (Foto do Arquivo Público de Maceió).

Bairro formado por gente humilde desde seus primórdios, Ponta Grossa assim se chama devido ao fato de estar localizada numa das extremidades da cidade. Não existia água encanada e a população usava os banheiros públicos existentes, pagando pelo serviço. Segundo o jornal mencionado anteriormente, “um dos comerciantes de água foi Firmo Tenório Cavalcante, parente de Tenório Cavalcante, o Homem da Capa Preta”. Boa parte da população vivia de trabalhos rústicos como “Almocrevar” (condução de animais, carroceiro), prestando serviços as regiões distantes do bairro e carregando mercadorias e materiais de construção. Em entrevista ao referido Jornal o senhor,

José Zumba, renomado artista plástico, vive há mais de sessenta anos no bairro. Sendo considerado um dos melhores artistas de Alagoas, pelo príncipe Dom Pedro de Orleans Bragança. Ele disse que a praça Santa Tereza tem a idade de Maceió. Era um dos pontos de encontro dos jovens da época, as pessoas se arrumavam para sair aos domingos e assistir a missa.

Na Praça Santa Tereza d’Ávila tem uma Capela com o mesmo nome e segundo alguns moradores esta existe há mais ou menos cem anos. Conforme seus habitantes a Praça tem a idade de Maceió. No espaço onde hoje é a Praça existia um Cruzeiro e em seu entorno as crianças brincavam e jogavam bola, às vezes armavam as

lonas do Circo, proporcionando a população lazer e diversão. Aconteciam dramas, peças teatrais, como me contou D. Maria de Lourdes em entrevista. Uma das primeiras indústrias da cidade foi instalada na Praça Santa Tereza e era uma indústria de serraria. No local também existiu uma lavanderia pública e uma TV instalada na sua parte central. Onde hoje existe concreto, eram manguezais, sítios e plantações.

A Praça Santa Tereza era um ponto de encontro dos jovens e as pessoas se arrumavam para sair aos domingos e assistir a missa. Além da Santa Tereza, existia a 11 de Junho e a do Largo de Santo Antônio, isso até a década de 50. Com o tempo o bairro ganhou novas Praças como a: Moleque Namorador e a Ciro Acioli (ou Sossego). As Praças se transformaram num ponto de encontro entre os moradores. Um lugar para conversar, paquerar, encontrar amigos e passear com os filhos.

No bairro funcionou a Rádio Cruzeiro do Sul que começou e terminou suas transmissões em Ponta Grossa. Posteriormente no lugar da Rádio Cruzeiro do Sul funcionou também a Rádio Progresso.

Segundo a historiografia do bairro no passado surgiu à figura folclórica do Moleque Namorador; este era o apelido de Armando Veríssimo Ribeiro que animava o carnaval de Ponta Grossa, mas morava na Rua Xavier de Brito, no bairro do Prado. Nasceu a 11 de junho de 1919 no município de São Luiz do Quitunde, em Alagoas, tendo falecido no dia 08 de maio de 1949 ainda jovem vitimado por tuberculose pulmonar. Morreu pobre, como sempre viveu. Animava os carnavais da cidade nas ruas e salões. Era um jornalista bastante conhecido, diziam que estava sempre de bom-humor. Os moradores continuaram preservando a alegria do Moleque Namorador e continuam realizando todos os anos o carnaval na Praça com o mesmo nome. Deste modo, mostramos uma imagem com o Moleque Namorador fazendo o passo em um dos clubes da cidade.



Moleque Namorador - passista alagoano

Moleque Namorador. **Fonte:** [www.bairrosdemaceio.net/mapa.htm](http://www.bairrosdemaceio.net/mapa.htm), consultado em 13 de junho de 2008.

O carnaval mais popular e animado da cidade acontece na Praça Moleque Namorador, reduto dos mais autênticos foliões que seguem a tradição do patrono da praça, como passista vencedor de vários concursos. O Moleque Namorador morreu e seu nome ficou imortalizado em Ponta Grossa.

Existia uma única Escola Pública: a Escola Sete de Setembro; hoje o bairro tem sete escolas, sendo três municipais, duas estaduais e duas privadas, além de diversas escolas que funcionam do pré-escolar a quarta série do ensino fundamental. Além dessas instituições de ensino os moradores são atendidos nas escolas e colégios que funcionam nos bairros circunvizinhos.

O Colégio Élio Lemos era mantido pela rede de Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), que funcionava a mais de 30 anos. Coloca Jair Barbosa no *O Jornal*, de 09 de junho de 1996, que o “Colégio Élio Lemos é o orgulho do bairro”. Este oferecia ensino pedagógico e científico. Na década de 1960 foi tido como um dos melhores colégios de Maceió. Por ele passaram crianças e adolescentes de classe média que residiam no bairro, além dos bairros adjacentes. Dispunha de uma boa equipe de professores e preparava para o vestibular. O nome do colégio se deve a uma homenagem da Cnec ao estudante Élio de Lemos França que morreu afogado na Cachoeira de Paulo Afonso numa excursão de estudantes da cidade. Foi diretor da revista “Mocidade”, além de ter escrito uma peça teatral conhecida como “Noites da Lagoa”. O colégio não funciona mais nos dias atuais, mas seu prédio abriga uma escola

do município de ensino fundamental.

Ali também existiram modalidades de lazer e entretenimento, entre as quais se destaca a famosa *soirée* do Cine Imperial e posteriormente o Cine Lux, hoje transformado numa Igreja Pentecostal (Universal do Reino de Deus). Com a abertura do Lux, no ano de 1948, o Imperial que era mais antigo e muito mais modesto fecha suas portas.

O Lux foi fundado pela família Miranda no dia 19 de setembro de 1948 e foi um dos maiores cinemas da cidade. Alguns moradores do bairro lembram com saudades do cinema e suas matines nas tardes de sábado e domingo onde a paquera, o namoro, e tantas outras histórias de amor e dor a partir de um encontro acontecia. Foi o advento da Televisão inicialmente instalada na Praça Santa Tereza e posteriormente, nas casas dos moradores, com suas novelas e atrações que fizeram o LUX fechar suas portas assim como tantos outros cinemas da capital. Em matéria publicada no caderno especial do jornal *Tribuna de Alagoas* de 12 de dezembro de 1996, o

**Cinema do bairro se transforma em Igreja Evangélica**

CINE LUX: DAS GLÓRIAS, AO DECLÍNIO INESPERADO.

Inaugurado em setembro de 1948, com o filme “O filho de Robin Hood”, o cine Lux foi o ponto de lazer mais prestigiado nos anos 50[...]. Nos bons tempos despontou como “o maior cinema da cidade”. Exibia filmes famosos que não passavam em outros projetores da capital.

[...]

O final trágico do cine Lux foi devido ao vandalismo que marginais faziam nas suas dependências, como conta João Laurindo da Silva, até defecavam nos tapetes do cinema, o dono ficou desiludido e fechou, deixando na saudade os passeios de sábado, já que a melhor coisa da época era ir ao cinema.

Na Rua Cabo Reis era um grande valão e o bonde só chegavam até as proximidades onde funcionava o antigo Cine Lux, num lugar chamado Mané Caixão. As ruas foram surgindo aos redores do bairro da Levada e Centro que passaram a ser transformados em lugares comerciais. Ponta Grossa cresce e dessa forma se constitui num dos mais importantes bairros para a cidade.

O bairro tem limites com outros tais como: Prado, Trapiche, Levada, Vergel, Joaquim Leão e Coréia. A Coréia era um bairro da cidade que foi incorporado a Ponta Grossa, chamava assim devido a Guerra. Era um lugar inóspito, coberto de mangue, na beira da lagoa. Com o desenvolvimento e crescimento da cidade o mesmo se desenvolve e constitui o bairro.

Os moradores do local pouco utilizam o transporte público devido o Centro ser próximo, por isso, vão a pé e utilizam muito o sistema de lotação de carros e ônibus. Ponta Grossa era um bairro enorme, mas com o tempo foi sub-dividido conforme a ocupação. A área que corresponde a Ponta Grossa era um sítio que pertencia à família Leão passando posteriormente para Félix Bandeira.

LIMA JUNIOR (1981) realizou um mapeamento de alguns nomes de ruas da cidade de Maceió no intuito de descrever puramente as ruas dos bairros; foi possível contabilizar algumas ruas de Ponta Grossa onde fala sobre a Rua da Assembléia, que era a Antiga São Francisco de Sales, hoje, oficialmente, Moacir Miranda; a Praça Ciro Acioli situada no loteamento Guaicurus; Praça Elio de França Lemos inaugurada em 31 de janeiro de 1959; Rua Félix Bandeira, antiga Estrada do Bandeira ou Félix Bandeira, que possuía enormes sítios de fruteiras na margem da lagoa Mundaú na qual foram abertas diversas ruas nos anos 40; Praça Menino Petrócio em homenagem a um menino de família modesta falecido prematuramente sendo enterrado no cemitério de São José; e Rua Santo Antonio, que de acordo com LIMA JUNIOR (op. cit.), foi registrada por Craveiro Costa com 550 metros. Hoje tem mais o dobro e conserva seu nome. No passado, aproximadamente na década de 20 ou 30, era conhecida por Santo Antonio das Palhas, pois a maioria das casas era coberta de palhas de coqueiro.

As ruas do bairro possuem muitos nomes de políticos, empresários, estudantes, carnavalescos e santos. A Rua Santo Antônio é a porta de entrada para o bairro. Pelo que tudo indica é a partir daqui que começa a surgir Ponta Grossa. Deste ponto vai crescendo em busca de espaço para se desenvolver. No *Jornal de Alagoas* do ano de 1916 no tópico sobre devedores da fazenda Municipal a Rua Santo Antônio surge com alguns moradores em seu entorno.

As casas dos primeiros moradores desta localidade eram cobertas de palhas de coqueiro, barro e madeira. Tinham alguns sítios e era cercada por águas e mangues, como boa parte da cidade. Desta forma, mostramos uma imagem de uma casa tradicional dos primeiros moradores que habitavam o local.



Casa tradicional dos moradores mais humildes (Foto cedida pelo Museu da Imagem e do Som - MISA).

O bairro surge da imaginação de festeiros, foliões e forrozeiros. No passado e no presente os moradores enfeitam as ruas em períodos festivos e comemorações. No passado bem mais que no presente. Reduto do mais animado carnaval de rua. Seus moradores são alegres, festeiros, artistas. Conservam o velho hábito de se reunir nas calçadas para falar de Si e principalmente dos Outros. Quem não conhece as ruas e vielas pode se perder no emaranhado caótico que é o bairro.

De acordo com OLIVEIRA (2004, p. 164) os aspectos do sítio de Maceió são testemunhas de que o desenvolvimento urbano da cidade se deu em três direções: do mar, da lagoa e do tabuleiro. Os eventos a respeito da distribuição e movimentos da população no espaço que ela ocupa, bem como o comportamento e atividades dos sujeitos que vivem num meio urbano, como é o caso do bairro de Ponta Grossa, devem ser relacionados à sua organização, seu funcionamento e ao seu dinamismo social e cultural coletivo.

No bairro de Ponta Grossa a urbanização proporcionada pelas políticas do poder público é distante das perspectivas dos que lá vivem porque não existe um comprometimento político com a organização da estrutura de acordo com a lógica do capital. Se analisarmos a estrutura do bairro através do sistema de transporte que é caótico, da urbanização mais recente que é desestruturada, e da marginalização dos sujeitos mais jovens – tem sido crescente causando o aumento da delinqüência e da

violência – perceberemos o que VELHO (1982, p. 06) descreve em relação ao bairro de Copacabana no Rio de Janeiro quando coloca que,

[...] o bairro superpopulado, apresentava uma série de problemas de circulação, higiene, transporte. As pessoas, no entanto continuavam chegando em grande número. Vinham de outros bairros ou subúrbios, às vezes de outras cidades.

Conforme COSTA (2004) os bairros de Ponta Grossa e Vergel do Lago caracterizam-se por residências de classe média e baixa. Abrigava inicialmente pessoas que vinham para Maceió trabalhar e/ou estudar. Hoje, estão invadidos pelo comércio num processo de substituição de funções do uso do solo. Não existe uma data de fundação do bairro porque este surge com o desenvolvimento da cidade na colonização.

Conseguimos um indício de fundação do bairro no livro de LIMA JUNIOR (op. cit.), como já colocamos anteriormente, quando escreve que da Rua Félix Bandeira localizado no bairro e sua origem, diz que Félix Bandeira era a antiga estrada do Bandeira ou do Felix Bandeira. Este – Felix Bandeira – possuía um enorme sítio de fruteiras na margem da lagoa Mundaú onde foram abertas diversas ruas há poucos anos, no entanto, não diz em que ano isso aconteceu, provavelmente no fim do século XIX, ou início do século XX. Dizemos que provavelmente porque não encontramos nos lugares pesquisados da cidade nenhum documento com uma data de fundação do bairro, o que conseguimos pesquisar foram alguns jornais de 1916 em diante onde constavam os nomes e endereços dos devedores da Fazenda Municipal, deste modo identificamos a Rua Santo Antonio nestes endereços de devedores; além dos jornais da contemporaneidade que fizeram matérias especiais acerca dos bairros, bem como o livro citado de LIMA JUNIOR que faz um mapeamento de algumas ruas da cidade sem, no entanto se aprofundar em detalhes. O referido autor cita uma passagem de Craveiro Costa sobre a Rua Santo Antonio, a porta de entrada para o bairro, dizendo que o mesmo no passado, no início do século XX era habitado e tinha algumas casas de taipa e coberta de palhas de coqueiro.

A imagem que segue é uma fotografia do mapa da cidade de Maceió, onde o intuito é mostrar de uma maneira parcial o espaço habitado do local. Sabemos que não é uma ótima imagem, mas foi o que conseguimos captar.



Fotografia do Mapa dos bairros. **Fonte:** Via Mappa (2008).

### 3.3. Dados da entrevista estruturada (questionário)

Traçaremos o itinerário da pesquisa de campo e mostraremos alguns dados do questionário aplicado com os moradores para saber algumas idéias dos mesmos a respeito do bairro e seu imaginário. Foram aplicados 50 (cinquenta) questionários com 23 perguntas em diversas ruas e observado os espaços habitados e ocupados, e realizadas 09 (nove) entrevistas com moradores acima de 40 anos para colher histórias de vida e memórias, como já pudemos constatar no segundo capítulo.

Como morador de Ponta Grossa habito este espaço durante alguns longos anos. Com o meu desenvolvimento sócio-educativo-econômico e cultural pude perceber as mudanças e transformações sofridas pelo mesmo. Se foi possível perceber o espaço

em transformação e mutação, fiquei a questionar, como as pessoas que vivem mais tempo nesta localidade da cidade percebe e sente o lugar (?). Como pensam e agem os moradores (?). A pesquisa aconteceu com caminhadas e observações de campo onde as maneiras de ser e fazer provocou uma reflexão sobre as diferenças. MAGNANI (2007, p. 03) diz que, “basta uma caminhada [...] e logo entra-se em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, crenças, valores”. Ao caminhar observamos o que se passa e quem passa desta forma percebemos os eventos, sujeitos e comportamentos.

A pesquisa foi realizada nos museus e instituições da cidade em busca de imagens onde foi possível colher bastante material cedido pelo Museu da Imagem e do Som (MISA). Voltando do centro da cidade a pé passei a registrar imagens, fotografando algumas ruas e transeuntes, no intuito de visualizar o espaço e entender o seu desenvolvimento. Ao registrar imagens logo as pessoas paravam para perguntar do que se tratava. Porque estava tirando fotografia? Para quê? Assim o contato foi iniciado e os laços sendo construídos. Comecei a fotografar a partir da Praça Santo Antônio e sai bairro adentro.

Foram registradas imagens das Praças, ruas, casas, pessoas. Segui caminhando e fotografando, conversando com os moradores, perguntando nomes de ruas, praças, monumentos. Ao questionar o nome das ruas, conheci alguns moradores que me informaram sobre os nomes antigos de algumas delas. Quando perguntei o nome da Rua Walbergson Douglas, próximo da Rua Santo Antonio, soube que a mesma tinha tido dois ou três outros nomes, quais sejam: Rua 24 de abril, Rua Dijoara Soares e São Felix.

A seguir temos uma imagem de uma das Praças do bairro, a *Ciro Acioli*, ou Praça do Sossego. Os moradores chamam Praça do Sossego porque é um lugar bastante tranquilo e serve como ponto de encontro para os casais de namorados.



Praça Ciro Acioli (Praça do Sossego). (Fonte: Pesquisador, 2008).

Foram registradas algumas imagens do bairro e seus moradores com uma câmera digital. Tiradas fotografias da Igreja Nossa Senhora Aparecida que fica localizado na Rua Bom Retiro, e segundo algumas senhoras que cuidam da mesma esta foi fundada entre 40 e 45 anos atrás, na década de 60, 70. As missas são realizadas sempre aos domingos e terças-feiras no horário da tarde e pela noite. As duas capelas existentes no local também realizam atividades religiosas como missas e festejos comemorativos. No dia de Santa Tereza D'Ávila e de Santo Antônio as respectivas capelas realizam novenas e procissões, além de quermesses e instalação de parques de diversão.

Em seguida temos uma imagem da Praça Santa Tereza, aqui foi instalada uma fábrica de madeira, existiu uma lavanderia pública e a primeira TV do bairro, onde os moradores se reuniam para ver a novidade que se anunciava.



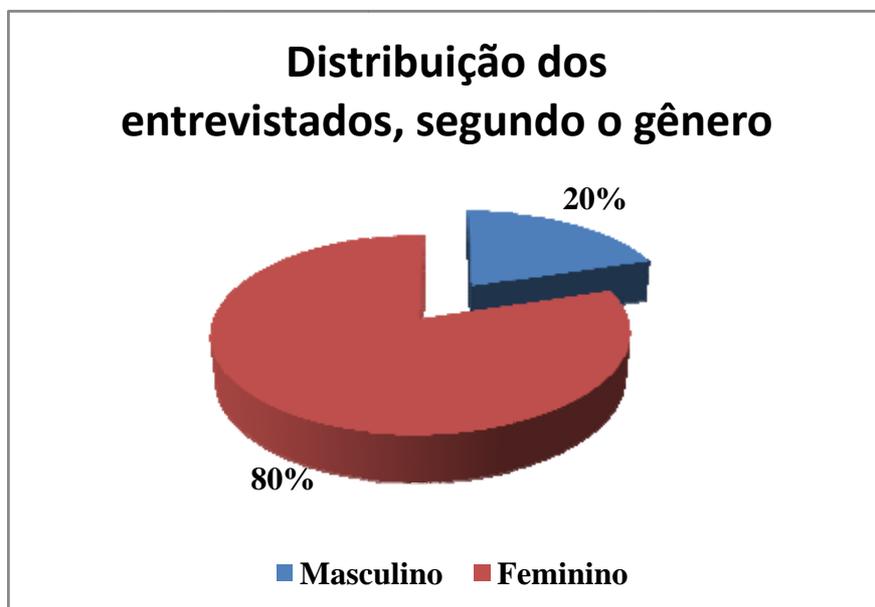
Praça Santa Teresa. (Fonte: Pesquisador, 2008).

Após o registro de imagens foi elaborado um questionário e um roteiro de entrevistas a ser aplicado com alguns moradores. O questionário teve início no fim de outubro de 2008 e foi finalizado em fins de novembro do mesmo ano. Na primeira casa que bati fui bem recebido e seu proprietário parecia bem tranquilo para responder as perguntas, mas essa experiência não se demonstrou em todas as casas que solicitei informações. Muitas pessoas não gostam de falar com estranhos e fornecer dados, mesmo que se diga do que e para que se trata.

A população é bastante receosa em falar porque segundo me contaram essas informações não mudarão em nada suas vidas. Os moradores que se recusaram a participar disseram que estavam ocupados ou sem tempo. Os questionários foram colhidos em algumas residências da Av. Silvestre Péricles de Góes Monteiro, Rua Tiradentes, Baltazar de Mendonça, Rua José Correia de Melo, antiga Rua da Glória, e Santa Catarina. Foi constatado que as pessoas mais abastadas do bairro não me recebiam para aplicação do mesmo. Pelo contrário, as pessoas mais humildes, mas nem todas se prontificaram a respondê-lo. A maioria disse gostar do bairro pelo fato de terem nascido, não pela infra-estrutura. Pois, existe muita coisa a ser feita. Muitos nasceram e/ou vieram morar aqui quando criança ou adulto.

A seguir mostraremos os dados coletados onde iniciamos com uma amostragem da distribuição segundo o gênero. Deste modo podemos perceber que a

maioria dos entrevistados são do sexo feminino, com um total de 80%, pois são donas de casa, ou trabalham em suas residências para ajudar nas finanças familiares. Em relação ao sexo masculino, os 20% entrevistados são sujeitos aposentados, ou desempregados.



Fonte: Pesquisador (2008).

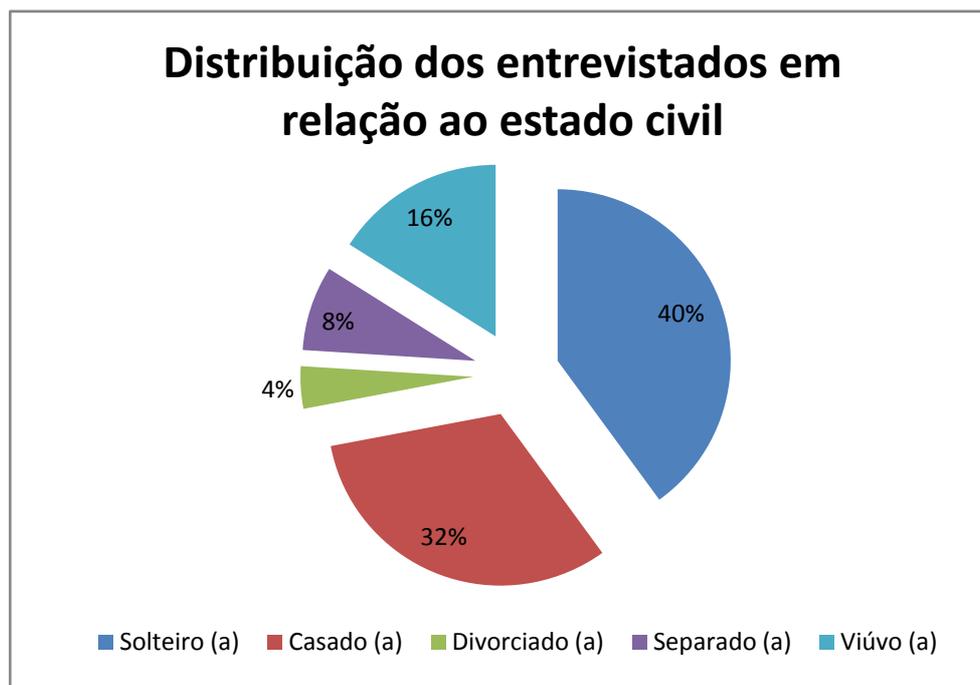
Em relação à naturalidade o gráfico nos mostra que a maioria dos moradores nasceu em Maceió e alguns vieram do interior do Estado de Alagoas e outros Estados brasileiros.



Fonte: Pesquisador (2008). Outras localidades: São Luis/MA; Pernambuco; Marechal Deodoro/Al; Campina Grande/PA; Campo Alegre e Paulo Jacinto/AL.

As idades dos entrevistados foram as mais diversas possíveis. Entramos em contato com pessoas de 20 a 70 anos e as perguntas diferiam de acordo com a idade. Foi percebido que os mais jovens sentiam mais receio em relação ao bairro por esse ser considerado pobre e devido às pessoas observar e comentar a vida dos outros.

Em relação ao estado civil podemos perceber que a maioria dos entrevistados são solteiros e casados, e a minoria são divorciados, separados e viúvos:



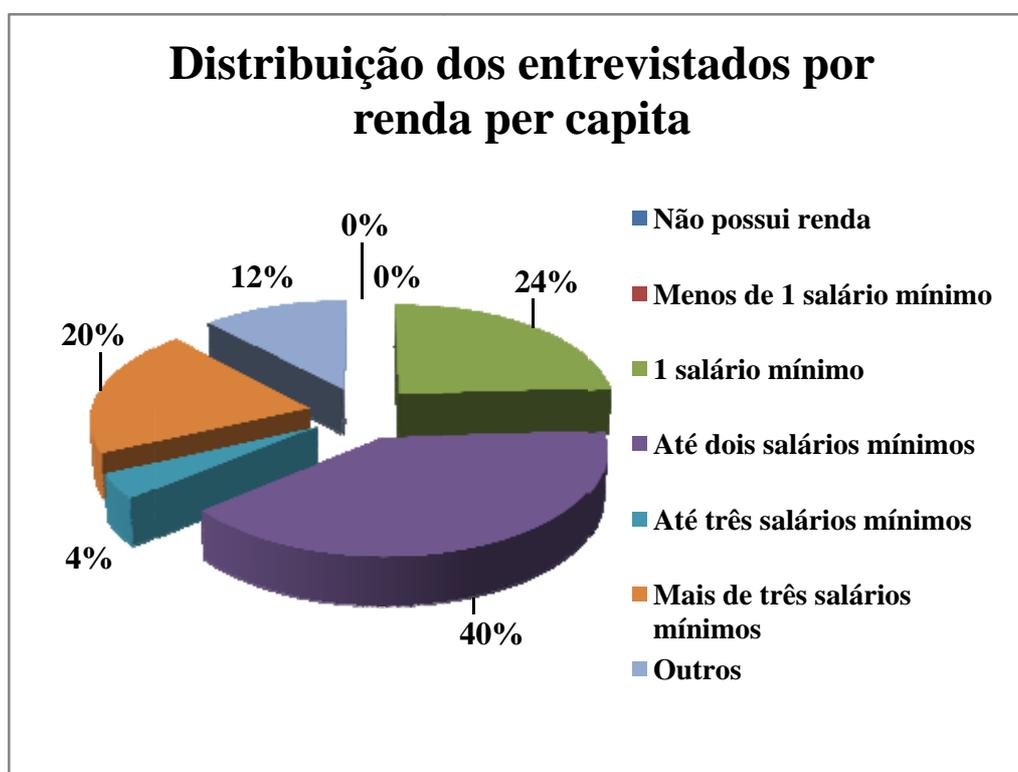
Fonte: Pesquisador (2008)

Em relação à residência podemos constatar que muitos habitantes desta localidade possuem casas próprias e através da mobilidade social muitos saíram daqui e migraram para outras localidades da cidade. As casas de aluguel são de moradores antigos que ascenderam socialmente, mas não se desfizeram destas preferindo alugar os imóveis e ter mais uma renda. Como mostra o gráfico abaixo 76% são de casas próprias, 20% de casas alugadas e 4% de casas cedidas por parentes.



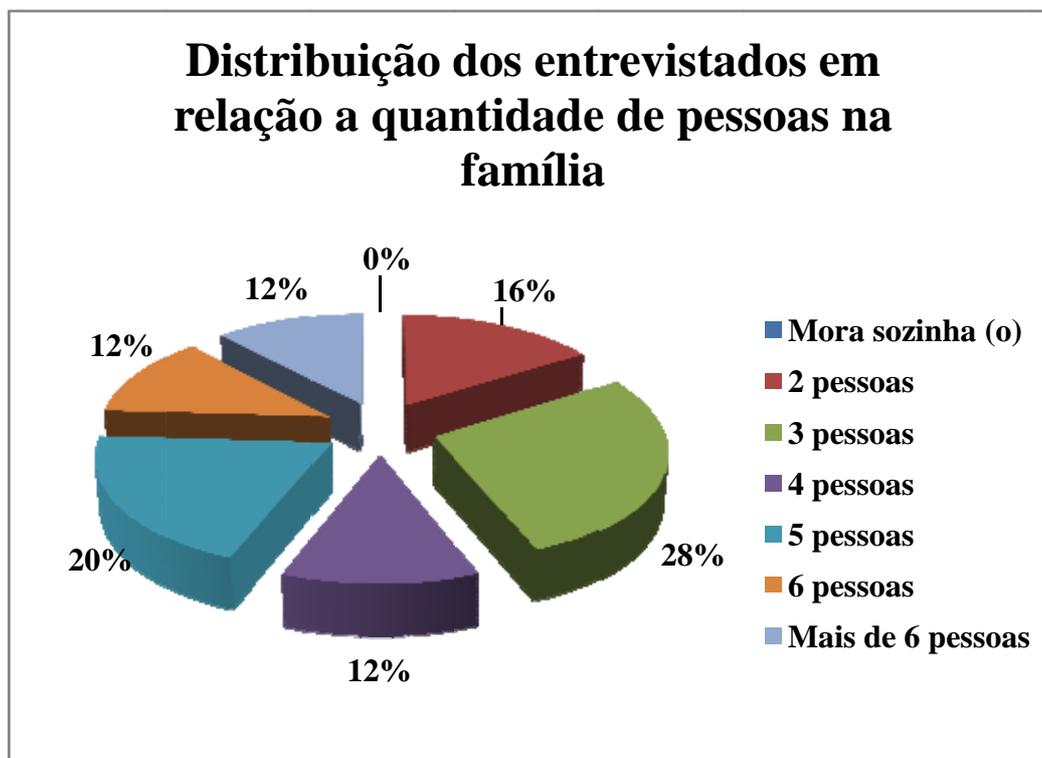
Fonte: Pesquisador (2008)

Em relação a trabalho, muitos disseram ser aposentados, funcionários públicos, trabalhadores de empresa privada, do lar, trabalhar por conta própria. A renda per capita das famílias, de acordo com os pesquisados, são a seguinte:



Fonte: Pesquisador (2008)

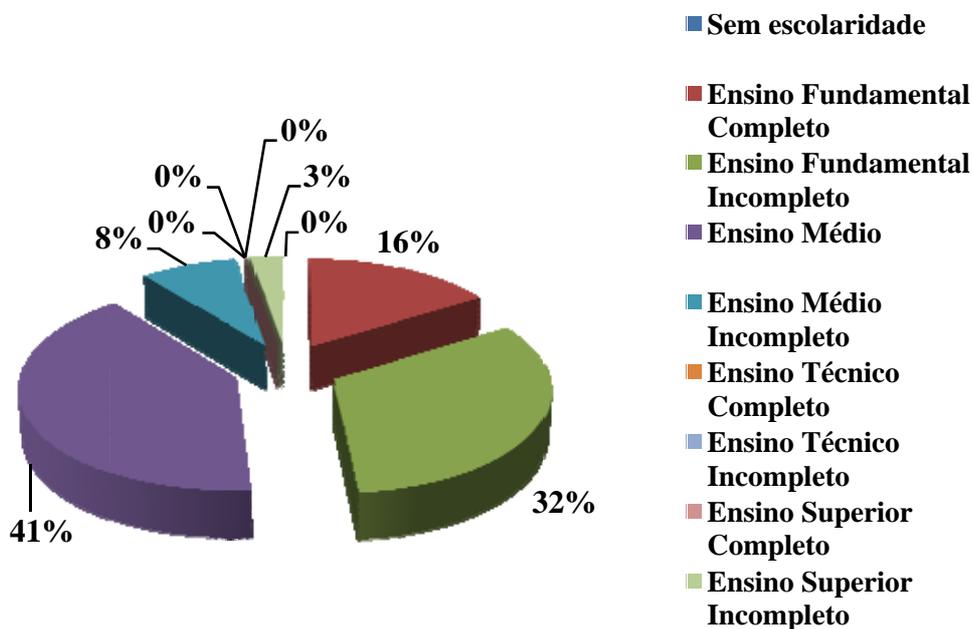
Ao procurar informações a respeito da família no bairro percebemos que as mesmas são constituídas por:



Fonte: Pesquisador (2008)

As informações a respeito do nível de escolaridade das famílias, por número de pessoas residente nas casas correspondem:

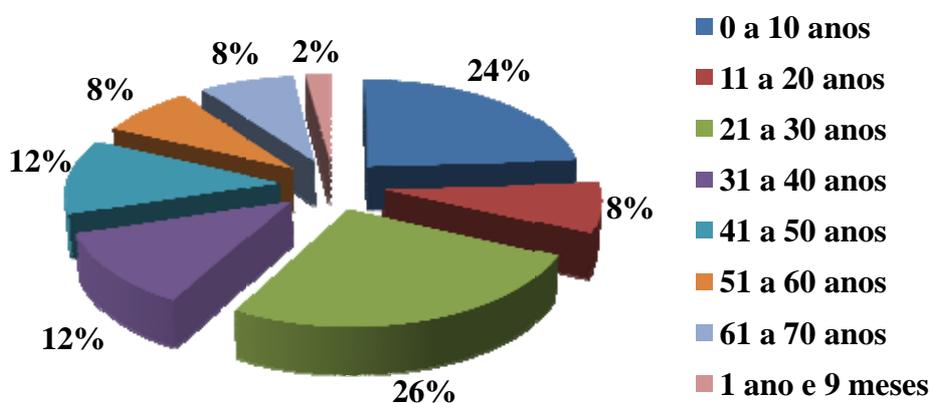
### Distribuição dos entrevistados em relação ao nível de escolaridade da família



Fonte: Pesquisador (2008)

Quando perguntados sobre o tempo de permanência no bairro as respostas foram às seguintes:

### Distribuição dos entrevistados sobre o tempo de residência no bairro

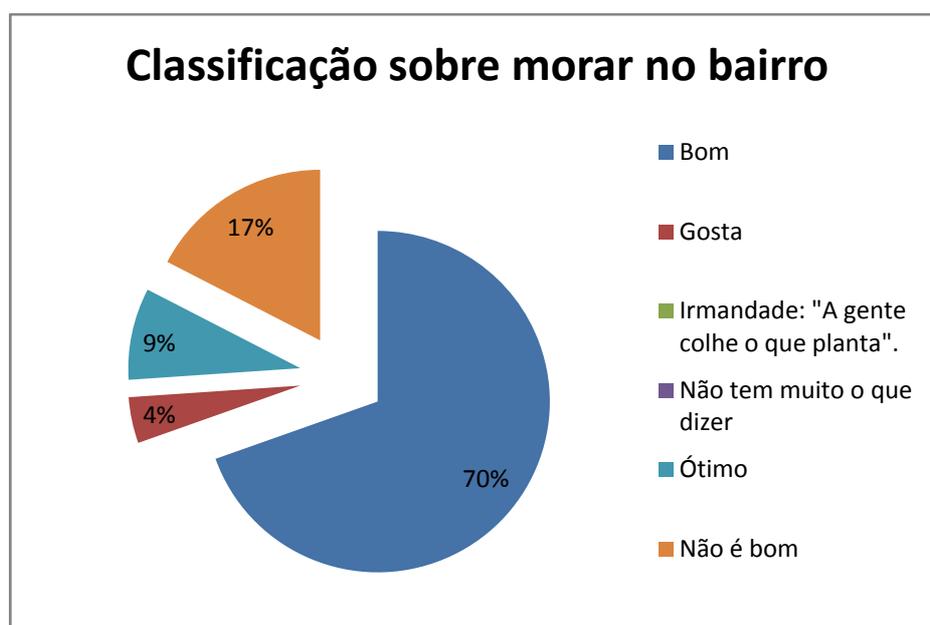


Fonte: Pesquisador (2008)

Quando perguntados sobre o que o bairro oferece como meio de lazer e entretenimento a maioria foi unânime em dizer que aqui não existe nada; quatro pessoas disseram que o que o bairro oferece é a Praia do Sobral que é uma das mais poluídas da cidade, e a lagoa Mundaú, onde alguns tiram o sustento, ou pescam para comer, desta forma tornando o momento de pesca em lazer. Duas pessoas não souberam dizer o que o bairro oferece de bom. Outras duas que aqui o que existe é felicidade. E quatro pessoas que aqui tem Festas Juninas.

Em relação à vida na cidade de Maceió a maior parte dos entrevistados disse que a vida na cidade é boa, alguns disseram que é agitada, outros que procuram desenrolar, normal para alguns, bacana para outros, complicada, tranqüila, maravilhosa, já foi bom, muito violenta. Essas foram às respostas dadas pelos moradores do bairro sobre suas percepções em relação à cidade.

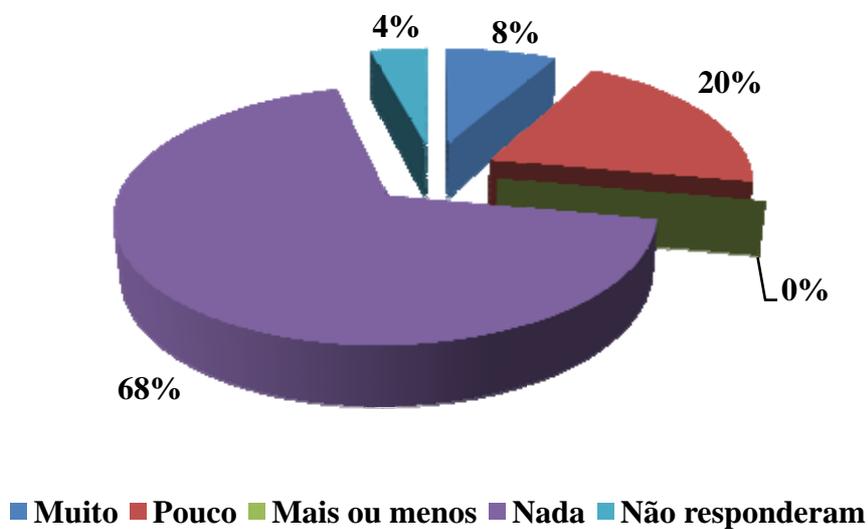
Quando perguntados sobre como é morar no bairro de Ponta Grossa disseram que:



**Fonte:** Pesquisador (2008)

Sobre o que os políticos fizeram, ou fazem pelo bairro as respostas foram às seguintes:

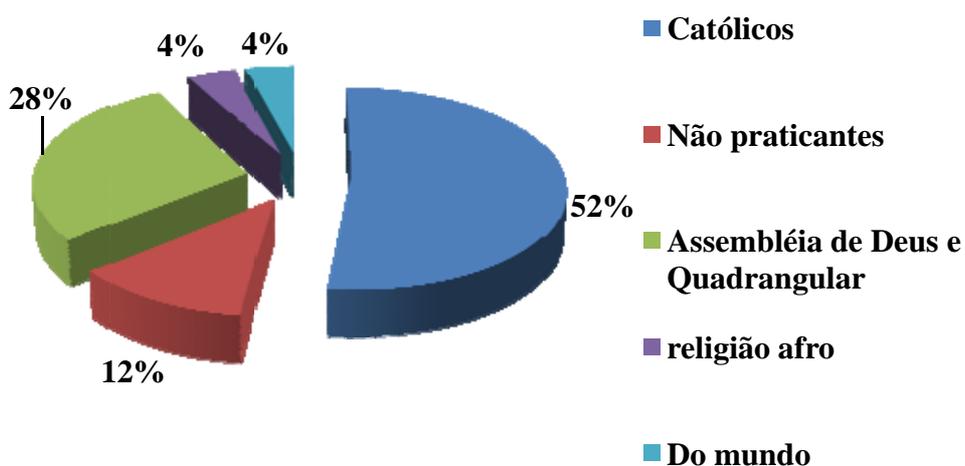
### A visão dos entrevistados em relação aos políticos



Fonte: Pesquisador (2008)

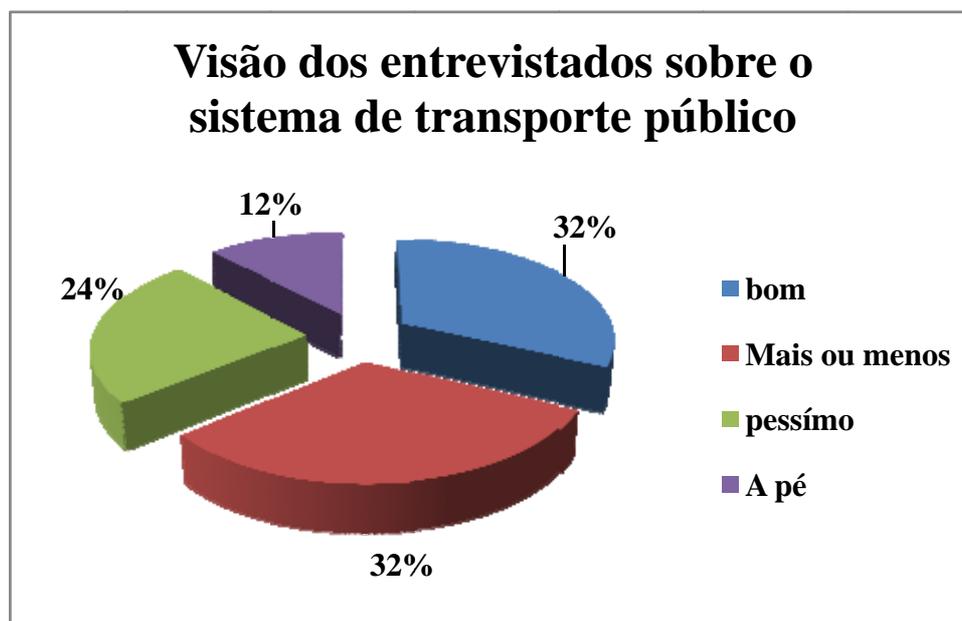
Sobre religiosidade as pessoas entrevistadas colocaram que são:

### Distribuição dos entrevistados em relação a religiosidade



Fonte: Pesquisador (2008)

Para os entrevistados o sistema de transporte que serve o bairro é:



Fonte: Pesquisador (2008)

Em relação ao saneamento básico muitos concordaram que não existem (24), outros que algumas ruas existem (14), alguns disseram não saber, que é péssimo, porque precisa pagar para limparem a rua, ou que existe só esgoto a céu aberto, ou que começaram a fazer e pararam. O fato é que não existe saneamento básico em todas as ruas do bairro.

Quando perguntados a respeito da existência de conflitos e violência e de que tipo, muitos moradores disseram que tem muitas brigas, roubos, tiros, matança de maloqueiros, drogas, álcool, brigas de vizinhos (30). Disseram que não existiam conflitos e violência (18). E duas pessoas disseram achar calma a rua onde mora.

Sobre o que mudou no bairro os moradores colocaram que não mudou nada (24), outros que mudou o calçamento das ruas, esta mais habitado, com luz e água, e que a violência aumentou (24). E duas pessoas disseram estar esquecidas.

Ao serem perguntados sobre o que seria necessário para que o bairro possa melhorar os moradores disseram que: o transporte, segurança pública, construção de áreas de lazer, creches, saneamento básico, posto de saúde, médicos, melhoria na água e energia, os políticos olhar com boa vontade, casas baratas porque os aluguéis estão cada vez mais caros, acabar com as drogas, pois foi percebido que devido ao uso e abuso muitos jovens passam a roubar e matar; no bairro existem alguns pontos de tráfico de drogas.

Para alguns moradores está tudo bem, pois o problema maior era a falta de água e isso foi resolvido. O bairro precisa de muitos cuidados e melhorias, mas pudemos perceber através de seus moradores mais antigos e da pesquisa de campo que muita coisa melhorou sim isto é verdade. As ruas eram de barro e todas elas hoje estão asfaltadas, é certo que não é o melhor asfalto, mas a fisionomia do local melhorou bastante. No passado a falta de água era uma constante e muitas pessoas tinham buracos perfurados em suas portas para poder ter água, a situação ainda não é a melhor, pois em algumas ruas só existe água quem tem bomba para puxar. Existe muita queda de energia danificando os eletrodomésticos dos moradores. Os esgotos ainda estão a céu aberto e as fossas ainda são construídas nas casas demonstrando a falta de cuidados que nossos governantes não têm com a população menos favorecida.

No passado a Ponta Grossa era um local repleto de manifestações culturais populares, hoje, devido à falta de incentivo do poder público, o processo de individualização manifesto pelo capital e os meios de comunicação, fizeram com que os jovens não tenham acesso à produção cultural realizada pelos populares e, muito menos da elite local e nacional. Muitas manifestações culturais foram sufocadas e silenciadas porque nunca pensamos de forma a dar oportunidades e direitos a todos os sujeitos. Percebe-se um resgate tímido de algumas expressões da cultura popular como o bumba-meu-boi, ou boi de carnaval antecedendo as festas carnavalescas e alguns blocos de carnaval. Não se vê mais pastoril, guerreiro, cavalhada etc., posto que os velhos mestres da cultura popular faleceram e não deixaram sucessores. O Estado não preserva e incentiva as manifestações populares como deveria ser feito.

Nos períodos de festas, como as Juninas e as Natalinas não se vêem mais os moradores se organizando para enfeitar as ruas, construir palhoças, dançar quadrilhas, fazer fogueiras, ficar nas portas até o dia amanhecer, pois decretos de leis foram promulgados impedindo manifestações populares nas ruas, passando a concentrar-se em um único local. Estas manifestações também pararam devido o aumento da violência e ausência de segurança pública para todos. O bairro já não é mais interessante (?). Precisamos nos deslocar para outros lugares para se divertir e ver o que se produz. Mas, quem produz? O que se produz?

### 3.4. As ruas, um bairro

Durante o século XIX as ruas de alguns países europeus sofreram grandes e significativas transformações. Neste sentido, as ruas enquanto lugar e símbolo de sociabilidade é sem dúvida a imagem das ruas de Paris quando foram construídos os bulevares enquanto um projeto amplo de reforma urbana. Isto foi possível devido os trabalhos de G. E. Haussmann, então prefeito de Paris que resolveu colocar abaixo centenas de edifícios deslocando pessoas e destruindo bairros inteiros no intuito de franquear a cidade englobando a totalidade de seus habitantes. Os espaços foram pensados e executados seguindo uma idéia de urbanismo racionalista.

As ruas resgatam a experiência da diversidade tornando possível a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre os diferentes, o reconhecimento dos semelhantes e a multiplicidade de usos e olhares num espaço público mediado por normas também públicas. As ruas e os bairros são suportes de sociabilidade. Em sua função tradicional e dominante as ruas são construídas de espaços habitados e habitáveis destinados ao fluxo, no entanto ocorre de às vezes virar casa, trajeto devoto nas procissões, lugar de protestos, de fruição nos dias de festas e festividades etc. Em alguns casos vira vitrine, palco, lugar de trabalho ou ponto de encontro.

As ruas e os bairros não são apenas materialidades, mas experiências de vida. Por trás de uma aparente desordem existem regularidades no espaço, comportamentos, estilos de vida, que um olhar em busca de sentido capta os significados ditos, vistos e sentidos.

Diversos pensadores contemporâneos afirmaram a morte da rua na cidade, e o que pensar dos bairros. Para esses pensadores, de acordo com GONÇALVES (2008), as ruas dos bairros deixaram de ser espaços de socialização e integração. As ruas teriam sido transformadas em lugares inóspitos, perigosos, habitadas por pessoas mal-intencionadas, marginalizadas, apenas um espaço de ligação entre a casa, o trabalho e as atividades de lazer. Qual o significado das ruas e dos bairros na vida social e cultural urbana?

A função da rua mudou durante os séculos XIX e XX devido às intervenções do Estado em seus espaços. Houve uma reforma do espaço habitado, mas também dos usos e hábitos. Como pudemos ver, com a intensificação do desenvolvimento e crescimento urbano, a cidade, seus sujeitos e as formas de vida, no

modo e no jeito de ser urbano, colocaram novos e complicados problemas, exigindo novas soluções.

As ruas aos olhos do Estado passaram a ser concebidas como espaços de circulação e mobilidade, posteriormente como ponto de lazer e diversão; no Brasil a partir do fim do século XIX, nas cidades que começam a tornarem-se mais populosas, e no século XX, em Maceió. Engenheiros, médicos e a polícia deram uma contribuição primordial para a mudança de alguns hábitos urbanos. A urbanização e urbanidade é um processo mundial.

Para GONÇALVES (op. cit., p. 02), a rua pode ser encarada como conceito explicativo de determinados processos sociais e culturais, o que dizer então do bairro. A rua assim como o bairro é espaço urbano, forma de organização ligada ao fenômeno urbano em que a densidade do lugar construído assume caráter único e singular. Deste modo, ainda de acordo com GONÇALVES (op. cit., pp. 03-4),

(...) A estruturação do espaço urbano antigo foi um processo muito diferente do actual. Na organização espacial da cidade pré-industrial a forma e os usos da rua exprimiam uma organização da vida urbana que, por ser diametralmente oposta à que se vem a verificar nas sociedades capitalistas, é extremamente útil na análise dos processos de transformação das ruas (e dos bairros – ênfase minha) na contemporaneidade.

Durante séculos as ruas foram uma extensão do espaço habitado doméstico. Com a centralização do Estado a partir das idéias iluministas e absolutistas durante o século XVIII e, com o advento do liberalismo e da democracia nos séculos XIX e XX, o poder estatal é consolidado e os donos do poder vão assumir a regulação das ruas e construção de bairros. O planejamento urbano marcou e marca as cidades contemporâneas e as vidas dos sujeitos. Por isso, GONÇALVES (op. cit., p. 08), coloca que,

A cidade foi recorrentemente representada como um espaço decadente, sujo, repleto de vícios e maus hábitos. Ruas imundas conduziram, na passagem do século XIX para o século XX, a dois tipos de preocupação: ao nível sanitário (com a sujidade das ruas a ser entendida como factor essencial na transmissão de doença; o medo dos miasmas canalizou numerosas preocupações, constituindo motor para numerosas mudanças operadas na cidade) e a um nível mais simbólico (a sujidade da rua era entendida como sinónimo de decadência moral de toda a sociedade, algo que deveria ser combatido por todos os habitantes, mas, sobretudo, pelo governo activo do estado). Os médicos e suas múltiplas teorias de higiene foram poderosos agentes no processo de retirada da rua de numerosas

actividades. [...] foram os ideólogos, mas também os executores, de políticas estatais de intervenção sobre a rua com o objectivo de as limpar.

Os médicos foram conselheiros dos engenheiros no processo de construção urbana e no processo de higienização da sociedade. Neste contexto, a polícia surge para poder disciplinar e punir. Com a polícia tornava-se possível administrar os problemas dos sujeitos nas ruas da cidade, e, por conseguinte o Estado avançava no seu papel de conhecer para governar o espaço habitado da nação. A rua passava a ser o objeto de ação dos policiais para deixar a passagem numa circulação eficaz.

Com o processo de urbanização o índice populacional de uma cidade cresce e demanda problemas e necessidades. A migração e urbanização expandiram os tamanhos das cidades e seus bairros. A difusão dos transportes públicos e privados. As ruas se padronizaram de acordo com a lógica do desenvolvimento e “modelo habitacional”<sup>19</sup> de cada lugar.

Deste modo, as relações construídas com o bairro e a cidade (lugar) acontecem conforme as redes de relações. O bairro está inserido numa cidade assim como faz parte de uma lógica que é a lógica da cidade. Os moradores de Ponta Grossa se lembram de um tempo que passou e não volta mais e das transformações ocorridas no espaço habitado ao longo dos anos e décadas.

O bairro surgiu com alguns sítios à beira da lagoa Mundaú e casas de taipa de pescadores. Cresceu ganhando alguma infra-estrutura, deste modo novas casas e novos habitantes pra cá vieram. Mesmo sem estrutura alguma começou a ser povoado. Passou a ser estigmatizado, festejado, adorado, desprezado, esquecido e revisitado. Para os moradores antigos o bairro é um bom lugar pra se morar e viver porque esta inscrito nos sentidos. Para os mais jovens é um péssimo local porque é pobre e as pessoas passam olhando a vida dos outros. Os espaços de socialização são as ruas, igrejas, terreiros e praças.

As ruas são percebidas segundo variados pontos de vistas oferecidos por seus habitantes. O bairro assume diversas formas nas memórias de seus moradores como sendo um lugar tranquilo no passado, tornando-se um lugar violento, sem segurança pública devido aos problemas de estrutura que enfrentamos. O bairro esta virando um lugar ameaçador assim como a cidade, porém, alguns modos de

---

<sup>19</sup> No Brasil não existiu durante muito tempo um modelo habitacional, as cidades brasileiras cresceram e se desenvolveram de acordo com a necessidade local. Na cidade de Maceió somente o primeiro governador, Melo e Povoas, preocupou-se com um planejamento ordenado da cidade, esquecido o projeto urbanístico, em seguida ela foi se expandindo através dos assentamentos invadidos e concedidos.

sociabilidade de certa maneira permanecem: os vizinhos continuam sentando nas calçadas pra ver a vida passar e o que se passa de interessante, deixando as portas encostadas sem a preocupação de serem invadidos, mantendo as relações de ajuda mútua; as crianças continuam brincando nas ruas e calçadas. Muito mudou por aqui, mas algumas formas de ser e estar permanece, mesmo com todas as atratividades e ameaças do mundo moderno e interconectado. Aqui se faz uso do espaço vivido.

Cada um ao seu modo inventa e reinventa para si uma maneira peculiar de caminhar num lugar de produtos e mercadorias impostos. Desta maneira, as memórias são construídas de diversas formas: memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, memória dos gestos, memória dos prazeres, memórias dos sabores. Uma memória de identificação e pertencimento se constrói e modifica-se a todo o tempo.

A memória habita o bairro assim como o bairro habita na memória. O bairro se abre e fecha entre os espaços qualificados e o espaço quantificado. Surge como domínio de relação de tempo e espaço habitado porque é favorável para deslocar-se por ele a pé saindo de casa. É um espaço habitado da cidade atravessado pelos espaços públicos e privado. Segundo CERTEAU (1996, p. 42), “[...] O bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação”. Deste modo, o espaço habitado fica porque significa. Ensina e nos faz ensinar. Faz parte do corpo porque se transforma em corpo.

Um bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público. O bairro provoca uma dialética entre o dentro e o fora. É o local da habitação. Um espaço de relações com o outro. É uma relação de uma pessoa com o mundo físico, vivido e sentido. Para CERTEAU (op. cit., p. 44),

[...] a caminhada de quem passeia pelo seu bairro é sempre portadora de diversos sentidos: sonho de viajar diante de uma certa vitrine, breve sobressalto sensual, excitação do olfato sob as árvores do parque, lembranças de itinerários enterradas no chão desde a infância, considerações alegres, serenas ou amargas sobre o seu próprio destino, inúmeros ‘segmentos de sentido’ que podem ir um tomando lugar do outro conforme se vai caminhando, sem ordem e sem regra, despertadas ao acaso dos encontros, suscitadas pela atenção flutuante aos “acontecimentos” que, sem cessar, se vão produzindo na rua.

Caminhar sobre o pedaço do espaço habitado nos faz ver e conhecer o lugar, os sujeitos, as paisagens. Quando habitamos por muito tempo o mesmo local uma simples caminhada nos leva até o tempo de outrora despertando em nós diversos sentidos e sentimentos. Traz-nos lembranças de eventos, sujeitos, monumentos. As lembranças da infância no bairro suscitam eventos e sujeitos. Por isso, perceber a relação entre tempo e espaço pode nos fazer entender as dinâmicas sócio-culturais-espaciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos ver que o processo de desenvolvimento e crescimento das cidades e seus sujeitos é algo que vem de longa data. Não desejamos traçar uma evolução, mas pensar cronologicamente a partir da história do tempo de que forma as cidades surgiram na antiguidade e como se desenvolve na Idade Média, Moderna e Contemporânea. Este itinerário se fez necessário para que pudéssemos entender de que forma as cidades brasileiras e, mais especificamente a cidade de Maceió, se desenvolve e com ela seus habitantes. Como os espaços foram e são ocupados e pensados pelo poder público.

Subúrbios são lugares afastados do centro da cidade, deste modo, pudemos perceber que em cada lugar do planeta esta palavra passou a ter um sentido e significado específico e singular. Entre os brasileiros subúrbio é um local que designa as regiões periféricas da classe social menos abastada. Percebemos que em relação ao bairro de Ponta Grossa ser ou não um subúrbio, não faz mais sentido, posto que o mesmo não esteja mais distante do centro comercial da cidade de Maceió. No passado surge como uma área suburbana porque era cercado de lagoa, rio e mangue, além de não possuir nenhuma infra-estrutura. No presente o bairro conta com infra-estrutura em constante manutenção e reparação, já não fica tão distante do centro se aproximando do mesmo. De acordo com as denominações e classificações não é subúrbio isto aqui, no entanto, sua população ainda é habitada por sujeitos pobres e sem muita escolaridade. A cidade e os bairros cresceram e desenvolveram.

O processo de urbanização e urbanidade é um fenômeno mundial porque o sistema capitalista conquistou lugares, povos e nações. Para que fosse necessária a circulação das mercadorias e produtos os espaços habitados precisariam se adequar e adaptar ao novo modo e estilo de vida que surgia. No Brasil, as cidades cresceram ao redor de uma praça central e devido à expansão marítima comercial. A colonização portuguesa não se preocupou em construir, mas consumir e destruir. A partir das constantes invasões e da descoberta de riquezas é que o espaço será pensado de uma forma a ser habitado.

A cidade de Maceió, no Nordeste brasileiro, crescerá enquanto um projeto colonial aqui instalado. Com o fim da colônia e o começo da república faremos parte de um Estado Nacional. Deste modo, prédios, ruas e bairros surgirão devido o aumento

populacional e a vontade política em trabalhar em prol do capital e demonstração de poder e status. O bairro de Ponta Grossa surgirá enquanto um lugar inóspito e pouco habitado. Ao longo do tempo transforma-se em lugar de reduto de festeiros e cultuadores da religião afro. Ganha salas de cinema e praças. Cresce o local.

Com seu crescimento e desenvolvimento diversas pessoas de vários lugares da cidade e vinda de outras localidades passam a habitá-lo. Existem moradores que nasceram e cresceram aqui, deste modo, as memórias construídas dizem respeito ao lugar. O bairro passou a fazer parte das memórias posto que se enraizasse no corpo e nas falas. A memória é a faculdade de entendimento e conhecimento do mundo concreto permeada de imagens e lembranças do passado evocadas no presente. Memória é trabalho e instrumento de luta.

Os moradores do bairro de Ponta Grossa lembram o local porque faz parte de suas vidas e vivências. A partir das experiências e dos eventos vividos e sentido o lugar habita a memória. Lembranças foram colhidas para entendermos e percebermos de que forma as identidades sócio-espaciais foram e são construídas. Para os moradores mais antigos, como já foi dito, o bairro fica porque significa. Diferentemente dos mais jovens que vêm o local de uma forma sem significado e perspectivas.

Os espaços se tornam habitados e habitáveis porque o processo de urbanização passa a ser instalado e incentivado em toda parte. No passado as ruas eram suporte de trajetos e malandragem. Ao longo do tempo passará a ser um lugar de encontros e desencontros. Não só um lugar de passagem, mas de eventos e personagens. Um espaço público.

Nos dias atuais segundo alguns pensadores contemporâneos as ruas tendem a voltar a ser o que eram: um lugar perigoso e de passagem. Um espaço de malandragem e violência. Entretanto essas idéias dizem respeito ao cenário internacional, pois em algumas cidades brasileiras, e na cidade de Maceió esse espaço continua sendo suporte de passagem e sociabilidade. Em relação ao bairro de Ponta Grossa mesmo com os avanços midiáticos e tecnológicos percebemos e vemos as pessoas nas portas e crianças brincando nas ruas. Aqui o espaço de interação e integração social e cultural não morreu. Ganhou novos contornos. Por isso, voltamos a epigrafe desta dissertação “É subúrbio isto aqui, bairro é melhor assim”. Estamos a todo o tempo e momento construindo e reconstruindo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**ALTAVILA**, Jayme de. História da Civilização das Alagoas. – 6ª Ed – Maceió: Biblioteca Pública Estadual, 1975.

**ALVES**, Andre. Os argonautas do mangue. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

**ANTUNES**, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. – 3ª Ed. – São Paulo: Corte; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

**Associação dos Diplomados da Escola superior de guerra**. Delegacia de Alagoas/Sergipe. 6º Ciclo sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento – Alagoas. Maceió – O Impulso habitacional e suas repercussões ecológicas nos bairros residências existentes e emergentes – 1976.

**BARROS**, Theodyr Augusto de. O Processo de mudança de capital (Alagoas – Maceió): uma abordagem histórica. Maceió: Deptº de História/CHLA/UFAL/ Imprensa Universitária, 1991.

**BARTH**, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. **IN:** Poutignat, Philippe. Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

**BARBOSA**, Jair. Ponta Grossa. O Jornal. Especial. Maceió, Domingo, 09 de junho de 1996.

**BAUMAN**, Zygmunt. Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

**BAUMAN**, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

**BAUMAN**, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

**BENJAMIN**, Walter. Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. – 2ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1991.

**BERGSON**, Henri, 1859-1941. Cartas, conferências e outros escritos / Henri Bergson; seleção de textos de Franklin Leopoldo e Silva traduções de Franklin Leopoldo e Silva, Nathanael Caxeiro. – São Paulo: Abril Cultural, 1979.

**BOSI**, Ecléa. O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

- BOSI**, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. – 3ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURK**, Peter. Variedades de história cultural. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CASTELLS**, Manuel. A Questão urbana. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- CERTEAU**, Michel de. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. – Petrópolis, RJ: VOZES, 1996.
- COSTA**, Craveiro. Maceió. – 2ª edição – Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas S/A – SERGASA, 1981.
- COSTA**, Craveiro. Alagoas em 1931. Maceió: Imprensa Oficial, 1932.
- COSTA**, Jovesi de Almeida et alli. O Espaço urbano de Maceió – Ambiente físico e organização sócio-econômica. **IN: ARAUJO**, Lindemberg Medeiros (organizador). Geografia: espaço, tempo e planejamento. Maceió: EDUFAL, 2004.
- DA MATTA**, Roberto. A casa & a rua. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DESLANDES**, Suely Ferreira et alli. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DEMO**, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais . 3ª Ed. ver. e ampl. – São Paulo: Atlas, 1995.
- DIEGUES JUNIOR**, Manuel. Evolução urbana e social de Maceió no período republicano. **IN: COSTA**, Craveiro. Maceió. – 2ª edição – Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas S/A – SERGASA, 1981.
- DUVIGNAUD**, Jean. Prefácio. **IN: A memória coletiva.** – São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990.
- DUSCHATZKY**, Sílvia e **SKLIAR**, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. **IN: Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença/** organizado por Jorge Larrosa e Carlos Skliar; tradução de Semíramis Gorini da Veiga. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DURHAM**, Eunice R. A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo. – 3ª edição - São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- DUARTE**, Abelardo. As características histórico-geográficas da cidade de Maceió, 13. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió, 1982-1983.
- FILHO**, Miguel Vassalo. Monumentos de Maceió (XXVI). Maceió e seus monumentos. Coletânea de artigos publicados no Jornal “Extra”. Maceió, agosto de 2002.

- FREIRE**, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GEERTZ**, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1978.
- GONÇALVES**, Gonçalo Rocha. *Para que servem as ruas? A acção do Estado na transformação dos usos do espaço público urbano (séc. XIX – XX)*. [on-line] in: NAU – Núcleo de Antropologia Urbana Disponível via WWW no URL <http://www.n-a-u.org/pontuurb02/goncalves2008.html>. Capturado em 15/11/2008.
- GROSTEIN**, MARTA DORA. METRÓPOLE E EXPANSÃO URBANA: A PERSISTÊNCIA DE PROCESSOS "INSUSTENTÁVEIS". **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 15, n. 1, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010288392001000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 Out. 2006. doi: 10.1590/S0102-88392001000100003.
- GURAN**, Milton. Linguagem fotográfica e informação/ Milton Guran. – 3 ed. Ver. E ampl. – Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.
- HAGUETTE**, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. – 3 ed. Revisada e atualizada - Petrópolis, RJ: VOZES, 1992.
- HALL**, Stuart. A questão da identidade cultural. **IN: Textos Didáticos**, IFCH/UNICAMP, nº 18, fevereiro de 1998.
- HALBWACHS**, Maurice. A memória coletiva. – São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990.
- HOLANDA**, Sergio Buarque. Raízes do Brasil. – 26. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM.** Área de desenvolvimento urbano e meio ambiente – **DUMA.** Prefeitura Municipal de Maceió – AL. Assessoria Técnica. Reelaboração do Plano Diretor de desenvolvimento urbano e ambiental. Produto 5. Volume 2. Maio de 2005.
- JAMBO**, Arnaldo. **Um tempo de Maceió: à procura de quarenta anos perdidos.** Maceió: Cataventos LTDA., 1998.
- KOSSOY**, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. **IN: O fotográfico.** Segunda Edição. Etienne Semain (organizador). São Paulo: SENAC/ EDITORA HUCITEC, 2005.
- LEFEBVRE**, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Editora documentos Ltda., 1969.
- LE GOFF**, Jacques. História e memória. – 4ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

- LEITE**, Miriam Lifchitz Moreira. A Fotografia e as Ciências Humanas. BIB, Rio de Janeiro, n°25, PP. 83-90, 1º semestre de 1988.
- LEDRUT**, Raymond. Sociologia Urbana. Rio de Janeiro – São Paulo: Forense, 1971.
- LINDOSO**, Dirceu. Formação de Alagoas Boreal. Maceió – São Paulo: Edições Catavento, 2000.
- LIMA JUNIOR**, Félix. Memórias de minha rua. Maceió: Grafitex: TELASA, 1981.
- LINS**, Lindolfo. Tambores em Ponta Grossa. Maceió-AL: Cadernos XXX – Divulgação de Deptº Estadual de Cultura, 1966.
- MAGNANI**, José Guilherme C. et alli. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana. [online]. in: **NAU- NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA URBANA DA USP** Disponível em <http://www.n-a-u.org/QUANDOOCAMPOCAPL.pdf> capturado em 10/ 10/ 2007.
- MANCUSO**, Maria Inês Rauter. A cidade na memória de seus velhos. Estudo sobre São Carlos, Itiripina e arredores. São Paulo:Dissertação de Mestrado, 2000 (MIMEO).
- MENEZES**, Marluci. Do espaço ao lugar, do lugar às remodelações sócio-espaciais. IN: Horizontes Antropológicos / UFRGS, IFCH, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Ano 6, n. 13 (2000), Porto Alegre: PPGAS, 2000.
- MENESES**, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma “História Visual”. IN: O imaginário e poético nas Ciências Sociais. José de Souza Martins, Cornelia Eckert e Sylvia Caiuby Novaes (Orgs.), EDUSC, 2005.
- MONTENEGRO**, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 6ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2007.
- MUNFORD**, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. – 4 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NORA**, Pierre. “Entre memória e história. A problemática dos lugares”. **Projeto história** (10). Revista do PPG-Hist/Depto. História/PUCSP, São Paulo, dez. 1993.
- NOVAES**, Sylvia Caiuby. Jogos de Espelhos: imagens da representação de si através dos Outros. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- NUNES**, Brasilmar Ferreira. Weber, Simmel e Wirth: a cidade e o cidadão na sociedade de mercado. IN: Política, ciência e cultura em Max Weber/ Maria Francisca Pinheiro Coelho, Lourdes Bandeira, Marilde Loiola de Menezes (Org.). – Brasília: Ed. UNB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- OLIVEN**, Ruben George. Urbanização e mudança social no Brasil. – Petrópolis, Vozes, 1984.

- OLIVEIRA**, Maria do rosário de. Itinerário Geo-Histórico das paisagens e dos lugares de Maceió. **IN: ARAUJO**, Lindemberg Medeiros (organizador). Geografia: espaço, tempo e planejamento. Maceió: EDUFAL, 2004.
- PARK**, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. **IN: VELHO**, Otávio Guilherme. O Fenômeno urbano. 4ª edição. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1979.
- PAULA**, João Antônio de. As Cidades. **IN: As cidades da cidade / Carlos Antônio Leite Brandão** (organizador). – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- POLLAK**, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212 (1-15).
- POLLAK**, Michael. Memória, esquecimento silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p 3-15.
- PINK**, Sarah. Agendas interdisciplinares na pesquisa visual: reposicionando a antropologia visual. Cadernos de Antropologia e imagem, Rio de Janeiro, 21 (2), 2005.
- PINTO**, Geosélia da Silva. História de Alagoas. Maceió, 1979.
- RAFAEL**, Ulisses Neves. Cidades e Migrações: um esforço analítico dos motivos da atração. MIMEO: 2009.
- REIS**, Antônio. Ponta Grossa, Especial, Jornal Tribuna de Alagoas, 12 de 1996.
- RICHARDSON**, Roberto Jarry et alli. Pesquisa Social: métodos e técnicas. – 3ª Ed. – São Paulo: Editora ATLAS S. A., 1999.
- RIBEIRO**, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROCHA**, Ana Luiza Carvalho da et alli. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. **IN: Imagens e memória: ensaios em Antropologia visual / Mauro Guilherme Pinheiro Koury** (org.). – Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- SANTOS**, Milton. A urbanização brasileira. -5ª Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- SENE**, Eustáquio de. Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização/ Eustáquio de Sene, João Carlos Moreira. – São Paulo: Scipione, 1998.
- SILVA**, Maria Aparecida de Moraes. Das mãos à memória. **IN: Imagens e memória: ensaios em Antropologia visual / Mauro Guilherme Pinheiro Koury** (org.). – Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- SIMMEL**, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. **IN: VELHO**, Otávio Guilherme. O Fenômeno urbano. 4ª edição. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1979.

**SILVA**, Virginia Ferreira da. *Migrantes na periferia urbana: redes sociais e a construção do bairro*. [on-line] in: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, ano 1, versão 1.0, julho, 2007. NAU – Núcleo de Antropologia Urbana Disponível via WWW no URL <http://www.n-a-u.org/pontuurbe02/goncalves2008.html>. Capturado em 15/11/2008.

**THOMPSON**, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**VELHO**, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. – 4 ed. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

**VELHO**, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. Horizontes Antropológicos/ UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Ano 6. N. 13 (2000). Porto Alegre: PPGAS, 2000.

**VIERIA**, Maria do Carmo. “Daqui só saio pó”: conflitos urbanos e mobilização popular: a Salgema e o Pontal da Barra. Maceió: EDUFAL, 1997.

**WEBER**, Max, 1864-1920. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Volume 2 – Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.

**WIRTH**, Louis. O Urbanismo como modo de vida. **IN: VELHO**, Otávio Guilherme. *O Fenômeno urbano*. 4ª edição. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1979.

**WOODWARD**, kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. **IN: Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (Org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – 2ª edição – Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

#### **Site Consultados:**

<http://www.bairrosdemaceio.net/site> . Consultado em 15/03/2008.

<http://www.ibge.gov.br/home/> . Consultado em 13/11/2007.

<http://www.maceio.al.gov.br/> . Consultado em 12/11/2007.

<http://www.n-a-u.org>. Consultado em 15/11/2007 e 2008.

<http://www.scielo.br>. Consultado em 10/10/2006 e 2007.

#### **Jornais Pesquisados:**

**Jornal de Alagoas (de 1915 a 1950).**

**O Jornal (1996).**

**Tribuna de Alagoas (1996 e 1999).**

# ANEXOS

## ANEXO 01 – Roteiro de pesquisa (entrevista)



<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL</b>
<b>INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS</b>
<b>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS</b>

Roteiro de pesquisa (entrevista semi-estruturada) sobre “**É subúrbio isto aqui**”. Trabalho de dissertação do mestrado em Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas, sob **orientação** do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> **Walter Matias Lima**.  
**Mestrando: José de Oliveira Junior.**

### ROTEIRO DE PESQUISA (ENTREVISTA)

1. Há quantos anos mora no bairro de Ponta Grossa?
2. Como era o bairro de Ponta Grossa na época em que veio morar aqui?
3. Quais as mudanças que o bairro de Ponta Grossa sofreu?
4. Como eram comemoradas as festas e festividades no bairro de Ponta Grossa (Carnaval, Festas Juninas, Natal, Ano Novo etc.)?
5. E como tem sido nos dias atuais?
6. O bairro de Ponta Grossa é um bom lugar para se morar, ou existem muitos conflitos?
7. Como é a relação com os outros moradores (vizinhos)?
8. Como era o transporte público que servia ao bairro?
9. E hoje o transporte público, como esta?
10. Existe saneamento básico no bairro de Ponta Grossa (Por que os esgotos ainda são a céu aberto)?
11. O poder público (Governador, Prefeito, Vereador, Deputado Estadual ou Federal) cuida do bairro de Ponta Grossa? De que maneira? Por quê?
12. O que o Sr<sup>o</sup> ou Sr<sup>a</sup> faz pelo seu bairro?
13. O que é necessário para o bairro de Ponta Grossa melhorar?
14. O que o Sr<sup>o</sup> ou Sr<sup>a</sup> sabe a respeito dos cultos afros no bairro?
15. O que pensa sobre isso?



( ) Outros \_\_\_\_\_

**II. Dados sobre a família no bairro:**

**9. Quantas pessoas moram na casa:** ( ) Mora sozinho ( ) 2 pessoas ( ) 3 pessoas

( ) 4 pessoas ( ) 5 pessoas ( ) 6 pessoas

( ) Mais de 6 pessoas \_\_\_\_\_

**10. Qual o nível de escolaridade da família:**

( ) Sem escolaridade ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Médio ( ) Ensino Médio incompleto ( ) Ensino Técnico Completo

( ) Ensino Téc. Incompleto ( ) Ensino Superior Completo ( ) Ensino Superior Incompleto

**11. Há quanto tempo mora no bairro de Ponta Grossa:**

( ) Meses \_\_\_\_\_ ( ) Anos \_\_\_\_\_

**12. Quantos anos tinha quando veio morar aqui (se não lembra, estimativa)?**

\_\_\_\_\_

**13. Gosta do bairro de Ponta Grossa? Por quê?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**14. O que o bairro oferece como meio de lazer?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**15. Como é a vida na cidade? Comente.**

---

---

---

**16. Como é morar no bairro de Ponta Grossa. Descreva.**

---

---

---

**17. O que os políticos fizeram, ou fazem pelo bairro:**

( ) Muito ( ) Pouco ( ) Mais ou menos ( ) Nada

**18. Qual a sua religião? E a da família?**

---

**19. O sistema de transporte do bairro de Ponta Grossa, como é:**

( ) Ruim ( ) Bom ( ) Mais ou menos ( ) Péssimo

**20. Existe saneamento básico nas ruas do bairro de Ponta Grossa? De que tipo?**

---

---

---

**21. Existem conflitos e violência no bairro de Ponta Grossa? De que tipo?**

---

---

---

---

**22. O que mudou no bairro de Ponta Grossa?**

---

---

---

---

**23. O que é necessário para que o bairro de Ponta Grossa possa melhorar?**